



Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências Humanas e da Educação
Direção de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Educação

CURSO DE MESTRADO

**ROTINAS CULTURAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS PELO
IDEÁRIO TÍPICO ALEMÃO BLUMENAUENSE**

MAITE DAIANA BASSANI

**Florianópolis
2020**

MAITE DAIANA BASSANI

**ROTINAS CULTURAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS PELO
IDEÁRIO TÍPICO ALEMÃO BLUMENAUENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para o título de Mestre em Educação, na linha de Pesquisa Políticas Educacionais, Ensino e Formação.

Orientadora: Prof^ª Dra. Julice Dias.

Florianópolis

2020

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UEDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Bassani, Maite Daiana
Rotinas culturais vivenciadas pelas crianças envolvidas pelo
ideário típico alemão blumenauense / Maite Daiana Bassani. -- 2020.
181 p.

Orientador: Julice Dias
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2020.

1. Redes Interdependentes. 2. Habitus. 3. Ideário típico alemão
blumenauense. 4. Rotinas culturais. I. Dias, Julice. II. Universidade
do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

MAITE DAIANA BASSANI

**ROTINAS CULTURAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS ENVOLVIDAS PELO
IDEÁRIO TÍPICO ALEMÃO BLUMENAUENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para o título de Mestre em Educação, na linha de Pesquisa Políticas Educacionais, Ensino e Formação.

Orientadora: Prof^ª Dra. Julice Dias.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Julice Dias

Universidade do Estado de Santa Catarina

Dra. Ana Paula Ferreira da Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dra. Alba Regina Battisti de Souza

Universidade do Estado de Santa Catarina

Dra. Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 08 de dezembro de 2020.

Ao meu avô, Luiz Bassani.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é olhar para esta caminhada e reconhecer que ela não se fez sozinha. Foi um processo de buscas, desvios e recomeços. Este trabalho, apresentado como dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Estado de Santa Catarina, contou com uma rede de pessoas, que teceram apoio, incentivo e suporte, teórico e metodológico, afetivo e emocional.

Agradeço pontualmente as pessoas que deixaram suas marcas, compartilharam comigo os sabores e dissabores desta jornada, seja no abraço caloroso, nas palavras de afeto ou mesmo nas broncas necessárias. Agradeço então:

À professora Dra. Julice Dias, muito além do que a palavra orientadora conota, pessoa que compartilhou seus vastos conhecimentos, poderia dizer, minha grande mestra, que levo para a vida.

Às crianças participantes desta pesquisa, que ao longo de um ano dividiram comigo suas vivências e experiências.

Às famílias que abriram as portas das suas residências, me acolheram em suas rotinas e aceitaram compor esta pesquisa.

Às profissionais da Unidade Educativa pesquisada, que me receberam, partilhando suas jornadas pedagógicas.

Às colegas de trabalho, que durante o período de mestrado, vibravam com as conquistas e me amparavam diante dos relampejos.

À minha querida amiga, Josiane Chiminelli, que tive a oportunidade de conhecer durante uma das disciplinas especiais do mestrado, e posso dizer que não foi ao acaso. Nossa amizade perdurou, entre as longas conversas das idas até Florianópolis, nossas trocas de experiências e risadas das nossas próprias trapalhadas. Depois, mesmo distante, amiga que se fez presente.

À minha família, que compreendeu que as ausências eram necessárias, que a distância era a aproximação do meu sonho, que o amor estava nos pequenos gestos. Em especial, aos meus pais, Maria Isolete Bassani e Laércio Luiz Bassani, que seguraram as minhas mãos e jamais me desampararam. Aos meus filhos, Gabriel Ariel Degenhardt e Miguel Tadeu Waltrick,

meu eterno amor, e afirmo que todo o tempo atrás dos livros e do computador me aproximou da vida, não daquilo que é fugaz, mas do conhecimento. E sei que se orgulham disso.

À banca examinadora de qualificação, composta pelos professores Dra. Ana Paula Ferreira da Silva, Dra. Silvia Maria Fávero Arend, Dra. Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins, pelas contribuições ao trabalho.

BASSANI, Maite Daiana. **Rotinas Culturais vivenciadas por crianças envolvidas pelo ideário típico alemão blumenauense**. 2020. 181p. Dissertação (Para obtenção do Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

RESUMO

A presente pesquisa está atrelada ao Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), para obtenção do Mestrado em Educação, na linha de Pesquisa Políticas Educacionais, Ensino e Formação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, dispondo de alguns procedimentos metodológicos da etnografia, assumindo um caráter de estudo configuracional (ELIAS, 1999), que investiga as redes de relações entre os indivíduos, envolvendo a instituição de Educação Infantil, família e cidade. Redes de relações interdependentes, um termo cunhado por Norbert Elias (1994) para expressar as funções que os indivíduos exercem uns sobre os outros. Embora seres individuais, homens, mulheres e crianças são plurais na sua constituição enquanto grupos, na dimensão *eu- nós e eles- outros*. O presente trabalho teve como foco de investigação a relação entre cidade, crianças, famílias, e a Unidade de Educação Infantil. Tendo como problemática central a manutenção e conservação do ideário típico alemão blumenauense, em torno do *habitus* germânico, buscando compreender como ele opera na contemporaneidade com o grupo de crianças de três a quatro anos de idade, em seus modos de ser, pensar, agir, sentir. Partindo da referência projetada na cidade de Blumenau, fortemente amalgamada em uma autoimagem como *Pedacinho da Alemanha no Sul do Brasil*. O tipo de indivíduo ideal blumenauense, sustenta-se em comportamentos estabelecidos em uma rede de interdependência, engendrada por jogos de poder desde sua implantação como Colônia no século XIX. É nessas coalizões de forças, que buscou-se identificar os sentidos valorados nas redes interativas, consolidados pelo *habitus* germânico. Em se tratando de um estudo configuracional, selecionou-se como instrumentos de pesquisa, análise de fontes documentais, entrevistas com as famílias partícipes do estudo e professoras, observações no âmbito familiar e na Unidade de Educação Infantil na turma de três a quatro anos. Utilizando categorias sociológicas como *habitus* (ELIAS, 1994), fachada (GOFMANN), 1983), rotinas culturais, redes interpretativas, cultura de pares (CORSARO, 2011), o estudo parte do suposto que Blumenau no recorte temporal entre 2000 a 2018, veicula por formas simbólicas a manutenção de redes de interdependência que atuam, em coalizão de forças, para manter um cenário típico de germanidade. Tendo como unidade de análise os modos de ser, sentir, agir e pensar, manifestos pelas crianças em suas redes interativas, na produção e reprodução do ideário típico alemão blumenauense, o estudo identificou que para aquelas descendentes de alemães, o *habitus* germânico está expresso no seu *modus vivendi*, articulado ao sentimento de pertencimento às manifestações culturais produzidas na e pela cidade, de um tipo ideal de indivíduo ordeiro, limpo, próspero, trabalhador, com jardins floridos (SEYFERTH, 1981). Contudo, mostrou nessa rede de relações entre os indivíduos, que as crianças advindas de outras regiões do país, vivenciavam em suas rotinas culturais, diferentes comunidades de sentido (DIAS, 2009), diferenciando-se daquelas construídas e consolidadas pelos grupos estabelecidos blumenauenses.

Palavras – chave: Redes Interdependentes. *Habitus*. Ideário típico alemão blumenauense.

BASSANI, Maite Daiana. **Rotinas Culturais vivenciadas por crianças envolvidas pelo ideário típico alemão blumenauense**. 2020. 181p. Dissertação (Para obtenção do Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

ABSTRACT

This research is linked to the Postgraduate Program in Education, from the State University of Santa Catarina (UDESC), to obtain the Master in Education, in the line of Research Educational Policies, Teaching and Training. It is a qualitative research, using some methodological procedures of ethnography, assuming a character of configurational study (ELIAS, 1999), which investigates the networks of relationships between individuals, involving the institution of Early Childhood Education, family and city. Networks of interdependent relationships, a term coined by Norbert Elias (1994) to express the functions that individuals exercise over each other. Although individual beings, men, women and children are plural in their constitution as groups, in the dimension me- us and them- others. This work focused on the relationship between the city, children, families, and the Child Education Unit. Having as main problem the maintenance and conservation of the typical German idea of Blumenau, around the Germanic habitus, seeking to understand how it operates in contemporary times with the group of children from three to four years of age, in their ways of being, thinking, acting, to sense. Starting from the projected reference in the city of Blumenau, strongly amalgamated in a self-image like little piece of Germany in southern Brazil. The ideal type of person from Blumenau, is based on behaviors established in a network of interdependence, engendered by power games since its implantation as a colony in the 19th century. It is in these coalitions of forces that we sought to identify the senses valued in interactive networks, consolidated by the Germanic habitus. In the case of a configurational study, research instruments were selected, analysis of documentary sources, interviews with the families participating in the study and teachers, observations within the family and in the Child Education Unit in the class of three to four years. Using sociological categories such as habitus (ELIAS, 1994), facade (GOFMANN), 1983), cultural routines, interpretive networks, peer culture (CORSARO, 2011), the study starts from the assumption that Blumenau in the time frame between 2000 to 2018, conveys in symbolic ways the maintenance of networks of interdependence that act, in coalition of forces, to maintain a typical scenario of Germanity. Taking as a unit of analysis the ways of being, feeling, acting and thinking, manifested by children in their interactive networks, in the production and reproduction of typical German ideas from Blumenau, the study identified that for those descendants of Germans, the Germanic habitus is expressed in his *modus vivendi*, articulated with the feeling of belonging to the cultural manifestations produced in and by the city, of an ideal type of orderly, clean, prosperous, hard-working individual, with flower gardens (SEYFERTH, 1981). However, it showed in this network of relationships between individuals, that children from other regions of the country experienced, in their cultural routines, different communities of meaning (DIAS, 2009), differing from those built and consolidated by established groups from Blumenau.

Keywords: Interdependent Networks. *Habitus*. Typical German idiom from Blumenau.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização de Blumenau no mapa de Santa Catarina	29
Figura 2: Mapa Urbano da cidade de Blumenau	30
Figura 3: Igreja Martin Luther, da Itoupava Seca, 1954. Arquiteto: Hans Broos	86
Figura 4: Outdoors colocados nas principais rodovias de acesso à cidade no ano de 2014	93
Figura 5: <i>Slogan</i> para divulgação turística da cidade de Blumenau em 2015, permanecendo até os dias atuais	94
Figura 6: George moendo o capim do engenho.....	125
Figura 7: George descarregando a serragem na serraria	127
Figura 8: George capinando o quintal de casa.....	128
Figura 9: Paulo selecionando o milho.....	134
Figura 10: Paulo debulhando o milho.....	134
Figura 11: Paulo moendo o milho.....	135
Figura 12: Paulo tratando as galinhas	135
Figura 13: Ricardo no balanço.....	140
Figura 14: Ana e o pai em um momento de brincadeira partilhada.....	143
Figura 15: Competição da sopa	146
Figura 16: Bolo de areia feito por Ricardo.....	148
Figura 17: George coletando o adubo.....	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População de Blumenau (2000-2010)	31
Tabela 2: Lugar de nascimento da população de Blumenau em julho de 2005	31
Tabela 3: População residente por religião	32
Tabela 4: Quadro Estatístico da Colônia Blumenau entre 1860 - 1861	45
Tabela 5: Estabelecimentos da produção artesanal de Blumenau - 1861-1880	50
Tabela 6: Rede e Relações Capitais da família Hering	52
Tabela 7: Ano de Fundação das principais empresas industriais	53
Tabela 8: Empresários do setor têxtil no poder municipal 1893-1834	66

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIB – Associação Comercial e Industrial de Blumenau

AHJFS – Arquivo José Ferreira da Silva

AIB – Ação Integralista Brasileira

APESC- Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FURB – Universidade Regional de Blumenau

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

NSDAP – Partido Nacional Socialista Alemão

PIB – Produto Interno Bruto

PLC – Partido Liberal Catarinense

PPP – Projeto Político Pedagógico

PRC – Partido Republicano Catarinense

PSD – Partido Social Democrático

SC – Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CONTEXTUALIZANDO OS CENÁRIOS DO ESTUDO	29
1.1 APROXIMAÇÕES COM A CIDADE.....	29
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL INVESTIGADA ...	35
1.3 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO E POPULAÇÃO ATENDIDA	36
1.4 RELAÇÕES ENTRE O CEI FIDEL E AS FAMÍLIAS	38
1.5 BLUMENAU: UMA HISTÓRIA QUE SEDUZ	40
1.6 AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: (1862 – 1900)	58
1.7 OS CLUBES DE CAÇA E TIRO: A PRESERVAÇÃO DO <i>DEUSTCHUM</i>	61
1.8 O SILENCIAMENTO DE UM PASSADO: O PERÍODO NACIONALIZADOR NA CIDADE DE BLUMENAU (1930-1945)	64
1.9 AS ESCOLAS BLUMENAUENSES SOB A INTERVENÇÃO DO PROJETO NACIONALIZADOR (1930-1945).....	77
2.1 BLUMENAU: ENTRE A ESPETACULARIZAÇÃO DA MEMÓRIA E O PRESENTE VIVIDO.....	84
2.2 BLUMENAU: ENTRE O SAUDOSO ALEMÃO E A NOVA GENTE	101
2.3 O ARTISTA LOCAL ESTÁ MORRENDO DE FOME: FOME DE CULTURA!	106
2.4 O CENÁRIO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL FIDEL: MOBILIZAÇÃO EM TORNO DA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA NA CIDADE.....	110
3.1 PENSANDO NA PERSPECTIVA DE ANÁLISE	119
3.2 APROXIMAÇÕES COM AS FAMÍLIAS	121
3.3 “VOCÊ NÃO AJUDOU EM NADA ATÉ AGORA”: TECENDO AS REDES DE SIGNOS E SIGNIFICADOS PARTILHADOS POR GEORGE.....	121
3.4 PAULO: “EI, CADÊ AS SUAS BOTAS?”	129
3.4 REDES DE SOCIABILIDADES: ROTINAS CULTURAIS DE RICARDO.....	137
3.5 AS PORTAS ABERTAS: AS ROTINAS CULTURAIS DE ANA.....	141
3.6 ADENTRANDO O ESPAÇO INSTITUCIONAL: PARTILHANDO SENTIDOS E SIGNIFICADOS.....	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	159
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO PARA AS FAMÍLIAS	165
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PARA AS PROFISSIONAIS DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA	169
APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO DE MENORES CAE: 08975519.1.0000.0118	174
APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES CAE: 08975519.1.0000.0118	177
APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO FAMILIARES CAE: 08975519.1.0000.0118	179

APÊNDICE E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PROFESSORAS DA UNIDADE EDUCATIVA (CAE: 08975519.1.0000.0118)	182
--	------------

INTRODUÇÃO

Não raro, muitos pesquisadores almejam aprofundar seus estudos buscando qualificar sua inserção na pesquisa, mas também sua atuação profissional. O Programa de Mestrado em Educação parecia algo tão distante da minha realidade, embora o desejo por fazê-lo sempre foi intenso.

A aproximação com a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) ocorreu na acolhida da disciplina “Infância, Educação Infantil e Cidade: da invisibilidade política às produções culturais das crianças” do Mestrado em Educação (2016) como aluna especial, o que intensificou e tornou mais próximo um desejo que parecia tão distante. Nessas vindas para Florianópolis e Semanas Acadêmicas na UDESC, tive a acolhida do Grupo de Estudos em Educação Infantil (GEDIN) e do Grupo de Estudos Freireanos (2017).

Também cursei a disciplina “Políticas Educacionais e Formação Docente” como aluna especial. Minha relação com a UDESC tornou-se imprescindível para avanços nos estudos e pesquisas, principalmente aquelas relacionadas à Educação Infantil. A escolha da linha de pesquisa “Políticas Educacionais, Ensino e Formação”, e a vinculação ao GEDIN estão em consonância com o objeto de pesquisa deste estudo.

Nascida e criada em um vale colonizado por alemães, cuja cidade - Blumenau – vem sendo estampada como “O Brasil de Alma Alemã”, ou um *pedacinho da Alemanha no Sul do Brasil*, permeado por suas tradições germânicas, vim, ao longo dos anos, como descendente de italianos, sentindo - me estrangeira em uma cidade que talvez não possa chamar de minha, pelo que lhe é veiculado, interna e externamente, como sendo *lócus* de uma cultura e, portanto, de mentalidades padronizadas em torno do “típico alemão blumenauense”. Seria então eu uma *outsider*¹?

Em minhas vivências na cidade, lembro que havia uma separação clara entre eles (alemães) e nós (descendentes de italianos). Em minha família, a tia que casou com descendente de alemães, sofria com os olhares e comentários do restante do grupo familiar. *Alemão bebe demais, fala alto demais, é esganado. Porém, reconheciam: é trabalhador.* As festas de aniversário eram realizadas separadas, uma para os familiares dela e outra para os dele, para evitar atritos. Lembro que quando eles (descendentes de alemães) estavam conosco, era de bom

¹ *Outsiders*, termo apresentado por Elias (2000) constituem geralmente um subgrupo, assumem na configuração, *status* considerado de menor valor social.

costume cumprimentá-los dando as mãos, sendo que sempre nos saudavam em alemão. Conversavam entre si em alemão, eu, porém, nunca compreendia nada.

Entre *eles e nós*, foi nesse vale que dei meus primeiros passos rumo à Educação. A escolha pela Pedagogia veio de um sonho de menina, criada e embalada pelo avô licenciado em Pedagogia, professor de carreira e gestor de escola durante longos anos. Até hoje guardo com muito carinho os livros amarelados de Paulo Freire, que um dia serviram como militância pedagógica para meu avô (*in memoriam*).

Durante o curso de Pedagogia iniciado no ano de 2001, na Universidade Regional de Blumenau (FURB), adentrei o campo da infância, aprofundando o estudo e pesquisa durante o Trabalho de Conclusão de Curso. Iniciei como professora de Educação Infantil no ano de 2004. Em 2005 iniciei a Especialização em Gestão Escolar, também na Universidade Regional de Blumenau.

Nos anos de 2010 e 2011 tive a oportunidade de integrar a Secretaria Municipal de Educação de Blumenau (SEMED), acompanhando as unidades de pré-escolas, que estavam em salas cedidas pelo Estado. Nesse período conheci diferentes bairros e contextos de Blumenau.

No ano de 2013 me efetivei como coordenadora pedagógica no serviço público de Blumenau. Realizei outra especialização em Coordenação Pedagógica, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A instituição na qual atuo como coordenadora pedagógica é um Centro de Educação Infantil localizado na zona rural, com grande número de descendentes de alemães. É uma comunidade cercada por vegetação, animais de criação, como galinhas, vacas, ovelhas. As crianças geralmente chegam no primeiro horário² à unidade e as famílias no momento de buscá-las sempre param para uma conversa, contando fatos de seu cotidiano. Essa aproximação com uma comunidade de grande número de descendentes de alemães fomentou ainda mais minhas indagações acerca desta pesquisa, pois, foi nesse contexto que as percepções que sentia na minha experiência pessoal e familiar, como descrito anteriormente, foram expressas também nas relações que se engendraram na comunidade, em sua interação com a unidade educativa. Embora já soubesse da necessidade e importância da relação entre unidade educativa e famílias desde meus estudos na graduação, foi a partir da disciplina cursada como aluna especial no Mestrado em Educação que passei a me indagar e a compreender que essa relação está envolta

² Horário de atendimento da instituição: 6h30min às 18h

e circunscrita num contexto macro e micro, qual seja, a tríade unidade educativa-famílias-cidade.

Instituição de Educação Infantil, Família e Cidade

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, constitui-se como espaço formal de educação coletiva da primeira infância, na ampliação de conhecimento e acesso ao patrimônio cultural produzido historicamente. É nesse espaço que se traduzem as relações sociais, permeadas por valores e comportamentos sociais estabelecidos pelos grupos societários que compõem a cidade. Para além do conhecimento científico, é na e pela instituição de Educação Infantil também que padrões culturais e simbologias são veiculados, orientando a ação social engendrada no cotidiano. As ações que se configuram na estrutura social que chamamos cidade, estão circunscritas num espaço geográfico, social, cultural, que por sua vez constroem e sustentam sentimentos de pertença a uma rede de indivíduos, que tecem entre si uma relação de dependência e interdependência (ELIAS, 1990).

Segundo Elias (1990) cada indivíduo está inserido num complexo funcional, em uma teia humana, com padrões específicos de cada sociedade, uma função social só existe e é mantida em relação a outras funções. “É a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais, que chamamos *sociedade (grifo do autor)*”. (ELIAS, 1990, p.23)

Destarte, a instituição de Educação Infantil estabelece um intercâmbio com a cidade e indivíduos com diferentes funções, como as famílias, profissionais e crianças, pois “[...] cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem.” (ELIAS, 1990, p.23)

Nesse elo, o indivíduo constituído pela identidade do *eu*, mantém – se interdependente ao elo do *nós*. “Não há identidade do eu sem identidade nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu - nós, o padrão da relação eu - nós”. (ELIAS, 1990, p.152)

Nessa balança configuracional, a relação eu – nós expressa entre si modulações de comportamentos e emoções, códigos de conduta, modos de ser, pensar e agir, que estabelecem

um *modus vivendi*. Nessas modulações que os indivíduos exercem entre si, operam relações de poder, as quais exercem função de controle em relação aos instintos e às paixões.

No que concerne à identidade nós, Elias (1990) afirma que a família assume um papel preponderante, com carga afetiva elevada. No nascimento, ao receber o sobrenome, o ser humano já carrega consigo o pertencimento a um grupo, marcado por suas histórias. É no seio familiar que se modulam os comportamentos por um código comum, pela transmissão de padrões culturais.

Mesmo na sua singularidade o indivíduo está amalgamado à sua configuração social. Para Elias (1990) o que difere o indivíduo de outros membros da sociedade é o *habitus*. Todavia, o *habitus* constitui uma unidade de sobrevivência das tradições culturais de um grupo social, na balança nós – eu, bem como nos sentimentos e comportamentos individuais.

Nessa perspectiva, a cultura permeia as redes configuracionais, normatizando padrões, processos sociais de controle e subordinação. Segundo Willians (1979) a cultura é marcada por padrões globais comuns de crenças, valores, tradições, compartilhadas por um grupo. Elias (1994) ressalta que a palavra *Kultiviert* (cultivado) está próxima do conceito de civilização, referindo-se à forma de comportamento social das pessoas, às realizações humanas.

Todavia, o emprego da palavra civilização não é sentido da mesma forma em todas as nações do Ocidente. Na Alemanha, o termo *Kultur* acentua a consciência de suas diferenças nacionais, a demarcação enquanto um grupo no sentido político e religioso, independente das fronteiras territoriais.

Os conceitos de Kultur e ‘civilização’, para sermos exatos, portam o selo não de seitas ou famílias, mas de povos inteiros ou talvez apenas de certas classes. Mas, em muitos aspectos, o que se aplica à palavra específica de grupos menores estende-se também a eles: são usados basicamente por e para os povos que compartilham uma tradição e situação particulares. (ELIAS, 1994, p.26)

A cultura, assinala Willians (1979), é para todos, mas difere-se entre os grupos. O processo cultural não é homogêneo, sendo uma rede de significados controlada pelas relações de interesses comuns, estabelecidas pelos grupos sociais. Nessa circularidade da cultura, na divisão entre os grupos e subgrupos, o poder e o *status* são elementos preponderantes na dinâmica da vida social.

Consustanciando a divisão dos grupos, Elias (2000) apresenta os termos *estabelecidos* para designar o grupo que se auto - percebe como superior aos outros, com tradição, autoridade e influência. Por sua vez, os *outsiders* não constituem propriamente um grupo, sendo

compreendidos como subgrupo, por assumirem na configuração, status considerado de menor status social. Geralmente são estigmatizados pelo grupo dos estabelecidos.

De acordo com Elias (2000) repetidamente os *outsiders* são vistos pelos *estabelecidos* como indisciplinados, desordeiros, e em casos de opressão ostensiva, tidos como sujeitos, forasteiros. Os grupos *estabelecidos*, tidos como os que seguem a tradição, geralmente são compostos por famílias reconhecidas socialmente, as quais procuram manter sua superioridade.

Como os estabelecidos costumam ter uma integração maior e ser mais poderosos, eles conseguem, através da indução mútua e da colocação dos céticos no ostracismo, dar uma sólida sustentação a suas crenças. Muitas vezes, logram induzir até mesmo os outsiders a aceitarem uma imagem de si modelada pela “minoridade dos piores”, bem como uma imagem dos estabelecidos modelada pela “minoridade dos melhores”. É com base nos afetos e nas emoções que se produz essa forma de generalização da parte para o todo. (ELIAS, 2000, p.175)

Nesse sentido, pode-se afirmar que relações de interdependência são marcadas por relações de poder. Poder em movimento, latente e manifesto nas relações entre os indivíduos das instituições e da cidade. A cultura assume um papel central, sendo essa uma rede de signos e sentidos, expressos no cotidiano, constituídos e constituidores de mentalidades. O fato é que a cultura, sendo um sistema de sentidos compartilhados por um grupo, é eivada de valores, crenças, práticas culturais.

Por meio da cultura articulam-se jogos de interesse para a manutenção e projeção de um projeto político, ou do *tipo ideal* de indivíduo. Para tanto, o tripé instituição de Educação Infantil, família e cidade opera notadamente nos modos de vida dos indivíduos, modulando seus modos de sentir, agir, pensar e relacionar-se.

É nessas coalizões de forças, que busco compreender como os modos de ser, sentir, agir, envolto num ideário típico blumenauense, operam na contemporaneidade, com crianças de três a quatro anos de idade, tanto no espaço institucional da unidade de Educação Infantil, como também no espaço doméstico, compartilhado pelos membros da família. Sujeitos que produzem e recebem cultura, por meio das interações vividas na configuração social: crianças, famílias, adultos, profissionais da instituição, cidade.

Ao reconhecer e observar a comunidade na qual vive, a criança reproduz e interpreta suas maneiras de vida. Conforme adquire experiências, ela constitui sua identidade pessoal e cultural no contexto em que está imersa. Nessa perspectiva, “[...] a criança e sua infância são afetadas e também afetam a sociedade e cultura da qual fazem parte.

Adentrar a rede de sentidos e significados de um grupo, demanda compreender o arcabouço de suas funções interdependentes, ligadas à balança eu – nós. Segundo Elias (1994,

p.181) “Quando as pessoas se tornam interdependentes, a pesquisa está fadada a ser estéril se o investigador as estudar isoladamente e se tentar explicar sua segregação em grupos como se elas fossem coisas separadas”.

Foi nesse cenário que comecei a delinear o presente estudo, a partir das interações por mim vividas nos micro eventos que envolvem a família, a cidade, a unidade educativa, o trabalho. Blumenau, uma cidade diversa em sua composição populacional, portanto, com diversas etnias e culturas. No entanto, a cultura germânica é preponderante nos espaços, nos discursos, nos modos de sentir, agir, na busca do *tipo ideal* de alemão blumenauense.

Desde a sua fundação, foram se constituindo no espaço Colônia e mais tarde, nos espaços urbanos, os modos de ser e sentir de um típico alemão blumenauense, marcado pelo *ethos* do trabalho, acúmulo de bens materiais, manutenção da língua alemã e das tradições, nomeadamente o *habitus* de um povo limpo, ordeiro, trabalhador. Todavia, os modos de ser, sentir e agir como um típico alemão blumenauense, não são heranças germânicas, foram tacitamente engendrados pelo fundador da Colônia, por imigrantes de renome, por autoridades políticas, pela imprensa, pelas escolas, por associações, por planos de governo. São nessas coalizões de forças, que se operam as dimensões legitimadas de um ideário típico alemão blumenauense.

Diálogos iniciais com a pesquisa

Historicamente a cidade de Blumenau, localizada no norte de Santa Catarina (Vale do Itajaí), teve grandes influências germânicas herdadas da sua colonização em 1850 por imigrantes alemães. A cidade carrega a exaltação da cultura alemã, arraigada até meados do século XX por elementos simbólicos do *Deutschtum*³ (expressão utilizada para definir os modos de vida germânicos, manutenção da língua e costumes alemães), ou seja, língua alemã, gastronomia, arquitetura, músicas, danças e festas típicas.

[...] as palavras *Deutschtum*, *Volkstum* e *Kultur* são usadas como marcadores da diferença cultural mais intensivamente do que as traduções dicionarizadas, que apontam, respectivamente, para germanismo, nacionalidade (alemã) e cultura/civilização, sugerem. Termos conceituais como *Volkstum* ou *Deutschtum* remetem à idéia de uma cultura popular apropriadamente germânica, construída na longa duração, mas o significante nacional inclui também uma noção de pertencimento comunitário que, no discurso teuto-brasileiro, está mais próximo de

³O conceito *Deutschtum* segundo SEYFERTH *apud* DIAS (2009, p. 53) representou para os alemães, o sentimento de pertença a uma comunidade de interesses culturais, coesa pela língua e pela raça, em síntese, uma ‘consciência nacional’ alemã.

uma representação ‘nativa’ de etnicidade primordial. (SEYFERTH, 2004, p.7, grifos da autora)

A exaltação da cultura alemã constituiu o ideário de uma sociedade germânica, a inventividade de uma imagem dominante : Blumenau - Brasilien aus der deutschen Seele (Blumenau - o Brasil de alma alemã), traduzida nos *slogans* da cidade (2015), com abrangência internacional. Ao apresentar a cultura alemã como única e legítima na cidade, distanciam-se as heterogeneidades culturais, buscando homogeneizar o que é diverso. Nesse sentido, reforça-se nas configurações sociais a suposta superioridade alemã baseada no silenciamento de outras etnias.

É nesse contexto de silenciamento que operam os *estabelecidos* e os *outsiders*. Elias (2000), considera grupo de *estabelecidos* os que se autopercebem como superiores aos outros, por meio de uma identidade social constituída na tradição, autoridade e influência. Enquanto os *outsiders* constituem grupos heterogêneos estigmatizados pelos *estabelecidos*, vistos como os não membros da “boa sociedade”. Nesta dissertação trato como grupo *estabelecidos* aqueles que ocuparam ou ocupam posições de prestígio na cidade de Blumenau. Dentre eles, Dr. Blumenau, Associação Comercial e Industrial de Blumenau (ACIB), Empresários, Secretaria Municipal de Turismo, a Mídia local, grupos coesos que se mobilizaram ou mobilizam a construção simbólica de um ideário germânico na cidade.

Dr. Blumenau, desde a colonização da cidade, demonstrou-se seletivo no seu projeto de fundar e administrar a Colônia, escolhendo com rigor os colonos para seu empreendimento. Trabalho e produtividade eram o ideário que regia sua liderança junto aos colonos. Todavia, a Associação Comercial e Industrial de Blumenau (ACIB), os Empresários, a Secretaria Municipal de Turismo, empreenderam na cidade, sobretudo, a partir de 1960, um investimento na memória histórica da configuração, com a exaltação da germanidade, homogeneização da cultura alemã por meio da indústria do turismo e da publicidade.

Em Blumenau raramente comemos chucrute com salsicha, Joelho de porco, repolho roxo, tampouco, andamos com trajes típicos ou falamos em alemão. A questão que instala curiosidade é: por que manter a soberania de uma identidade germânica em Blumenau?

Manifestar a pluralidade cultural e social torna-se uma necessidade básica, na superação de preconceitos e comportamentos modelares de uma cidade planejada para a imposição de uma identidade única. Sobre Blumenau, Schwartz e Machado (2013, p.34) afirmam:

[...] é reivindicada uma cultura do passado tentando torná-la presente e por outro, este mesmo presente ignora demandas contemporâneas por conta de uma idealização do

passado. Esta tentativa de ´atualizar o que pertence ao passado não seria mais do que uma maneira de tornar presente, na aparência, o que não está mais´.

Em conformidade com Seyferth (2004) Blumenau tem uma dimensão específica da vida germânica, configurando uma sociabilidade articulada à noção do *Kultur*. Há um ambiente da paisagem, dos costumes, do cotidiano, marcados por uma colonização alemã. Existe uma produção literária, veículos da imprensa, tipografias, livraria, mapa turístico, que buscam intensificar essa germanidade, desde sua instalação como Colônia no séc. XIX.

A chegada dos imigrantes alemães ao Brasil foi marcada pelo sentimento de superioridade e desprezo dos europeus pelos nativos. Segundo Santana (2010) essa superioridade foi legitimada pela própria elite nacional, por meio da raça e do trabalho dos alemães em territórios brasileiros. O que consolidou a legitimação dos discursos dos teuto-brasileiros trabalhadores e os lusos - brasileiros preguiçosos. De acordo com Dias (2009, p.70),

O binômio teuto-brasileiro, portanto, soma certa ambiguidade: são teutos por herança, pelo sangue, pelo amor à nação de origem dos seus ancestrais, e são brasileiros pela terra onde produzem, pela e para qual são responsáveis em trabalhar para seu engrandecimento econômico e político.

Os imigrantes alemães em terras blumenauenses, sob o comando do fundador da cidade, Dr. Hermann Otto Bruno Blumenau, investiram no fortalecimento das ideias nacionalistas de germanidade, para que se sentissem alemães mesmo fora de sua terra de origem.

Nesse período, sentimentos de pertença como ordem, honestidade, desejo de ascender economicamente, sentimento de superioridade aos brasileiros, caboclos e bugres, assim como forte apego ao dinheiro são manifestos em correspondências trocadas entre os imigrantes e seus parentes que ficaram na nação de origem. (DIAS, 2009, p. 54)

São esses sentimentos que tomam como referência o *habitus* germânico, o ideário de ser blumenauense, povo trabalhador, limpo, ordeiro, empreendedor, honesto, moralmente superior.

Desde então, alguns discursos têm sido recorrentes em Blumenau, impondo um modelo de “vender” a cidade, legitimado nas narrativas sobre o município, no sentido de perpetuar um ideário alemão.

Produzidos para serem mostrados na festa, o grande acontecimento turístico, nos desfiles, nos shows folclóricos, nas bandas musicais, nas lojas, nos serviços, nas ruas, seus corpos devem se conformar aos códigos étnicos da germanidade. Povo ordeiro, trabalhador, limpo, progressista, mulheres e crianças louras, saudáveis, bem coradas. É a germanidade do povo que é prometida ao turista, com seu casario enxaimel, os gerânios nas sacadas, os jardins bem cuidados, as ruas e os sanitários muito limpos e, especialmente, moradores que ‘preservam o ethos germânico’: o trabalho, a limpeza, o capricho dos bordados, um gosto especial pela culinária e pelos quitutes, uma tradição musical. (CAMPOS, FLORES, 2007, p. 286)

Temos como pressuposto que crianças que residem em Blumenau, na faixa etária entre três a quatro anos, em um bairro considerado com grande concentração de moradores alemães, vivenciam em seu cotidiano a produção e reprodução do ideário alemão tanto no espaço coletivo da Educação Infantil, como nas reproduções interpretativas e rotinas culturais no âmbito familiar.

Portanto, procurar-se-á nesta pesquisa compreender como se produz e reproduz o ideário de um cidadão típico alemão blumenauense, nos modos de ser, pensar e agir das crianças de três e quatro anos, em uma cidade projetada como “o Brasil de alma alemã”. O que as envolve ou as distancia desse ideário típico blumenauense? Quais suas vivências na instituição pública de Educação Infantil que traduzem o *modus operandi* típico blumenauense? O que as crianças têm a nos dizer? O que pensam? Como agem? Como se sentem frente a esse ideário germânico? Como são estruturadas as rotinas culturais na família e instituição de Educação Infantil?

Assim, o objeto de estudo desta pesquisa se fixa na compreensão de como se produz e reproduz o ideário típico alemão blumenauense, nos modos de ser, pensar e agir das crianças, constituído historicamente, desde a instalação da Colônia Blumenau, legitimados pelas dimensões do povo ordeiro, trabalhador, honesto, economicamente estruturado, moralmente superior, até o recorte temporal do presente estudo.

O estudo estrutura-se metodologicamente em observações minuciosas das crianças em suas rotinas culturais, bem como diálogos com elas durante a visita a campo, enquanto sujeitos atravessados por esses processos culturais que circunscrevem suas vidas na cidade.

[...] a cultura não é dada. Não é natural e sim produzida e reproduzida comportando sempre jogos de interesse, projetos políticos, ideários de grupos majoritários, representativos do passado e objeto de conformação no presente de projeções de manutenção da situação para o futuro. (DIAS, 2009, p.19)

É em torno desse ideário construído nas relações de interdependência, na *relação de uns em função dos outros*. (ELIAS, 1994, p.22) que cidade, famílias, instituição de Educação Infantil, adotam códigos de conduta inerentes ao *habitus* germânico, em que operam modos de sentir, agir, pensar. Por meio dessas relações produzem ideais, de como organizar sua moradia, cultivar seu quintal, comportar-se no trabalho, lugares a frequentar, como se relacionar com pessoas de “fora”.

De acordo com Seyferth (2004), palavras chaves são notoriamente repetidas quando se trata da reprodução da germanidade como: *Treue* (lealdade), *Segen* (prosperidade), *Ehre*

(honra), *Liebe* (amor), *Deutsche Kultur* (cultura alemã), *Kampf* (luta), *Volk* (povo) – nesse caso, relacionados à união com a “terra pátria” (Alemanha).

A unidade analítica deste estudo está amparada nos estudos de Corsaro (2009, 2011), nomeadamente no que toca à abordagem etnográfica e aos conceitos de reprodução interpretativa, rotinas culturais, crianças e famílias na perspectiva da Sociologia da Infância. Em Dias (2009), no que toca à relação escola, cidade e famílias. Em Elias (1993, 1994, 1997, 2000) acerca das configurações sociais – teias de interdependências, processos civilizatórios, *habitus* e *kultur*. Também em Hall (2002) e Seyferth (1994, 2004), a partir dos conceitos de identidade e cultura. Por fim, em Willians (2000) para o conceito de Cultura e Goffmann (2014) para compreensão das representações estabelecidas pelos indivíduos no cotidiano.

A inquietação primeira desta pesquisa perpassa por experiências acumuladas em minha pessoa, como blumenauense, cuja descendência italiana, distante de uma criação da *Kultur* alemã, todavia, fortemente influenciada na escola pela supervalorização de um ideário de uma cidadã típica blumenauense. Lembro que as professoras sempre no primeiro dia letivo perguntavam quem era de descendência alemã, chegavam por muitas vezes falar em alemão, mesmo tendo muitos alunos que não compreendiam tal idioma. Sempre ressaltavam os cadernos limpos e caprichados das colegas descendentes de alemães, os demais eram estigmatizados, chamados de sujos, os cadernos eram apagados pelas professoras até rasgarem as páginas, quando não a contento, mandavam que cheirássemos a parede. As propostas seguiam uma rotina de atividade rígida, prezava-se pela ordem e disciplina. Embora fosse uma escola pública, fazíamos oração sempre no início da aula, e por algumas vezes íamos à igreja católica próxima à escola em datas como a Páscoa.

Diante de uma diversidade étnica, advinda de processos imigratórios e migratórios, Blumenau parece mascarar nas suas narrativas e simbologias, a existência de outras culturas.

Articulando então minhas experiências pessoais, profissionais, acadêmicas, com a ancoragem conceitual manifesta anteriormente, que construí o desenho metodológico do estudo.

Desenho Metodológico

A abordagem desta pesquisa será de cunho qualitativo, utilizando alguns procedimentos metodológicos da etnografia, tais como anotações em diário de campo e gravações em áudio, bem como entrevistas com familiares, professoras e crianças.

Segundo Corsaro (2011, p.63),

A etnografia é um método eficaz para estudar crianças porque muitos recursos de suas interações e culturas são produzidos e compartilhados no presente e não podem ser obtidos facilmente por meio de entrevistas reflexivas ou questionário.

Haja vista que o estudo etnográfico, em consonância com Corsaro (2011), é denso e prolongado no acúmulo de especificidades da vida cotidiana das crianças, esta pesquisa, pela brevidade do tempo do Curso de Mestrado, portanto, não dispondo de um tempo tão longínquo de permanência em campo, se apropriará, como já afirmamos, de alguns procedimentos metodológicos da etnografia, não se configurando propriamente como uma pesquisa etnográfica.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa com as crianças, na observação das reproduções interpretativas e rotinas culturais (CORSARO, 2011) vivenciadas na instituição de Educação Infantil pública municipal de Blumenau e também no contexto familiar.

Como afirma Dias (2009, p.15),

A escola, social e culturalmente edificada em determinado espaço geográfico da cidade, configura-se como lugar, porque ocupada e utilizada por grupos humanos, sedia e veicula em seu interior uma gama de simbologias que fazem parte das práticas sociais da cidade e dos grupos que a constituem.

Interessada em conhecer essas simbologias e o modo como as crianças a reproduzem de modo interpretativo, no conjunto das rotinas culturais na unidade de Educação Infantil e no espaço familiar, a pesquisa foi realizada com um grupo de quatro crianças entre três e quatro anos de idade, matriculadas numa unidade educativa em uma região periférica da cidade. Tendo o uso minucioso do diário de campo e gravações em áudio, bem como observações das rotinas culturais escolares e familiares, além de entrevistas com crianças, famílias e professoras.

Assumindo o caráter de um estudo configuracional (DIAS, 2009), implica um modelo teórico e metodológico que investigue as relações dos indivíduos nas interações entre instituição de Educação Infantil, família e cidade, uma vez que são nesses contextos que se produzem e reproduzem os seus modos de ser, sentir, pensar e agir.

Cabe mencionar que as categorias como *habitus*, *estabelecidos* e *outsiders*, *teias de interdependência*, *reprodução interpretativa* e *rotinas culturais*, constituirão a ancoragem conceitual do presente estudo.

No que concerne à reprodução interpretativa, o aparato teórico desta pesquisa toma como alicerce os estudos de Corsaro (2009). Ao assimilar a cultura, a criança está reproduzindo-a e recriando-a. Conforme destaca Corsaro (2011) devemos nos libertar da forma individualista

que considera o desenvolvimento social infantil exclusivamente como a internalização dos conhecimentos dos adultos pela criança. Corsaro (2011) enfatiza que entende a palavra socialização com uma conotação individualista, que remete à preparação da criança para o futuro. Neste sentido, propõe a *reprodução interpretativa*, que abrange aspectos inovadores da participação infantil na sociedade, viabiliza a partilha da cultura, seja a partir de uma novidade descoberta ou até mesmo a transgressão de uma regra.

Todavia, a criança reproduz e produz cultura, nas interações entre pares e reinventa situações cotidianas, dando margem a novas possibilidades de ações.

Segundo Neves (2010, p. 21),

[...] dessa forma as crianças, para além da mera internalização das normas sociais e culturais, contribuem para a manutenção, isto é, para a sua produção e também para sua transformação: As crianças, em suas interações com outras crianças e em particular com os adultos, buscam interpretar a cultura da qual fazem parte.

As crianças notoriamente buscam inserir-se no contexto social, na relação com os adultos ou entre si. Corsaro trata a cultura de pares como “[...] um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com os seus pares” (2009, p. 32). O autor apresenta ainda como elementos imprescindíveis à *reprodução interpretativa* a linguagem, rotinas culturais e a natureza reprodutiva de participação das crianças frente aos seus avanços culturais. As *rotinas culturais* consideradas habituais e óbvias concedem às crianças segurança e compreensão de pertencerem a um grupo social. Corsaro (2009) enfatiza que de certa forma as *rotinas culturais* servem como apoio caso haja o inesperado no percurso, que nos mantém no “confinamento amigável da vida cotidiana”.

Corsaro (2011) considera a família o eixo de todas as instituições culturais para crianças. Compreendendo que elas ingressam na cultura por intermédio da família. Porém, são nos espaços escolares que as crianças iniciam a produzir e participar de uma série de cultura de pares.

As culturas de pares são apropriadas pelas crianças com outras pessoas por toda a vida. As crianças estão permanentemente participando e integrando a cultura do adulto, sendo ambas as culturas indissociáveis.

No que tange ao *habitus*, neste estudo ele é compreendido como dimensões afetivas, sociais, modos de pensar e agir, como pré-disposições culturais (ELIAS, 1994).

Compreendendo a sociedade como estrutura, composta por uma rede de indivíduos numa permanente dependência funcional, é que investigar os elos entre cidade, família, unidade

de Educação Infantil e professoras são centrais neste estudo, para se entender como se produz uma rede de significados dos modos de ser alemão em terras brasileiras, e de como as dimensões do povo ordeiro, trabalhador, honesto, economicamente estruturado, moralmente superior, vem sendo legitimadas desde a fundação da Colônia Blumenau, e de que forma operam na contemporaneidade, nos modos de produção e reprodução cultural das crianças de três a quatro anos de idade.

Para compreender a cidade, sua estrutura e como esta configura-se na rede de significações de ser alemão no cenário blumenauense, esta pesquisa teve como recorte temporal o período compreendido entre 2000 a 2018. Para tanto, realizou-se, além dos procedimentos metodológicos citados anteriormente, também análise documental no Arquivo Histórico, bem como em documentos da Unidade Educativa pesquisada, buscando compreender o desenvolvimento social da cidade e sua influência na organização do trabalho pedagógico.

Os critérios para seleção das crianças e suas famílias foram a faixa etária entre três e quatro anos, estarem matriculadas na instituição de Educação infantil pesquisada, residirem no bairro onde está sediada a Unidade Educativa, duas das famílias serem naturalmente blumenauenses e descendentes de alemães e duas famílias advindas de outras regiões do Brasil. Dentre as famílias que atendem a esses critérios, foram sorteadas duas, pelas fichas de matrícula, a comporem a amostra da pesquisa. Portanto, são duas crianças de famílias descendentes de alemães e duas crianças de famílias advindas de outras regiões do Brasil.

As profissionais da instituição de Educação Infantil que participaram desta pesquisa são as professoras que atuam diretamente com as crianças de três e quatro anos. As identidades dos participantes desta pesquisa são mantidas em sigilo, conforme aponta Kramer (2002). A decisão por não revelar os nomes das crianças, assim como de outros sujeitos da pesquisa, deve-se a um risco real, identificado pela análise do Comitê de Ética (Protocolo CAEE:08975519.1.0000.0118), bem como sinalizado pelos estudos de Kramer (2002), configurando situações de constrangimento. Utilizando-se desse referencial, compreende-se as crianças como sujeitos de direitos, portanto, considerando seu direito à participação, cada criança escolheu o nome com o qual queria ser identificada neste estudo.

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a ideia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos do cuidado e da atenção. Elas gostam de aparecer, de ser reconhecidas, mas é correto expô-las? (KRAMER, 2002, p.42)

Na instituição de Educação Infantil analisou-se a organização do trabalho pedagógico, por meio de memorial, livro de vivências, planejamentos, organização do tempo, espaço, quais atividades selecionadas diariamente para as crianças, eventos. Para poder avaliar a circularidade de aspectos vinculados ao ideário germânico nessas proposições que constituem a rotina diária na unidade educativa.

As observações ocorreram em períodos alternados de quinze horas semanais na instituição de Educação Infantil, com horários agendados previamente com a Unidade, durante um período de cinco meses. As observações no ambiente doméstico foram quinzenais, respeitando os horários estabelecidos pelas famílias.

Cabe mencionar que o nome da instituição de Educação Infantil pesquisada foi preservado por questões de compromisso ético entre a pesquisadora e a Unidade, sinalizados pelo Comitê de Ética (Protocolo CAAE: 08975519.1.0000.0118).

Nas famílias observou-se como estão estruturadas suas rotinas culturais, tempo de trabalho, cuidado da casa, lazer, lugares da cidade que frequentam, hábitos alimentares.

Não estabelecemos categorias de análise *a priori*. Elas emergiram do material empírico encontrado no ato da investigação.

Todos os procedimentos metodológicos adotados, bem como o envolvimento dos sujeitos da pesquisa, foram devidamente acordados e ajustados entre pesquisadora e pesquisados, atendendo a todas as exigências do protocolo do Comitê de Ética.

A pesquisa contou ainda com entrevista realizada com as famílias das crianças pesquisadas e com as profissionais do Centro de Educação Infantil.

Na primeira Seção deste estudo, trago a contextualização dos cenários da pesquisa, da cidade, do Centro de Educação Infantil. Descrevo as aproximações com a cidade, buscando localizar o leitor com dados referentes à localização geográfica da cidade, setores econômicos, turísticos, grupo populacional e política de educação. Por conseguinte, discorro sobre a caracterização do Centro de Educação Infantil e comunidade que compõem a presente pesquisa. Finalizando esta seção, mostro como a Colônia de Blumenau foi se configurando Cidade e instituindo o ideário de ser alemão blumenauense.

Na segunda Seção, disserto sobre como a cidade foi se reconfigurando, ora avançando nos setores econômicos, abrindo novas perspectivas para a expansão migratória de indivíduos de outras regiões e ao mesmo tempo a investidura na manutenção da cultura germânica, na

modelação do ideário alemão blumenauense, engendrada pelas forças políticas, empresariais e turísticas da cidade. Aponto ainda, como as políticas voltadas à primeira infância se configuraram no Centro de Educação Infantil pesquisado.

Na terceira Seção, apresento as redes de interações entre os indivíduos participantes desta pesquisa, e suas representações sociais consolidadas no seu próprio cotidiano, alicerçadas ao *habitus* germânico. Trago como os indivíduos, em suas rotinas culturais, tanto no interior da Unidade Educativa, quanto no âmbito familiar, reafirmam a germanidade constituída pelos discursos políticos e econômicos da cidade de Blumenau. A pesquisa aponta para dois movimentos: grupos que assimilam o ideário típico alemão blumenauense e grupos que assumem outros sentidos e significados em viver e se relacionar com a cidade.

Esta dissertação tenta mostrar que ser alemão blumenauense não é inato, implica em formas de posituação de códigos e comportamentos estruturados nas redes de relações interdependentes. Talvez, este estudo represente uma forma de olhar para os discursos naturalizados e propagados “*No pedacinho da Alemanha no sul do Brasil*”, e observar as forças que engendram o *tipo ideal* de cidadão blumenauense.

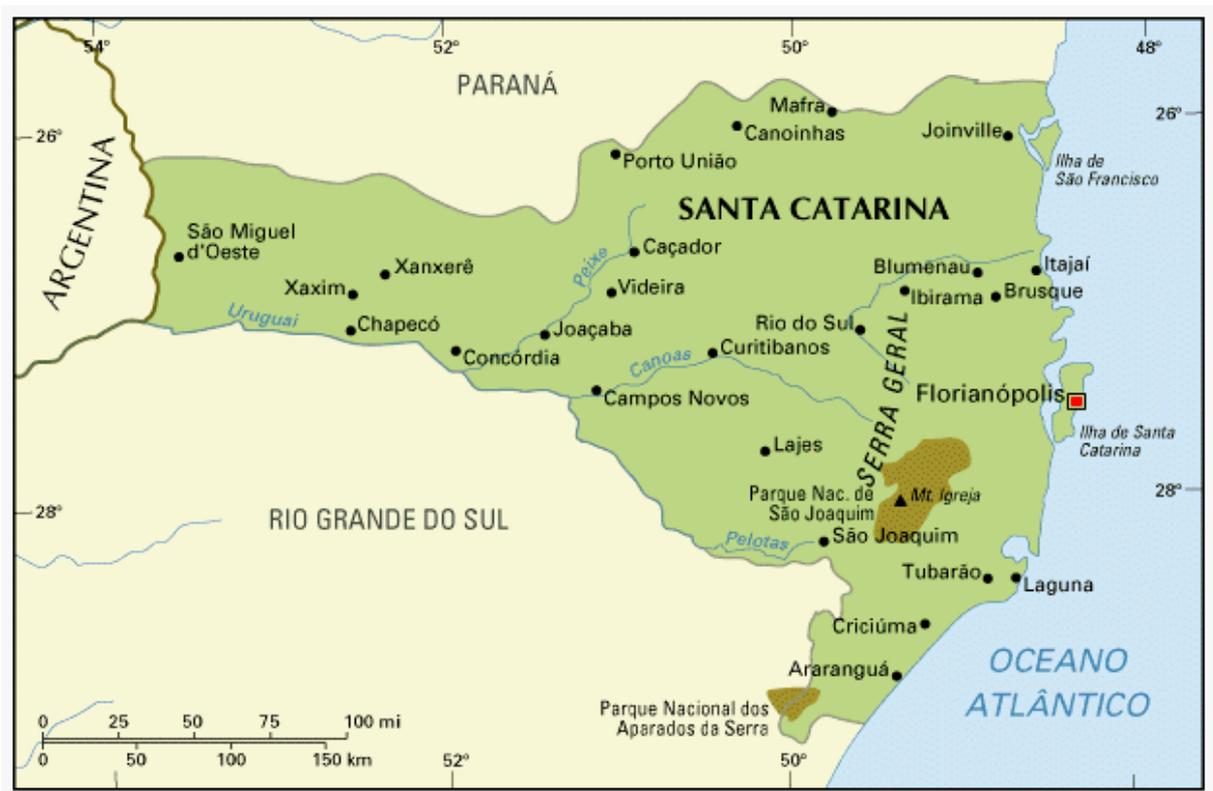
SEÇÃO 1

1 CONTEXTUALIZANDO OS CENÁRIOS DO ESTUDO

1.1 APROXIMAÇÕES COM A CIDADE

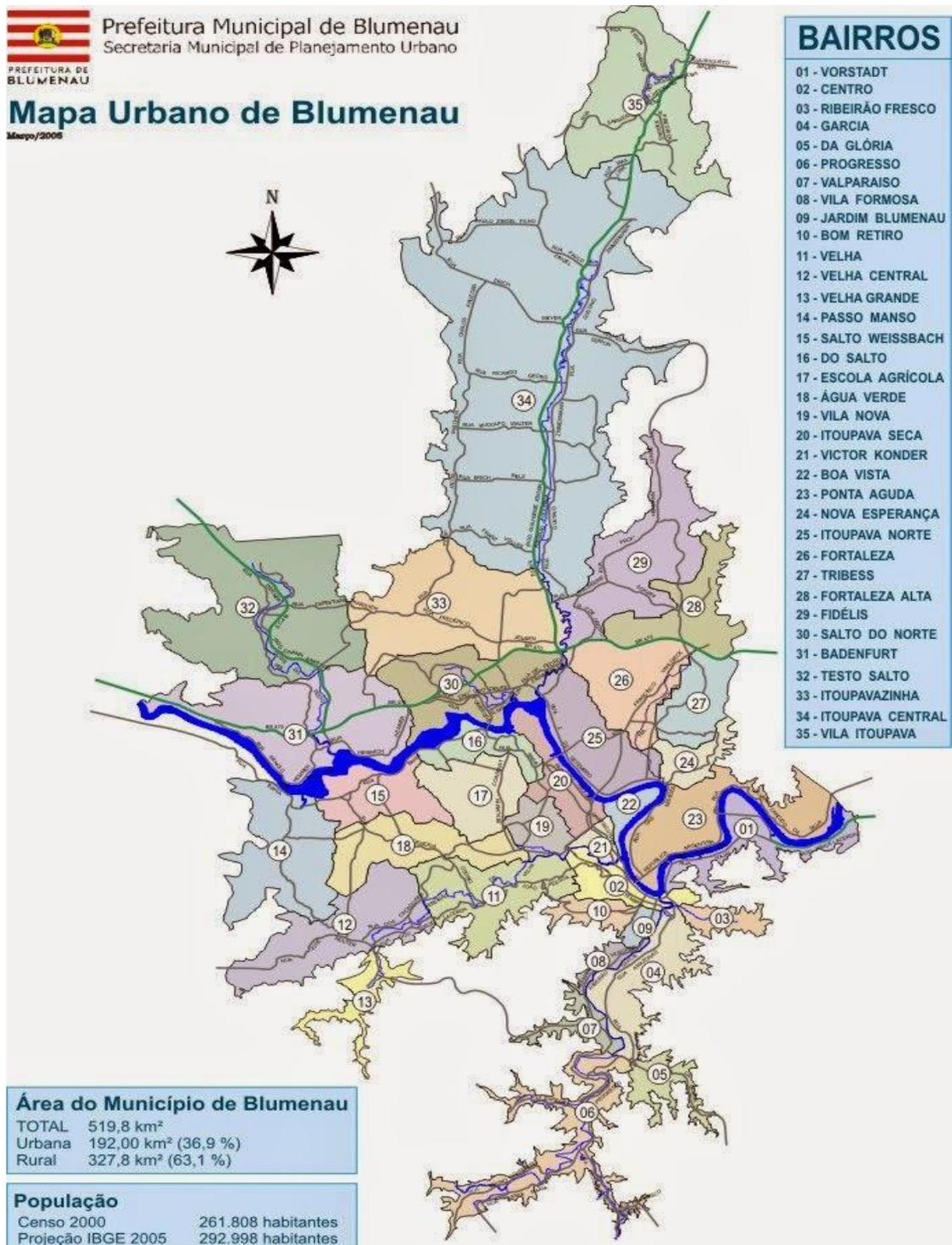
Segundo dados geográficos disponíveis em <https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/as5d1a5sd4a4sd>, Blumenau localiza-se ao Sul do Brasil, nordeste do Estado de Santa Catarina, numa área total de 519,8 Km², sendo 206,8 Km² (39,78%) de área urbana e de área rural 313,0 Km² (60,22%). Faz parte da Mesorregião do Vale do Itajaí, cortada pelo rio Itajaí- Açú, distante 40 Km do mar.

Figura 1: Localização de Blumenau no mapa de Santa Catarina



FONTE: <https://www.infoescola.com/santa-catarina/geografia-de-santa-catarina/> Acesso em: 10/01/2021

Figura 2: Mapa Urbano da cidade de Blumenau



FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, 07/07/2019.

Quanto ao relevo, possui faixas de terrenos, em geral, bastante acidentados, apresentando altitudes e declives.

O clima da cidade é temperado quente, com ventos médios soprando do quadrante leste. A temperatura média é de 21°C, chegando a picos de 45° no verão.

Demograficamente no recorte temporal de 2000 a 2018, período tomado como foco deste estudo, a cidade apresentava o seguinte índice populacional:

Tabela 1: População de Blumenau (2000-2010)

População	2000	2010
Urbana	241.947	294.773
Rural	19.865	14.238
Homens	128.298	151.542
Mulheres	133.510	157.569
Total	261.808	309.011

Fonte: IBGE,2019. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php/index.php?dados=29&uf=42> Acesso em: Julho, 2019.

Em relação à naturalidade, dados de 2005 apontados na tabela 2, informam cenários que nos ajudam a compreender também a heterogeneidade na composição populacional. Pode-se observar indivíduos de diversas regiões brasileiras, que vieram residir em Blumenau.

Tabela 2: Lugar de nascimento da população de Blumenau em julho de 2005

REGIÕES DO BRASIL	
REGIÃO NORTE	689
REGIÃO NORDESTE	4.624
REGIÃO SUL	292.004
REGIÃO SUDESTE	8.672
REGIÃO CENTRO OESTE	794
PAÍS ESTRANGEIRO	1.169
SEM ESPECIFICAÇÃO	1.059
TOTAL	309.011

Fonte: IBGE,2019.

Outro marcador social importante, a religiosidade, aparece como predomínio o catolicismo. Embora a cidade de Blumenau tenha sido povoada por um número maior de protestantes, conforme Dias (2009), mesmo que o Protestantismo fosse a religião oficial dos imigrantes alemães, o Catolicismo e suas práticas tiveram grande destaque na cidade. O Catolicismo, segundo Dias (2009), desde as primeiras décadas da Colônia, até 1980 – 1999, fora reiteradamente destacado tanto no campo social, pela mídia impressa blumenauense, bem como a representatividade de suas instituições e indivíduos reiteradamente no cenário social.

Tabela 3: População residente por religião

BLUMENAU	2000	2010
Católico	183.474	209.590
Candomblé	–	33
Evangélica	57.935	79.400
Espírita	1.894	4.568
Judaica	63	14
Religiões orientais	158	217
Testemunhas de Jeová	–	3808
Umbanda	–	340
Umbanda e candomblé	–	372
Não determinada	958	760
Sem religião	3.200	8.389

Fonte: IBGE,2019

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016, o salário mensal dos blumenauenses era de 2,9 salários mínimos, sendo que a proporção de pessoas ocupadas com alguma função era de 45.1% em relação ao total da população. Comparado a outros municípios, o salário médio mensal dos trabalhadores formais, atingiu o 219º no país.

É a terceira cidade mais populosa do Estado, sua economia está amalgamada nos polos industriais e tecnológicos, comércio e turismo de eventos, os quais geralmente ocorrem na Vila

Germânica (Festival da Cerveja, Oktoberfest, Roteiro Blumenau Gastronômico, *Sommerfest*, *Osterdorf*, Festival de Botecos, Festa do Trabalhador, Lira *Circolo* Italiano de Blumenau, Risoto do Bem, Magia de Natal). Considerada a capital da cerveja, o setor cervejeiro encontra-se em expansão.

Blumenau sedia três empresas entre as mil maiores apontadas pela Revista Exame (2017), juntas faturam 2,6 bilhões. A Hering com maior faturamento em 2016, de R\$1,5 bilhões, 419º no ranking nacional em 2017. A segunda é a Cremer com faturamento de R\$717 milhões, 732º na posição nacional em 2017. E a terceira, Dental Cremer R\$461 milhões, na posição nacional 991º, em 2017. Dentre essas empresas, a Hering e a Cremer foram fundadas por imigrantes alemães, exceto a Dental Cremer, fundada no ano 2000.

As empresas na área de tecnologia são as que mais arrecadam impostos para o município. Hoje concentra-se em Blumenau 28% das empresas do Estado que atuam no setor da tecnologia. O polo da tecnologia surge em Blumenau com a criação do Centro Eletrônico da Indústria Têxtil (CETIL) em 1969, sendo uma ligação das necessidades das indústrias com a modernização que o setor da tecnologia poderia oferecer.

Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), de janeiro a julho de 2018, Blumenau foi a segunda cidade do Estado que mais gerou empregos, com índice de 3,8 mil contratações a mais do que demissões. Com essas oportunidades de empregos formais, Blumenau tem recebido indivíduos de outras regiões do Brasil, e de países como Haiti⁴, para residirem na cidade.

Blumenau acolhe duas universidades, a Fundação Regional de Blumenau (FURB), um *campus* da Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), além de instituições de Ensino Superior, como a Uniasselvi, Faculdade SENAI, FAE Centro Universitário, Faculdade SOCIESC e o Instituto Federal Catarinense. A rede pública municipal de ensino possui 133 escolas de Ensino Fundamental e 78 instituições unidades de Educação Infantil. Conforme o censo escolar de 2011, o município de Blumenau tem sessenta e cinco mil educandos de Educação Básica, e desses, 43% frequentam a Rede Municipal, 40% a Rede Estadual e 17% a Rede Privada.

Na área da Saúde, a cidade possui cinco hospitais. Dispõe de um terminal rodoviário que abriga 20 boxes para embarque e desembarque. Quanto ao transporte coletivo, são seis terminais urbanos integrados. No bairro da Itoupava Central está localizado o Aeroporto

⁴ Segundo o Instituto Federal Catarinense até 2018 contabilizaram 1900 haitianos na cidade.

Regional de Blumenau, conhecido também como Aeroporto Quero – Quero, inaugurado em 7 de setembro de 1970. O aeroporto destina-se a pouso e decolagens de aeronaves de pequeno porte.

Com o *slogan* “Blumenau, o Brasil de Alma Alemã”⁵, a cidade acentua os laços com o seu passado, tomando-o como presentes em seus espaços de guarda de memória: Casa⁶ da Memória Escola nº1, Centro Turístico Cultural da Vila Itoupava, Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes, Mausoléu Dr. Blumenau, Museu da Água, Museu da Cerveja, Museu da Família Colonial, Museu da Arte de Blumenau, Museu de Ecologia Fritz Müller, Museu de Hábitos e Costumes, Museu do Cristal, Museu dos Clubes de Caça e Tiro, Museu Hering.

Dentre os atrativos comerciais além das lojas da rua XV de Novembro, Blumenau sedia o *Shopping* Neumarkt, inaugurado em 1993, sendo o primeiro da cidade, o *Shopping* H, o *Shopping Park* Europeu, o CIC Blumenau e o Castelinho da Havan.

Após uma reforma em 2008, o Parque Ramiro Ruediger, próximo à Vila Germânica, que tinha em 1994 uma área de 23 mil m² passou a contar com uma área total de 40 mil m², com opções de lazer, pista de corrida, caminhada, bosque, *playground*, quadra poliesportiva. Segundo o Jornal de Santa Catarina (2013) cerca de 360 mil pessoas passam pelo Parque Ramiro Ruediger a cada ano. O maior número é registrado aos finais de semana, entre 3 e 5 mil pessoas.

Destaca-se que neste estudo, a cidade é compreendida como uma rede de interdependências⁷, integrada por indivíduos, permeada por relações de poder entre exigências sociais e necessidades individuais, manifestações culturais, construções impregnadas de simbologias. É nesse cenário que os indivíduos exercem a ligação funcional. Segundo Elias (1994) uma função é mantida e exercida em relação a outras funções, seja no trabalho, nas instituições, na comunidade.

É nessa rede também que se encontra a unidade educativa pesquisada. Passamos a caracterizá-la na sequência.

⁵ Prefeitura de Blumenau 2015, Disponível em: [www.turismoblumenau.com.br]

⁶ Dados gerados in: BLUMENAU. **Blumenau**: Atrações, belezas e emoções durante o ano todo. Secretaria Municipal de Turismo: Prefeitura Municipal de Blumenau, sem data de publicação.

⁷ Elias (1994), teia de interdependência são as funções que os indivíduos exercem uns sobre os outros.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL INVESTIGADA

O Centro de Educação Infantil (CEI) pesquisado recebe neste estudo o nome fictício de *Fidel*, na sua tradução do alemão para língua portuguesa significa “Feliz”. A escolha deu-se pela origem do nome do bairro onde está instalada a Instituição, conhecido como bairro Fidelis.

A instituição faz parte da Rede Municipal de Ensino de Blumenau, administrada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), mantida com recursos públicos e em parceria com a Associação de Pais e Professores (APP). Suas instalações permanecem originais desde sua fundação em 1971, funcionando em uma casa de madeira adaptada. Possui 01 sala com trocador, 01 sala com solário coberto e banheiro, 2 banheiros para uso das crianças, 1 lavatório, biblioteca, 01 refeitório com bufê para as crianças, 01 refeitório para os professores, 01 secretaria, cozinha, lavação, banheiro para professores, 02 parques externos, 01 sala adaptada no pátio coberto com banheiro, 01 ateliê, 04 canteiros de horta. Até o ano de 2018, o CEI atendia crianças a partir de um ano até quatro anos completos, distribuídas em quatro salas. Por determinação da Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2019 a Unidade ampliou seu atendimento para crianças de zero a quatro anos de idade. Desde então, o pátio coberto de alvenaria, utilizado como espaço para eventos e uso comum para as turmas, passou a ser uma sala adaptada, com ampliação do atendimento para crianças de zero ano de idade.

Conforme dados gerados no Projeto Político Pedagógico da instituição (2019), atualmente o CEI Fidel tem um total de 86 crianças, distribuídas em turmas de Creche 1 (0 a 1 ano), Creche 2 (1 a 2 anos), Creche 3 A (2 a 3 anos), Creche 3 B (2 a 3 anos) e Pré 1 (3 a 4 anos). Tem um total de 14 professores, todos com pós-graduação em nível de especialização, sendo 01 professor de musicalização. Desses professores, cinco são efetivos na Unidade, sendo o restante contratado em caráter temporário. A equipe gestora é composta pela diretora, efetiva vinte anos na Unidade, secretária e coordenadora pedagógica, efetiva dois anos na Unidade. Dentre as profissionais, quatro são residentes no bairro, as demais residem em bairros próximos, sendo uma profissional residente em outro município. Dessas catorze profissionais, seis são descendentes de alemães, entre as demais temos descendentes de italianos, brasileiros e africanos.

Os serviços de cozinha passaram a ser terceirizados a partir de janeiro de 2014, sendo duas cozinheiras. Os cardápios são desenvolvidos pela nutricionista da SEMED, acompanhados pelas supervisoras da empresa terceirizada *in loco*.

Quanto aos serviços de zeladoria, também são terceirizados, sendo duas serventes gerais, e dois dias na semana o CEI conta com o serviço de um zelador.

As matrículas no CEI Fidel seguem o sistema implantado pela SEMED no ano de 2013, o “Fila Única CEIs”. Por meio desse as famílias fazem a intenção de vagas em duas regiões do município, apontando em quais unidades que pretendem matricular seus (suas) filho (as). O critério para chamada é mediante a disponibilidade de vagas, seguindo a ordem em que a inscrição foi realizada. As famílias acompanham o andamento da fila mediante o número de protocolo gerado no ato da intenção, pelo *site* da prefeitura ou por meio de aplicativo. Atualmente na Rede municipal são 5.622⁸ crianças com intenções de matrícula na fila de espera, dessas, 223 abertas no CEI Fidel. No entanto, as crianças cadastradas também podem estar em listas de espera de outras unidades, podendo esse valor não ser exato.

Com a implantação do sistema “Fila Única CEIs”, nem sempre as famílias são contempladas com a vaga na Unidade próxima à sua residência, restando a elas as opções secundárias. Em vista disso, muitas das crianças que são matriculadas no CEI Fidel, não residem no bairro. As famílias matriculam seus (suas) filhos (as) e logo solicitam transferência, por residirem em bairros mais distantes, ficando inviável o trajeto até a Unidade. As solicitações de transferências geram uma rotatividade de crianças nas turmas e de novas famílias na Instituição. Ressalta-se ainda, que o processo de intenção de transferência de um CEI para outro, também segue uma fila, por vezes esse processo é vagaroso, dependendo do abandono de vaga de uma criança ou a transferência de outra.

Portanto, o CEI Fidel além de crianças da comunidade, atende também crianças e famílias dos bairros Fortaleza, Tribess, Itoupava Central e Cohab.

Na sequência, apresentamos breve caracterização da população atendida pelo CEI Fidel.

1.3 CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO E POPULAÇÃO ATENDIDA

O Centro de Educação Infantil pesquisado localiza-se em uma comunidade rural, no bairro Fidélis. Há duas versões quanto à origem dada ao nome do bairro: uma que o nome se origina da palavra “Fidel” que do alemão para o português significa “feliz”, ficando conhecido como Fidélis. Já segundo alguns moradores da comunidade, a origem do nome deve-se ao rio

⁸ Dados disponíveis em [<http://blumenau.sc.gov.br/filacei/wpgraficosadmin.aspx>] Acesso em: 05/10/2019.

existente na região, cujos primeiros moradores diziam em alemão: “*fluss geht gans fidel*”, que quer dizer o rio de gansos, que corre mansamente, cuja palavra fidel passou na forma aportuguesada a ser pronunciada por Fidélis. O primeiro morador a adquirir terras no Fidélis foi Wilhelm Lanker, em 1867.

De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Blumenau, o bairro apresentava uma extensão de 0,5 Km² até o ano de 1995, quando foi sancionada a Lei Complementar nº 88, de 8 de junho de 1995, que ampliou o perímetro urbano de Blumenau, onde o bairro passou a possuir uma área de 11,3 Km².

O bairro apresenta áreas relativamente planas, sendo que após o aumento do perímetro urbano, houve a implantação de indústrias e outras atividades econômicas, loteamentos residenciais etc. Embora o bairro apresente potencial para atividade agrícola, desenvolve-se com destaque na atividade de cerâmica com a produção de telhas e tijolos.

Até a década de 1980, no bairro prevaleciam os moradores de descendência alemã. Após essa década, com abertura de empresas em bairros próximos, e indivíduos de outras regiões em busca de oportunidades de trabalho, moradores de outras regiões passaram a residir no bairro, principalmente no morro da Laguna. Um dos fatores que se observa no bairro, é de que grandes extensões de terras, adquiridas no início da Colônia, continuam com as mesmas famílias, passando de geração a geração. Essas extensões de terras são utilizadas pelas famílias para o desenvolvimento da agropecuária e a produção de produtos de subsistência (queijo, pão, linguiça, *Kochkäse*,⁹ doces, melado, cachaça, comercializadas à comunidade).

Conforme a expansão do bairro, e o registro de novos moradores, o CEI Fidel que tinha até a década de 1990 a maior parte das famílias de descendência alemã, começa a receber crianças e famílias de outras regiões brasileiras, ou cidades catarinenses. A expansão maior inicia-se com a implantação do “Fila Única CEIs” (2013), sendo matriculadas na Unidade crianças de diferentes bairros, de diferentes descendências, algumas blumenauenses, outras na grande parte oriundas de outras regiões (Sul, Norte, Nordeste).

Segundo os dados do Projeto Político Pedagógico do CEI Fidel (2019), das 86 famílias na Unidade, 82% possuem casa própria, 13% alugada e 5% cedida.

⁹ Queijo branco cozido, feito de modo caseiro, sem pasteurização do leite, e por isso, não é regulamentado pelo Ministério da Agricultura para comercialização. O queijo é produzido de forma artesanal e vendido em feiras.

Dos integrantes das famílias que responderam o questionário da Unidade, 28% possuem o Ensino Médio completo, 24% o Ensino Fundamental incompleto, 11% Ensino Fundamental completo, 11% o Ensino Médio incompleto, 6% o Superior completo, 4% Pós-Graduação. Dentre as funções desenvolvidas no setor econômico, 25% trabalham no setor têxtil, 22% no comércio varejista, 17% são autônomos, 9% atuam na construção civil, 8% são servidores públicos e 19% atuam em outros serviços. A renda familiar de 52% das famílias do CEI Fidel varia entre 1 a 2 salários mínimos, sendo 29% das famílias tendo uma renda de 2 a 3 salários mínimos, 14% de 3 a 4 salários mínimos e 5% superior a 5 salários mínimos.

Quanto à religião, 60% das famílias são Católicos, 19% Evangélicos da Assembleia de Deus, 12% Protestantes, 2% Jeová, 7% outras religiões.

Para este estudo interessa-nos conhecer as relações entre a unidade educativa e os familiares. Abordamos isso na sequência.

1.4 RELAÇÕES ENTRE O CEI FIDEL E AS FAMÍLIAS

A criança inicia sua vida social e cultural no ambiente familiar. São essas relações iniciais que vão construindo terreno psicológico, social, cultural para incorporação do habitus, portanto, modos de pensar, agir, modulações comportamentais e emocionais. Interação com as manifestações culturais familiares, produzindo e reproduzindo suas culturas. É na Educação Infantil que a criança experimenta pela primeira vez a transição do privado para o público, o que significa para ela processo tenso, complexo e eivado de dilemas, contradições, ambiguidades, mas também, constitui aspecto fundamental para que desde cedo aprenda a ampliar suas interações e relações, construindo noções e habilidades para viver em sociedade.

Dessa forma, as redes familiares constituem-se como integrantes do cotidiano da Educação Infantil. É importante o acolhimento às famílias, às suas culturas, diversidades étnicas, religiosas e de gênero. A participação das famílias nas instituições de Educação Infantil agrega experiências compartilhadas acerca das vivências das crianças pequenas.

As famílias têm a participação garantida na lei complementar municipal nº 961, de 15 de dezembro de 2014, na constituição da Associação de Pais e Professores, bem como do Conselho Escolar.

comunidade escolar e local, de natureza consultiva, deliberativa, fiscalizadora e mobilizadora, com atuação administrativa, financeira e pedagógica. (BLUMENAU, 2014)

As reuniões da Associação de Pais e Professores e Conselho Escolar ocorrem mensalmente, sendo o convite estendido para todos os segmentos da comunidade escolar.

O Projeto Político Pedagógico (2019) da Unidade prevê como atividades permanentes a “Mostra Cultural”, com o objetivo de aproximar as famílias com as experiências vividas pelas crianças no espaço educativo-pedagógico. Nessa mostra cultural, cada turma expõe as documentações pedagógicas¹⁰ e buscam estabelecer um diálogo com as famílias sobre desenvolvimento dos Projetos, o que nos parece atender ao que dispõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

A perspectiva do atendimento aos direitos da criança na sua integralidade requer que as instituições de Educação Infantil, na organização de sua proposta pedagógica e curricular, assegurem espaços e tempos para participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que elas se organizam. (BRASIL, 2009, p. 13)

No Projeto Político Pedagógico (2019), observa-se a garantia da participação e inserção das famílias nas propostas pedagógicas desenvolvidas, buscando o envolvimento delas nas propostas desenvolvidas com as crianças e aproximações com as culturas familiares.

Também no PPP, é prevista a “Festa da Família”, com apresentações realizadas pelas crianças, das manifestações culturais e artísticas vivenciadas durante o ano letivo.

São realizadas assembleias gerais com as famílias, uma no início do ano, para apresentação e discussão do Projeto Político Pedagógico. E anualmente, é discutido o Plano de Ação da Unidade, a curto e longo prazo. Por meio do Projeto “PPP Viajante”, semanalmente uma criança de cada turma leva o Projeto Político Pedagógico da Unidade para a leitura das famílias. Em anexo ao PPP, acompanha uma folha de registros para que as famílias façam suas contribuições e sugestões de alterações para o ano seguinte. Dentre as solicitações das famílias, observam-se as referências quanto a comemorações de datas festivas (Páscoa, Natal, Dia das Mães, dos Pais), e algumas famílias também sugeriram o ensino do idioma alemão.

¹⁰ Compreende-se por documentação pedagógica os variados registros que compõem o cotidiano educativo. Eles são produzidos por professores/as, crianças e familiares. Envolvem fotos, vídeos, áudios, produções das crianças, anotações e depoimentos de familiares, dentre outras formas. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999)

Os Pareceres Descritivos¹¹ do percurso de aprendizagem de cada criança são entregues semestralmente e de forma individual para as famílias, com agendamento de horário. Caso haja necessidade, o CEI faz agendamentos individuais com as famílias para conversas durante o ano.

Comunicados, bilhetes, convites, calendários mensais, são realizados por meio do uso da agenda.

As formas de participação das famílias garantem o intercâmbio cultural, as aproximações entre a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, bem como na luta por espaços de Educação Infantil com exigências voltadas ao bem-estar delas, na garantia de seus direitos fundamentais expressos na legislação e nos documentos curriculares oficiais vigentes.¹²

A seguir, situamos ao leitor a constituição e o desenvolvimento cultural e social da cidade.

1.5 BLUMENAU: UMA HISTÓRIA QUE SEDUZ

De acordo com Seyferth (1981) a emigração em grande escala, no século XIX, deve-se a problemas suscitados no cenário econômico alemão. Com o início da industrialização, os camponeses não tinham como concorrer com os produtos manufaturados das indústrias, e nem todos queriam a proletarização. Habitados com o sistema feudal, agora o camponês precisava produzir para o mercado, e ter crédito para pagar as dívidas com o plantio.

A vida cotidiana era dura e frugal em quase toda parte. O camponês vivia dos produtos de sua terra, muito raramente comia carne, alimentava-se de pão escuro, de queijo grosseiro, de papas de cevada ou de aveia, de ervilhas e de feijões secos e de algumas raízes: cenouras, rábanos, nabos, rabanetes pretos... A introdução da batata desde 1770... atenuou muito os riscos de fome. O camponês produzia tudo o que consumia, não só alimentação, mas os têxteis: lã, cânhamo, e linho, que as mulheres fiavam e teciam. (BIANQUINIS, 1956, p.66 *apud* SEYFERTH, 1999, p. 21)

Além da escassez de terras e os baixos salários, outro fator que impulsionou a emigração dos alemães foi a propaganda das companhias de emigração, tanto do Brasil, como de outros países, oferecendo a concessão de terras.

¹¹ Os Pareceres Descritivos na Rede Municipal de Educação Infantil de Blumenau constituem no registro semestral que descreve o percurso formativo de cada criança. Refere-se, portanto, à devolutiva feita pela unidade educativa às famílias, retratando os objetivos curriculares e as aprendizagens das crianças.

¹² Constituição Federal de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Critérios para atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças (2009), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil (2017).

Conforme Dias (2009), Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau veio para o sul do Brasil, região nordeste de Santa Catarina, com o objetivo de fundar uma Colônia particular. Nascido em Hassefeld, Alemanha, em 26 de dezembro de 1826, considerada uma figura idealista e de prestígio, recebia incentivos do governo imperial para fazer propaganda na Alemanha das vantagens de vida nas terras do Vale do Itajaí.

A minha colônia está constantemente recomendada pela Sociedade Central de Berlin, aliás tão hostil ao Brasil; a imprensa alemã se ocupa com ela com grande benevolência; conto com grandes números de amigos, que a recomendam e favorecem, em círculos particulares, [...] (Dr. BLUMENAU, 4º Relatório da Colônia de Blumenau, 1854)

Em 1850, ano da sua fundação, a Colônia recebeu seu próprio nome, conforme registros em guarda de memória¹³, trazendo-lhe glórias e infortúnios. Em 1859, a Colônia contava com 943 habitantes, em um total de 171 famílias, distribuídas em 169 lotes. Com problemas financeiros, Dr. Blumenau vende a Colônia para o Governo Imperial, passando a ser diretor da então Vila, permanecendo por 16 anos até a emancipação do município.

De acordo com Silvia (1988, p.101), Dr. Blumenau cobrava do Governo Imperial a emancipação da Vila. Já em 1877 deixava transparecer por meio de relatórios enviados que tinha o desejo de *livrar-se de um amargo que só lhe custava dissabores e contratempos, sem qualquer compensação de ordem espiritual*. Na década de 1880 a Vila de Blumenau já contava com 14.000 habitantes, distribuídos em 71% alemães, 18% italianos. Luso-brasileiros e poloneses representavam 4% da população. Com a promulgação da Lei nº 860, de 4 de fevereiro de 1880, a Vila foi elevada à categoria de município.

O encantamento pelas terras do Vale do Itajaí, pela exuberante floresta, fizera com que o fundador da Colônia não medisse esforços financeiros, políticos e emocionais para implantação e administração do seu empreendimento. Essas terras pareciam ideais para a implantação de uma Colônia agrícola, porém, seria necessário um trabalho árduo por parte dos imigrantes, para desnudá-las e cultivá-las. As madeiras também possibilitariam recursos financeiros, assim como o rio Itajaí Açu, facilitaria o acesso à navegação.

Entretanto, antes mesmo de instalar a Colônia, Dr. Blumenau, em 1848, tinha conhecimento sobre o transbordamento do rio “[...] após¹⁴ grandes chuvas o rio transborda, tem forte correnteza e se eleva em três dias, e às vezes em 24 horas chega numa altura de até 24 pés ou mais”. (FROTSCHER, 1998, p.53) Contudo, Dr. Blumenau constituiu a Colônia com sede

¹³ SILVA, José Ferreira da. Arquivo Histórico Municipal, 1988.

¹⁴ Carta de Hermann Bruno Otto Blumenau, encaminhada a pais e parentes na Alemanha. Desterro. 21/04/1848.

às margens do rio, sendo esse visto como facilitador das navegações e fertilidade das terras. “O processo de colonização seguiu os cursos dos rios, dos ribeirões, dos riachos, com os caminhos sendo abertos a facção, no meio do mato, acompanhando os fundos do vale, que eram mais planos”. (SIEBERT, 2000, p.190)

A forma como foi empreendida a Colônia, no modelo *Stadtplatz*, influenciou na localização da cidade às margens do rio, o que facilitaria que as cheias atingissem os lotes com maior facilidade. “A demarcação do *Stadtplatz* da Colônia de Blumenau, que serviria como sede administrativa, foi concebida com base num tipo de loteamento que instalava o assentamento na confluência de rios” (FROTSCHER, 1999, p.59)

Entretanto, mesmo sabendo dos riscos das cheias, Dr. Blumenau estava voltado para o modelo de colonização implantado na Alemanha, articulado ao progresso do seu empreendimento.

Dr. Blumenau empregou investimentos altos na Colônia, inicialmente contou com a sociedade de Ferdinand Harckradt. Posteriormente, com a sociedade já desfeita, e com o falecimento de seu pai, se utilizou da herança para investir na Colônia.

De acordo com Siebert (2000) os primeiros lotes de terras foram entregues aos colonos em 1852, por medidas de segurança, principalmente a vigilância contra indígenas e animais selvagens, esses residiam na sede e trabalhavam na lavoura durante o dia.

Conforme Frotscher (1998) o problema com as cheias do rio Itajaí- Açu foi vislumbrado pelos imigrantes logo no primeiro ano da fundação da Colônia. E exatamente quase dois anos depois, “o rio encheu-se de águas barrentas e avassaladoras, semeando fome, morte de animais e de culturas.” (Ibidem, p.54) Explícita, portanto, um dos fatores que fizeram com que alguns imigrantes abandonassem a Colônia, em 1854, dos 309 imigrantes que entraram no empreendimento, 67 já tinham partido.

Paul Singer aponta que de 1000 pessoas que migraram para Blumenau durante a década de 1950, quase 30% saíram da Colônia. Nesse contexto, pode-se inferir que, “Fatos como este, contudo, têm sido silenciados, por conta de uma corrente afirmação da ‘persistência e coragem dos blumenauenses’ frente às adversidades.” (FROTSCHER, 1998, p.54) Muitas situações os colonos encontraram quando aqui chegaram: os animais selvagens, as infestações de mosquitos, as condições climáticas às quais ainda não estavam habituados, inundações dos rios, os confrontos com os índios.

Quantos vieram fantasiando grandezas e felicidades e aqui encontraram atribulações e contrariedades e, não poucas vezes, a morte prematura, em situação de pobreza e abandono! Quantos ao contrário (e foram a grande maioria) vieram desiludidos e pobres, sem grandes aspirações, e aqui acharam o bem-estar e o conforto, quando não a riqueza e a fartura. Uns vinham com a cabeça cheia de sonhos doirados e de ambições desmedidas; outros faziam dispostos a enfrentar a realidade, para fugir, apenas às perseguições políticas ou religiosas e abrigar-se à sombra de uma bandeira da paz e de compreensão, **tivessem, embora, que pagar com trabalhos afadigados e com sofrimentos, a tranquilidade a que aspiravam.** (SILVA, p. 105, 1961)

Grande parte dos colonos emigrou fugindo das misérias, e na esperança de constituir uma nova vida, em novas terras. Misérias também foram vividas, assim como os momentos de ascensão das colheitas, a vida na Colônia certamente não foi harmônica, como pode-se observar posteriormente na correspondência enviada por um imigrante ao familiar na Alemanha. Colonos que encontraram a riqueza e a fartura, tal como consta na citação acima, pode-se dizer que se tratou de um grupo minoritário, sendo que dados estatísticos apontam que vinte e seis anos após a instalação da Colônia, apenas 10,5% recebiam a posse definitiva das terras, ou seja, não alcançaram a produção imposta por Dr. Blumenau. Embora compreendessem que o retorno à sua pátria de origem era praticamente impossível devido às condições financeiras em que se encontravam. A despedida da pátria de origem, contudo, não significava despedir-se de sua cultura. Os imigrantes buscaram preservar a sua *Kultur* alemã.

O sentido especificamente alemão do conceito de *Kultur* encontra sua expressão mais clara em seu derivado, o adjetivo *Kulturell*, que descreve o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa. (ELIAS, 1994, p.24)

A *Kultur* durante o século XIX foi um dos pilares do nacionalismo alemão, em Blumenau representada pelo *Deutschum*, ligada ao conceito de germanidade, a preservação da língua, heranças culturais, de uma identidade étnica comum. O *Deutschum* esteve eminentemente presente nas formas que Dr. Blumenau utilizou para empreender tanto as demarcações territoriais na Colônia, bem como mantendo manifestas as tradições da sua pátria de origem.

Os lotes foram divididos buscando-se uma proximidade com um modelo de distribuição utilizado na Alemanha conhecido como *Waldhufendorf*, assim como no campesinato alemão, tornando propícia uma maior segurança contra os índios e animais selvagens e o vínculo comunitário. Simão (2000) aponta que até 1862 a distribuição e venda de terras era realizada por Dr. Blumenau, que certamente, privilegiava os descendentes de alemão. Os lotes poderiam ser escolhidos a quem pagasse à vista, fato esse que refletiu em vazios urbanos das terras consideradas ruins. São esses vazios urbanos que posteriormente serão utilizados por especulações imobiliárias e “barganhas” políticas.

Todavia, *Waldhufendorf*, contribuíra para o isolamento inicial das etnias, e constituíra-se como ideário do auto isolamento, na preservação da “Colônia alemã”. Em relação a tais apontamentos, Seyferth (1981) aborda que além do próprio sistema de colonização, a falta de infraestrutura de serviços públicos, fez com que se mantivesse um grupo étnico homogêneo, *que desde os primeiros contatos, se colocou em oposição aos colonos de outras origens.* (p.14)

Isso remete aos conceitos estereotipados atrelados às pessoas pertencentes a um grupo, no caso da colonização alemã, arraigados à ideia da superioridade do trabalho e cultura do alemão, com o modo de identificar “os de fora”.

Como se pode ver o italiano não é muito limpo, não liga muito para a higiene e não chega nunca a alcançar um bom desenvolvimento porque não se dedica muito ao trabalho, mas é melhor que os caboclos brasileiros: agora, para chegar até os alemães é outra história. (SEYFERTH, 1981, p.159)

Acrescenta-se que, para Elias, a característica de singularidade do comportamento social e o auto isolamento, são decorrentes da Alemanha em pequenos Estados. De acordo com o que foi assinalado, tal assentamento de terra implantado na Colônia, direciona para um processo de práticas culturais e sociais de caráter associativista. Mediante esse espírito comunitário, afirma-se o *Deutschum*, que posteriormente dissemina-se pela imprensa local, coadunado ao termo de “pátria estreita” (FROTSCHER, 1998).

É relevante esclarecer que o *Deutschum* está ligado à preservação da língua alemã, ao sangue alemão, à consciência nacional, a um elo simbólico com a Alemanha, e não político. Seyferth (1981) considera que o *Deustchum* é um conceito que abarca uma ideologia étnica teuto-brasileira, definida a partir de critérios nacionalistas alemães. O *Deustchum* engloba a visão de que a nacionalidade é herdada, reflexo do desenvolvimento físico, espiritual e moral: “um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país”. (SEYFERTH, 1981, p.46) Assim sendo, nacionalidade e cidadania são conceitos distintos. A nação não depende de fronteiras, sendo essa um fenômeno étnico-cultural. Portanto, a nacionalidade faz a ligação do povo com sua raça, e não a um Estado. Todavia, a cidadania faz a ligação do povo ao Estado, partindo de um elo político. A mesma autora aborda que o teuto-brasileiro pode ser identificado como o,

[...] indivíduo que fala o alemão como sua língua materna, tem ascendência (sangue) alemã, se considera membro da comunidade nacional (étnica) alemã, mas cuja lealdade política pertence ao Brasil e não à Alemanha. (p.58)

Conforme Dias (2009), em Blumenau o termo teuto-brasileiro foi utilizado pela primeira vez por Dr. Blumenau, quando escreveu o livro “*Südbrasilien im seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation*”, que abordava as relações da colonização.

Frotscher (1998) expõe que após a imigração alemã para o Brasil, ocorreu um processo coletivo de desenraizamento. Para que esse processo fosse superado, “[...] houve um esforço de compensação psicológica por meio de atitudes conservadoras, como retorno à cultura materna e a identificação com os antepassados.” (Ibidem, p.6)

Nesse cenário, é importante observar as configurações sociais internas da Colônia, constituídas na sua primeira década, e de como essas em redes de interações, como igrejas e casamentos, buscaram conservar as suas tradições germânicas e pureza étnica. Para tanto, seguem dados da Colônia entre 1860 e 1861.

Tabela 4: Dados da Colônia Blumenau entre 1860 - 1861

Número de Moradores	1860	1861
Famílias	547	1531
Homens	190	548
Mulheres	447	710
Jovens	486	837
Crianças	461	694
Católicos	29	169
Protestantes	918	1.369
Nascidos	45	60
Falecidos ¹⁵	09	28- Sendo 17 adultos e 11 crianças.
Casamentos Católicos	0	1
Casamentos Protestantes	7	15
Casamentos Mistos	0	1

Fonte: SILVA, José Ferreira da. 1961.

O que se pode observar é um número relativamente grande de indivíduos considerados protestantes em relação ao número de católicos. Conforme Seyferth (1981), a religiosidade também foi um contraste de diferença étnica, na comunidade católica havia também luso-

¹⁵ Nos relatórios constam 04 mortes por afogamento e outra causa de morte é a febre nervosa.

brasileiros, italianos, já na protestante, preponderavam os alemães. Assim como se observa, apenas um casamento misto.

A comunidade evangélica tinha uma organização impecável, os serviços religiosos eram todos realizados em língua alemã e mantinham praticamente separada da população católica. É bastante difícil falar apenas na igreja protestante, porque seus próprios membros se identificam como pertencentes a ‘comunidade evangélica’, cuja organização transcende o aspecto puramente religioso. (SEYFERTH, 1981, p.143)

Dr. Blumenau buscou preservar os costumes e heranças culturais da sua pátria de origem, buscando uma coesão grupal. Além de preocupar-se em instalar na Colônia instituições de caráter cultural alemão, escolas, e igrejas, buscava conforme evidências em cartas enviadas por moradores imigrantes, aproximá-los da sua pátria “mãe”, trazendo para Colônia elementos que pudessem manter vivas suas tradições. “Os cuidados que teve para ‘educar e civilizar’ seus imigrantes foi característico do *Deustchtum*.” (DIAS, 2009, p.63)

O espírito associativista foi umas das estratégias iniciais de Dr. Blumenau. Por meio de agremiações políticas, culturais e de lazer, havia um estreitamento nas redes de interdependência, à medida que os grupos iam tornando-se mais coesos. Nesse sentido, a *Kulturverein*, implantada por Dr. Blumenau logo nos períodos iniciais da Colônia, era enaltecida nos encontros dominicais entre os colonos, para assistirem palestras referentes à agricultura e informações sobre a importação de sementes da Alemanha, proferidas por Dr. Blumenau e seu amigo Fritz Müller.

Isso do associativismo ter sido utilizado, como foi, na comunidade dr. Blumenau, apenas por existir como equipamento de herança social do imigrante implantado ali, não é um entendimento completo. O imigrante ali, foi liderado e a sua sensibilidade associativista, funcionou no programa de um sistema. E esse sistema foi conduzido por um líder atuante: o dr. Blumenau. (JAMUNDÁ, 1966, p.53)

Conforme retrata Jamundá, o associativismo foi implantado como um aparato da administração política e social, engendrado inicialmente por Dr. Blumenau e endossado posteriormente por outras redes de interações, como Caixa Agrícola, Clubes de Caça e Tiro, Sociedades Escolares Alemãs, Sindicato Cultural.

Uma carta enviada à Alemanha por um dos primeiros imigrantes, Sr. Otto, em 1º de janeiro de 1867, deixa clara as condições de trabalho árduo e as dificuldades de ambientar-se às condições climáticas do Brasil.

Se a chuva impiedosa e um vento cortante, nos fazia sentir mais frio, quando trabalhávamos na roça e na tarefa diária de buscar a ração para nossos animais, do que quando em na velha pátria nos divertíamos sobre os lagos congelados ou deslizando em trenós pelas colinas cobertas de neve, uma semana depois já um sol escaldante aqui nos assava os braços nus e as águas quentes das fossas produziam a temida ‘frieira’ entre os dedos dos pés, de forma que não tínhamos, à noite, o descanso de

que tanto carecíamos, para poder enfrentar o trabalho árduo do dia seguinte, tanto mais que os mosquitos por sua vez não nos deixavam cair no sono.¹⁶

A Colônia somente atingiria o progresso tão almejado por Dr. Blumenau por meio do controle do trabalho desenvolvido pelos colonos. A categoria trabalho, posteriormente, passa a ser um ideário de superioridade dos descendentes de alemães em contraposição às demais etnias, principalmente aos luso-brasileiros. De acordo com Frotscher (1998) o trabalho desenvolvido pelo teuto-brasileiro estava alicerçado à afirmativa do melhor “colono” em oposição ao colono luso-brasileiro. Segundo o *Blumenauer Zeitung*, 1868¹⁷

[...] os alemães são elementos que empunham a picareta e a pá e constroem alguma coisa, são abnegados, procuram melhor as condições de vida, vieram com intenção de trabalhar, e por tudo isso, a colonização só dever ser feita com imigrantes alemães.

É preciso frisar que o ideário da raça pura alemã, onde são exaltadas características dos teuto-brasileiros, como povo trabalhador e empreendedor, bem-sucedido economicamente, foi o baluarte do idealizador de todo empreendimento colonial da cidade, propagado não só por Dr. Blumenau, mas veiculado pelos *Kalendars* (almanaques) e a própria imprensa.

As formas de empreender na cidade estiveram amalgamadas às formas culturais de cuidar da Colônia e de seus colonos configuradas pelo Dr. Blumenau, sob a perspectiva da produtividade. Dessa forma, o *habitus* alinhado à autoimagem de ser produtivo, foi se constituindo desde a estrutura social colonial. Havia, portanto, um controle de comportamentos regido pelo Código de Posturas de 1883.

De acordo com Dias (2009) em várias cartas Dr. Blumenau falava que outros empreendimentos colonizadores no sul do Brasil não deram certo, por terem sido colonizados “pelas fezes dos povos europeus mandadas em grande proporção ao Brasil”¹⁸.

Dr. Blumenau selecionou os primeiros imigrantes a constituírem a Colônia, dentre eles estavam indivíduos de diferentes profissões. Muitos deles não tinham o manejo com a agricultura, habilidade que foram desenvolvendo. Todavia, essa heterogeneidade foi um fator positivo para a disponibilidade de mão de obra qualificada para a industrialização, o comércio e artesanato.

¹⁶ Transcrita do alemão para o português por KILLIN, Frederico (BLUMENAU EM CADERNOS, set., nº 9, 1974).

¹⁷ Jornal *Blumenauer Zeitung*, nº12, 1868.

¹⁸ BLUMENAU, Hermann Otto Bruno. Relatório da Colônia Blumenau para o Presidente da Província. 1858. Datilografado. Arquivo José Ferreira da Silva, p.44.

No entanto, a ênfase sustentada e veiculada no imaginário social da cidade que a capacidade laboral do alemão era superior por serem vocacionados ao trabalho, era aparente. Estudos como os de Seyferth (1981), Frotscher (1998), Dias (2009), demonstram que os colonos foram submetidos a um sistema rígido de códigos e posturas, de modo a suplantar o controle de suas individualidades, inserindo maneiras de ser, agir, produzir e conviver. Essa prática de supervisão e controle colaborou para a constituição do *habitus* germânico, como sendo o *tipo ideal* de cidadão ordeiro, limpo, organizado, trabalhador e bem-sucedido economicamente (SEYFERTH, 1981)

. Destarte, cada colono recebia seu lote de terra, cuja dinâmica do trabalho centrava-se na família, no desenvolvimento da policultura. Blumenau foi constituindo a lógica do autoconsumo, com economia de subsistência. Compreendiam-se por colonos os imigrantes e teuto-brasileiros, cujo trabalho era desenvolvido na área rural.

Já no primeiro momento, ao adquirir suas terras, o colono acaba se endividando junto à direção da Colônia, enquanto não terminar de pagar não pode vender sua propriedade; se não cultivar a terra, perde direito aos favores concedidos aos colonos pela direção da Colônia; se viver em ociosidade, o colono pode ser expulso; se acumular dívida com a direção da Colônia, pode ser despejado; e se acaso queira abandonar as terras sem quitamento da dívida, torna-se um infrator. (MACHADO, 2008, p.49)

Com a propagação do discurso da Colônia de sucesso, em 1865 Dr. Blumenau recebe um prêmio de reconhecimento internacional em Paris, atraindo mais imigrantes para a cidade. O ideário do povo trabalhador, empreendido nas relações produtivas estabelecidas na Colônia por Dr. Blumenau, foi a égide da sua divulgação.

Essas marcas do povo trabalhador, empreendedor, ordeiro, foram se constituindo no código de comportamentos e sentimentos do grupo germânico. Vislumbra-se o *habitus* germânico, arraigado nos modos de ser, sentir, agir e pensar, projetado e engendrado nas relações de poder estruturadas e vividas na Colônia. Trata-se, portanto, não de uma disposição natural, ou de algo vinculado à raça, ao berço de origem. Trata-se de um processo cultural e social, com forte carga valorativa.

Torna-se tão logo evidente que o *habitus* nacional de um povo não é biologicamente fixado de uma vez por todas; antes está intimamente vinculado ao processo particular de uma formação do Estado a que foi submetido. (ELIAS, 1997, p.16)

Os colonos alemães que chegaram a Blumenau em 1850 partilhavam o ideário que pela força do seu trabalho e pela sua superioridade sobre as demais etnias, tornariam essa a mais próspera Colônia do Sul do Brasil. Os teuto-brasileiros não reconheciam nos brasileiros o

empreendedorismo e a força para o trabalho, o que era amplamente propagado pela imprensa teuto-brasileira.

Segundo Seyferth (1981) a superioridade no trabalho é uma característica comum que os teuto-brasileiros utilizam para se estabelecerem no confronto com indivíduos de outras etnias. “Essa afirmação do grupo étnico, portanto, gira sempre, em torno da eficiência alemã, só é possível por causa da ‘superioridade cultural dos alemães’ mantida através da educação, da família e do uso cotidiano da língua alemã”. (SEYFERTH, 1981, p.159)

Nesse contexto, “a vida na pequena propriedade obedecia à seguinte dinâmica produtiva: 40% das terras eram utilizadas para agricultura, 15 a 20% para criação de animais e 10% não era explorado.” (DIAS, 2009, p.73) Durante os anos iniciais da Colônia, o campo de atividades econômicas centrava-se no setor primário. Do cultivo da cana de açúcar, produziam-se o açúcar, a cachaça e forragem para os animais. Outro produto que ganhou destaque na economia, com exportações, foi o fumo.

As sobras das produções, como folhas e bagaço de cana, eram utilizadas na alimentação dos bovinos, suínos, vacas leiteiras. Nesse contexto, a pequena rede familiar dos colonos iniciou a produção de manteigas, queijos, linguiças e derivados, para além da sua necessidade de autoconsumo. Surge a necessidade de comercialização desses produtos excedentes, todos eles passaram a ser vendidos em estabelecimentos comerciais conhecidos como “vendas”.

O cenário econômico local ascende com a expansão das casas comerciais instaladas em Blumenau, que na década de 1880 já contava com vinte e sete estabelecimentos. Além dos produtos locais como laticínios, farinha, cachaça, fumo, havia comerciantes que importavam produtos da Alemanha, artigos de vestuário, combustível, ferragens, porcelana, cimento, vidros, tintas, tecidos. (RENAUX HERING, 1987)

A produção artesanal vai ganhando espaço e se diversificando (vide tabela abaixo) com o fluxo do mercado interno de Blumenau, como estabelecimentos comerciais, crescimento populacional e os produtos excedentes como farinha de mandioca, cana-de-açúcar, fumo, derivados do leite etc.

Tabela 5: Estabelecimentos de produção artesanal de Blumenau - 1861-1880

Estabelecimentos	1861	1865	1870	1875	1880
Engenhos de Açúcar	50	53	80	97	154
Engenhos de Farinha de Mandioca	47	47	70	95	142
Alambiques	51	61	68	88	143
Serrarias	3	8	19	28	32
Engenhos para moer grãos	2	5	14	19	27

Fonte: THEIS (2000)

A “Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau”¹⁹, fundada em 1879, deu grande impulso para ampliação do mercado comercial da cidade com exportação e importação, o estabelecimento de linhas regulares de vapores e lanchas para o transporte de passageiros e cargas entre Itajaí e Blumenau, pelo rio Itajaí Açu.

Em relação à transposição histórica do modelo de desenvolvimento econômico, esse não ocorreu de forma linear, foi constituído por indivíduos, cujos interesses econômicos eram similares, em redes de interações politicamente organizadas e coesas, em um campo de luta para legitimação do seu grupo social, como ver-se-á posteriormente. Conforme Tomio (2000) até 1880, a economia voltava-se para a agricultura de subsistência. A segunda fase, compreendida entre 1880 e 1914, passa a representar a da pequena indústria, que teve alguns fatores fundamentais, como o acúmulo de capital dos comerciantes (vendeiros) e o investimento das suas atividades para transformação industrial, a garantia de que suas mercadorias tivessem um espaço interno inicial e a captação da experiência profissional do imigrante.

Contudo, os imigrantes alemães que ocupavam a área urbana, estabelecidos como empresários no período de 1880 não eram considerados colonos (DIAS, 2009). Cabe ressaltar que o grupo de alemães e teuto-brasileiros era coeso na defesa do ideário simbólico da raça pura alemã, na conservação do *Deutschum*, porém, estava multifacetado em subgrupos, hierarquizados pelas relações de poder, nas condições de acesso aos bens de consumo e cultura.

Se é historicamente comprovado o fato de que a indústria, em Blumenau e região, pôde se desenvolver com base na força de trabalho disponível (imigrante em sua quase totalidade), então se pode afirmar que este desenvolvimento repousou num processo de exploração. (THEIS, 2000, p. 172)

¹⁹ Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Revista Blumenau em Cadernos, Nov/dez 1962, p. 174. Tomo V / Fundação Cultural de Blumenau.

Conclusões como as de Theis, propõem a forma como se deu o acúmulo do capital durante a Colônia de Blumenau. Grande parte dos imigrantes trabalhava nas indústrias e antes ou depois da jornada fabril, efetuavam o trabalho com agricultura na sua propriedade familiar.

Conforme aponta Dias (2009), a ampliação das linhas mercantis em Blumenau iniciou por estruturas no mercado interno, principalmente com o avanço das colônias vizinhas, tais como Brusque e Joinville. Da produção da pequena propriedade familiar, como já citado anteriormente, se destacavam a produção da farinha de mandioca, farinha de milho, banha, ovos, manteiga, laticínios em geral, carne suína e bovina, cachaça, dentre outros. Tais transações mercantis internas regionais é que atraíram novos moradores para região, nomeadamente na década de 1950, o que certamente incidiu na redução de alemães na cidade.

Destacam-se também nessa estrutura social e fabril, a Empresa Têxtil da Família Hering, fundada em 1880 pelos irmãos Hermann e Bruno, imigrantes alemães da região da Saxônia. Por volta de 1900 tinha trezentos funcionários, em sua maioria, teuto-brasileiros. O nome Hering, significa “arenque”, um peixe semelhante à sardinha, comum na Alemanha. Os dois peixes, símbolos da Companhia, representam os irmãos Bruno e Hermann, vindos do interior da Alemanha. A Companhia Hering preservava o ideário simbólico na superioridade étnica do alemão trabalhador, próspero e ordeiro. Mantinha a preferência por contratar teuto-brasileiros, com a justificativa de que a produção na indústria exigia minúcia e responsabilidade, a qual eles tinham certeza que encontrariam no povo teuto-brasileiro (RENAUX HERING, 1987).

É possível observar, nas redes de interações da cidade de Blumenau, a notória presença de representantes da família Hering em diversos segmentos empresariais, conforme tabela abaixo. Durante o período de consolidação industrial de Blumenau, a família Hering teve uma grande representatividade nos interesses capitalistas emergentes na cidade. Conforme Tomio (2000), havia um estreito relacionamento entre a elite burguesa blumenauense, favorecendo o processo de concentração de capital em Blumenau.

Tabela 6: Redes e Relações Capitais da Família Hering

Controle da Malharia Hering	Fundada em 1880
Fundação e Administração da Caixa Agrícola	1907
Controle Acionário da Indústria Garcia	
Participação acionária na Força e Luz	1927- Curt Hering e Otto Renaux
Instalação da rede telefônica em Blumenau	
Compra da Fábrica de chocolates Saturno	1928- Max Hering
Criação da Fábrica Gaitas Hering	1923- Alfredo Hering
Criação da Fábrica Cristais Hering	Alice Husadel Hering- viúva de Alfredo Hering
Criação da Fábrica de Brinquedos Hering	Alice Husadel Hering- viúva de Alfredo Hering
Fundação da Malharia Blumenau – Mafisa	1929 – Ralph Gross e Ulrich Steinbach – netos de Hermann Hering
Participação acionária na Fábrica de Gazes Cremer	1935- Curt Hering
Sociedade na Madeireira Rio do Sul	Max e Curt Hering com Rodolfo Odebrecht
Participação no Banco Inco	Curt Hering, Irineu Bornhausen, Otto Renaux, Victor Konder, etc.
Banco de Crédito Bella Aliança	Curt Hering
Aquisição da Malharia Eckardt	Curt Hering
Fundação da Fábrica de Tintas Hering	Paul Hering

Fonte: Tomio (2000)

De acordo com Dias (2009, p.75) “A família Hering continuou sendo vanguarda, na medida em que, a essa altura, suas filhas haviam casado com moços oriundos de bem-sucedidas famílias comerciantes e industriais da região”.

Conforme salienta Seyferth (1981) a aparência física não é utilizada como elemento de diferenciação, contudo, a superioridade racial é colocada em questão, sobretudo, em casamento interétnico. Cabia à família evitar o casamento interétnico, sendo o lar o reduto da língua alemã, sendo esse também o *Deustchum*, cuja perpetuação precisava ser conservada. Surgem termos como *verlussen*, *verbrasilianem* ou *kaboclisieren*, que significam, abrigar ou caboclar, “baixar o nível de vida”.

Havia a valorização da mulher alemã, fundamentada em preconceitos e estereótipos direcionados ao caboclo. “A mulher brasileira (ou cabocla) é definida como uma pessoa que trabalha pouco e não ajuda o marido, não se preocupa com a educação dos filhos, com a boa aparência do lar e da horta, portanto, é uma péssima trabalhadora.” (SEYFERTH, 1981, p.148)

É importante frisar que o grupo estabelecido, reconhecido como povo empreendedor, ordeiro, limpo, trabalhador, tacitamente é articulado para manter seu *status* de superioridade.

No município o casamento interétnico, sobretudo, da elite empresarial, preservava seu estigma social.

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e normas (as leis e normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos. (ELIAS, 2000, p.29)

A família Hering, assim como outros empresários de Blumenau, buscava-se manter coesa na defesa do *Deutchum*, atuando nas diversas esferas de representações simbólicas e culturais, bem como nas representações políticas.

Um fato adicional para a história da burguesia de Blumenau é sua perenidade. Um número reduzido de sobrenomes se repete com prenomes diferentes nas diversas fases de desenvolvimento do Município, que se confunde com gerações de algumas famílias. Isto indica que a elite econômica blumenauense foi restritiva e pouco permeável ao ingresso de novos membros. (TOMIO, 2000, p.77)

A impermeabilidade à qual se refere Tomio pode ser tratada como característica dos grupos estabelecidos, que se mantinham hegemônicos, à medida que asseguravam os casamentos entre seus membros. Tais casamentos ampliavam as sociedades e geravam novos negócios.

Seibert (2000) aponta que após a emancipação do município, o desenvolvimento industrial aumentou a divisão do trabalho entre o meio rural e urbano. Sendo fundadas nesse período, as indústrias têxteis Hering (1880), Tecelagem Karsten (1893), Empresa Industrial Garcia (1885), que posteriormente se funde à Artex, e a Jensen Cia. (1899).

Tabela 7: Ano de Fundação das principais empresas industriais

SETOR TÊXTIL	OUTROS SETORES
1880 – Hering	1880- Curtume Otte
1882- Karsten	1880- Tipografia Baumgarten
1884- Garcia	1886- Fundação Eletro-Aço Altona
1924- Bordados e Cadarços Haco	1915- Conservas Hemmer
1926- Teka- Tecelagem Kuendhrich	1916- Fecularia Lorenz
1927- Malhas Tielmann	1923- Chocolates Saturno
1929- Mafisa- Malharia Blumenau	1923- Fábrica de Gaitas Alfredo Hering
1935- Cremer- Gazes Mediciniais	1936- Porcelana Schmidt
1936- Artex	
1945- Sulfabril	

Fonte: TOMIO (2000)

Em 1907, cria-se a Caixa Agrícola, a fim de fornecer empréstimos com juros mais baixos às indústrias pela captação de investimentos por meio da concentração da poupança interna de Blumenau. (TOMIO, 2000)

A Sociedade Anônima Kuendhrich, mais tarde denominada como Teka Tecelagem Kuendhrich, é proveniente de empréstimos realizados por grupos estabelecidos de colonos, que já acumulavam algum capital econômico, e emprestavam o valor para que os empreendedores interessados em montar um negócio industrial pudessem fazer com os juros baixos. Esses colonos eram conhecidos como “colonos fortes”.

A expansão industrial refletiu, todavia, nas estruturas das vias de comunicação férreas, terrestres e fluviais. Tomio (2000) destaca que uma das grandes características da elite empresarial blumenauense, foi o grande poder de organicidade em prol de uma identidade coletiva, e o estreito relacionamento manifesto em vários campos de atuação.

Simão (2000) aponta que com a instauração da República, e o movimento federalista, o cenário político blumenauense se altera e novos laços entre os estabelecidos se firmam.

O primeiro governador do Estado de Santa Catarina, no regime republicano, Lauro Müller, contou com o apoio dos irmãos Hering. Todavia, com a renúncia de Lauro Müller, assume a administração do governo o tenente Machado, que trazia em seu discurso segundo Simão (2000) interesses federalistas.

A briga política vinha se acirrando cada vez mais, principalmente pelos atos de perseguição a republicanos e à Vila de Blumenau, cujos habitantes sofreram as consequências. É preso, sem acusação formalizada, e deportado para o Rio de Janeiro, Paulo Ramos, delegado da Inspetoria de Terras da Colonização, com residência em Blumenau, o qual, ao lado de Hercílio Luz, Bonifácio da Cunha e outros, vinha mantendo acirrada luta contra o presidente do Estado e os federalistas. (SIMÃO, 2000, p.26)

A luta deflagrava a defesa de interesses entre a elite comercial e industrial, em assegurar junto ao governo do Estado sua representatividade. O Estado foi governado por Eliseu Guilherme até 1893, até a derrota do movimento federalista. Hercílio Pedro da Luz assume como governador do Estado em 1894, trazendo benefícios à cidade de Blumenau, que o apoiou. Segundo Simão (2000) Hercílio representou bem o empresariado, com a construção da ponte sobre o rio Itajaí-Açu, facilitando a exportação de produtos locais.

Entre 1883 e 1940, as representações políticas correspondiam às representações de interesses econômicos e interesses político-culturais, ou seja, situavam-se entre a

preservação da nacionalidade alemã e a preservação das tradições culturais e econômicas, já que os empresários locais eram de origem germânica. (SIMÃO, 2000, p.16)

No que diz respeito às coligações partidárias, Simão (2000) assinala que até 1923, em Blumenau, os partidos existentes foram: a Sociedade Eleitoral Democrática Republicana, o Partido Conservador, o Partido Católico, que mais tarde passou a chamar-se União Federativa, o Partido Liberal e o *Volkspartei* (Partido do Povo).

Destarte, o *Volkspartei* (Partido do Povo), fundado em 1898, teve como fundadores imigrantes residentes em Blumenau, como Eugen Fouquet, Alwim Schrader, superintendente municipal eleito pelo partido em 1903.

O ‘Volkspartei’ não era apenas uma organização da classe patronal, mas sim uma associação germânica que concebia a existência de um só partido, um líder e uma massa. Acima de tudo, acreditavam que, somente com a união dos alemães, feitos grandiosos teriam a possibilidade de concretização. O símbolo desta união era a bandeira alemã. (SIMÃO, 2000, p.30)

Ainda, retornando a Simão (2000), o *Volkspartei* tem como núcleo central uma sociedade política de cultura germânica. Tal proposta, incidia em outros continentes com a implementação do *Volkspartei*, o qual tinha por “objetivo unir todas as sociedades numa única e de manter a nacionalidade alemã, independente da territorialidade, garantida através da língua[...].” (Ibidem, p. 32)

Nota-se que o *Volkspartei* esteve voltado à conservação do *Deustchum*, que tendo como representante o superintendente do município, Alwim Schrader, a ideologia do partido se propagou entre as Sociedades Escolares Alemãs e na esfera jornalística, representada pelo jornal *Der Urwaldsbote*.

Convém ressaltar que a elite industrial, comercial e política também se fazia presente nessas redes de produções simbólicas. Os jornais foram campos de disputas políticas, embora se mantivessem a favor dos mesmos ideais germanistas.

Em 1880 organiza-se em Blumenau a sustentação legitimada da defesa do *Deustchum*, o primeiro jornal da cidade, “*O Blumenau Zeitung*”, que tinha suas tiragens em língua alemã.

O fundador da Colônia teria resistido à existência de jornais na cidade, no entanto, pressionado pela opinião de pessoas influentes e pela recente emancipação política de Blumenau, que passara a ser município, apoiou a publicação de “*O Blumenauer Zeitung*”.

Todavia, inicialmente, *O Blumenauer Zeitung* foi marcado por controvérsias políticas, tendo como jornalista Hermann Baumgarten. Com a morte de Baumgarten em 1908, o campo político deixa de desempenhar papel preponderante no jornal, sendo direcionado pelo grupo de Feddersen Stuttezer. Embora suas publicações trouxessem um alinhamento político com as questões brasileiras, não deixou de trazer publicações em defesa do *Deutschum*. Contudo, na década de 1930, segundo Seyferth (1981), foi o jornal que mais se aproximou aos ideais nazistas no vale do Itajaí, e demonstrou apoio direto ao Partido Integralista Brasileiro.

O jornal *Der Urwaldsbote* (O Mensageiro da Floresta), inaugurado em 1893, inicialmente escrito por Pastor Faulhaber, um dos primeiros dezessete imigrantes, vindos junto com Dr. Blumenau, representava os interesses da Conferência Pastoral Evangélica. Por forças políticas, em 1827 Eugen Fouquet assume a redação do jornal, identificado com os preceitos da Liga Pangermânica e combatido pela imprensa em língua portuguesa, por suas publicações racistas. O jornal, segundo Frotscher (2007), passa a ser gerido e produzido por intelectuais e representantes da aristocracia local, dentre eles políticos do governo estadual e federal. O *Der Urwaldsbote* trouxe em várias edições a capacidade empreendedora de Dr. Blumenau, conquistada, sobretudo, pela pureza do sangue alemão, que desde sua instalação como Colônia não se deixou abater.

De acordo com Simão (1995), no início da década de 1900, o município enfrentou dificuldades na ampliação do mercado externo, produtos como banha de porco, manteiga e açúcar passaram a enfrentar concorrências e não tinham mais a circulação esperada. Por meio do *Kulturverein* (Sociedade de Consumo da Colônia), implantada por Dr. Blumenau no final do século XIX, buscaram-se definir ações para combater a crise, qualificar o armazenamento do produto, bem como criações de melhores meios de comunicação marítima para que esses chegassem com maior rapidez e em perfeito estado para o consumo. Para tanto, criou-se uma associação para fins de controle e fiscalização das mercadorias, dando início à Associação Comercial e Industrial de Blumenau (ACIB).

Conforme aponta Tomio (2000), amparado pela pesquisa realizada por Simão em 1995, há divergências quanto à data da fundação da ACIB, possuindo cem anos de atuação na cidade, o bloco hegemônico que representa os interesses do empresariado blumenauense, em posicionamento oficial, afirma ter sido fundado em 1898, oriunda de uma reunião com o cônsul alemão Gustavo Salinger e dezesseis empresários, a fim de incentivarem a produção interna, e o auxílio às exportações e importações. Entretanto, no município não existem referências à ACIB na data referida. Segundo Simão, *apud* Tomio (2000), a criação da ACIB teria sido uma

convocação da *Kulturverein*, em 11 de agosto de 1901, composta pelos empresários: Gustavo Salinger, Luís Altenburg, Guilherme Niendted, Fridrich Blohm, A. Specht, Guilherme Sheeffer e Bruno Hering. Desde a sua emancipação a município, na esfera política governamental de Blumenau, todos em sua maioria eram representantes da elite comercial. De acordo com Simão (2000, p.59), “[...] durante o desenvolvimento de Blumenau, tem-se uma classe, o empresariado, que além de hegemônica socialmente, é também hegemônica politicamente”.

Nota-se que a evolução industrial de Blumenau sofreu oscilações no decorrer da história. A ascensão da pequena propriedade até a indústria manufatureira ocorreu em um processo marcado por coalizões de forças políticas, interesses econômicos nacionais e internacionais. Desde o acúmulo de capital dos colonos, dos empréstimos fornecidos para investimento no empreendimento industrial, bem como o crescente número de estabelecimentos comerciais.

Não obstante, em 1950, em decorrência do crescimento econômico da cidade, Blumenau recebe uma quantidade significativa de indivíduos egressos de outras regiões do país. A chegada de outras pessoas não era bem vista pelos blumenauenses. “[...] a vinda de indivíduos de outros lugares significou certa afronta aos blumenauenses, como se fosse macular a autoimagem construída pela cidade em seu ideário”. (DIAS, 2009, p. 77)

Ademais, a ideia distintiva para a diferenciação étnica estava ligada à herança do sangue e não ao local de origem dos egressos. “Teuto-brasileiro é aquele que nasce no Brasil, mas tem sangue alemão”. (SEYFERTH, 1981, p.155) Todavia, o fator de relevância era a língua alemã.

Além dos clubes de caça e tiro e das escolas, a imprensa sempre teve grande influência na cidade de Blumenau, na disseminação do *Deutschum*, capitaneada pelas forças de poder político.

Dr. Blumenau não mediu esforços para instalar sua *Heimat*²⁰, buscando a legitimação de discursos e o reconhecimento de “melhores colonos”. Seyferth (1981) aponta que vários nacionalismos europeus no *jus sanguinis*, na ideologia nacionalista alemã para a qual o povo não precisa estar ligado a um território específico para constituir uma nação. São ligados pelos *volsgemeinschaft* (comunidade nacional) e pelo *Deutschum*, “[...] uma comunidade de

²⁰ Pátria num sentido restrito – é o país ao qual uma pessoa está ligada, seja pelo nascimento, seja pela lembrança, seja por herança, seja por laços emocionais. [...] referida aos costumes e cultura popular germânica e na exaltação patriótica[...] (SEYFERTH, 1981, p.46)

interesses a uma cultura, raça e língua comuns – referenciadas como a ‘consciência nacional alemã’”. (SEYFERTH, 1981. p.45)

Todavia, conforme aponta Waibel (1979), esse reconhecimento de “melhores”, está relacionado a como ocorreu a ocupação, o tratamento e o aproveitamento das terras sob a ótica da pequena propriedade familiar, ponto estrutural de todo o empreendimento colonial, assim como marco para a aceleração e crescimento da indústria e do comércio.

A seguir, explorar-se-á como se deu a implantação das escolas no período da Colônia Blumenau até a década de 1900. Posteriormente, far-se-á uma breve discussão referente à implantação da primeira *Schützenverein* (Comunidade de Tiro) na Colônia.

1.6 AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: (1862 – 1900)

A Colônia Dr. Blumenau preocupou-se com a disseminação da cultura e dos valores morais, cujos ideais provinham da sua pátria de origem. Nas escolas alemãs particulares, o ensino era ministrado em alemão, o português era uma disciplina. Segundo Seyferth (1981), a organização escolar na zona rural era ministrada por um colono-professor, que organizava o ensino, as atividades religiosas e recreativas. Posteriormente, surgiram escolas comunais mais eficientes, ligadas às comunidades religiosas católicas e protestantes.

O ideário simbólico da superioridade e da moralidade permearam as redes de interações entre os teuto-brasileiros, ligados aos seus nacionalismos alemães, inseridas pela língua alemã, igreja, escola, imprensa e clubes de caça e tiro.

A primeira escola construída foi destinada ao sexo masculino, datada de 1862. Posteriormente, em 1865, veio a ser inaugurada a escola para o sexo feminino. Contudo, em 1863, começaram a funcionar as duas primeiras escolas particulares. Segundo Simão (2000) as escolas particulares eram frequentadas na maioria por imigrantes. Os colonos fundadores da escola organizavam-se em grupos, capazes de manter o sustento dela. A língua utilizada era de seus descendentes. Os brasileiros geralmente frequentavam as escolas públicas, onde o ensino se dava em língua portuguesa.

No relatório de 1874, Dr. Blumenau apontava preocupação quanto à insuficiência de escolas públicas, e o dado aumento da população não correspondia à frequência na escola.

Ressaltava que as escolas se mantinham localizadas na sede, distantes de onde os colonos brasileiros trabalhavam.

As escolas particulares eles dificilmente poderiam frequentar porque nelas, o ensino, senão, todo, pelo menos em parte, era ministrado em alemão. Os nacionais não tinham o mesmo expediente dos colonos alemães, no tocante à formação de sociedades de ensino. (SILVA, 1888, p.25)

Segundo Simão (2000), em 1876 aumentava o número de escolas particulares para vinte e cinco, contudo, vinte delas haviam recebido subsídios do governo, o que permitiu que Dr. Blumenau exercesse uma ingerência fiscalizadora, dentre elas estava a exigência do ensino da Língua Portuguesa. Dr. Blumenau ainda demonstrava preocupação com a ausência de brasileiros nas escolas,

... em sua correspondência com o presidente da província, pela abertura de novas escolas públicas e providências que compelissem, de fato, principalmente os colonos nacionais, a mandarem seus filhos à escola e não permitissem que eles andassem ‘caçando, pescando e vadiando exatamente como os filhos dos selvagens’ e sugerindo que, para tais pais, se impusessem penas severas e até ‘pena de prisão’ a pão e água por três dias’ aos recalcitrantes. (SILVA, 1988, p.249)

A preocupação com a educação com os colonos nacionais, assim tratados por ele, estava atrelada à forma como esses indivíduos eram identificados, como sujeitos de pouca cultura. Parte dos imigrantes alemães já vinha com a educação básica da Alemanha, e compreendiam a importância da frequência escolar para seus filhos.

Com o crescente número de escolas particulares em Blumenau, no ano de 1900 organizou-se a “Associação das Escolas e Professores de Blumenau”, que tinha como objetivo,

[...] congregar os professores e comunidades do Vale do Itajaí, com objetivo de unificar as normas de ensino e orientar os professores nos aspectos das metodologias de ensino, como também para facilitar a aquisição de material escolar, a assistência de professores, principalmente em suas enfermidades e na velhice, e para promover atividades culturais. (SIMÃO, 2000, p.35)

Posteriormente, a Associação passou a ser ampliada para o Estado de Santa Catarina, dando origem às Sociedades das Escolas Alemãs para Santa Catarina. Cabe ressaltar que nas esferas das Sociedades das Escolas Alemãs, circundavam a elite do empresariado de Blumenau, muitos deles ligados ao “*Volkspartei*”. De acordo com Simão (2000), era provável a ligação dos ideais germânicos do partido, transmitidos pela Associação de escolas. Segundo o relatório do superintendente da Associação, Alwin Schrader,

[...]das 112 escolas existentes no município, somente em 04 escolas públicas o ensino era ministrado em português. Cinco escolas ministravam em português e alemão, 4 em alemão e polonês, e em italiano e alemão e, exclusivamente em alemão nas outras 81... (SILVA, 1988, p.253)

A partir de 1904 a orientação das chamadas escolas alemãs, de caráter privado, passou a ser determinada pela *Deutsche Schulverein für Santa Catarina*, coordenada pela *Allgemeiner Deutscher Schulverein*, localizada na Alemanha. (SEYFERTH, 1981). Por sua vez, as escolas privadas eram mais aceitas pelos teuto-brasileiros, por acreditarem que elas estariam a serviço do *Deutschum*.

A escola teuto-brasileira, ao incluir nos seus alunos a sua índole, e a sua particularidade alemã, estará respeitando a herança nacional e moldando as suas personalidades como alemães. Uma pessoa sem nacionalidade não tem identidade étnica; para a escola teuto-brasileira, a identidade é dada pelo *Deutschum*, aprendido como uma coisa de espírito, porque ela não existe apenas para as crianças aprenderem a língua alemã, mas também para elas apreciarem, conhecerem e aprenderem as boas qualidades alemães e as verdadeiras virtudes e costumes alemães, como o são a fidelidade, o amor à ordem, a diligência, a bondade, a solidariedade e a verdade. (KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN BRASILIEN *apud* SEYFERTH, 1981)

Nos manuais escolares estava implícita a ideia de que era na escola, juntamente com o lar, que se consolidaria a maneira de manter vivas as características do povo alemão, preservando assim o *Deutschum*. No interior das escolas estavam amalgamadas as relações entre religião e a língua. As escolas teuto-brasileiras protestantes eram consideradas as mais germanistas de todas, por trazerem a língua de Lutero, ou seja, fundamentavam-se na própria religião. Lutero por sua vez, teria contribuído para o aperfeiçoamento de uma língua alemã pura, sem misturas de dialetos falados na Alemanha. (SEYFERTH, 1981)

Todavia, nas escolas católicas, o ensino também era ministrado em alemão pelo fato de grande parte da população estar familiarizada com essa língua, no entanto, algumas das disciplinas eram ministradas em português. Também se mantinha o *Deutschum*, contudo, a fé era colocada em primeira instância e a nacionalidade posteriormente.

Para a apropriação do *Deutschum*, instituições como escolas, igrejas e Clubes de Caça e Tiro foram essenciais. Na cidade até a primeira metade do século XX a língua alemã era preponderante. “A língua alemã se tornou a principal forma de diferenciação da ‘comunidade alemã’ fora da Alemanha, a forma mais concreta de identificação étnica.” (SEYFERTH, 1981, p.13)

As escolas públicas, por ensinarem somente a língua portuguesa, eram tratadas pelos teuto-brasileiros como desqualificadas, muitos associavam a essas escolas a presença dos luso-brasileiros, que eram rotulados com pouca cultura e preguiçosos.

[...] ao ensino de português, ²¹que deve ser ensinado, mas nunca colocado em primeiro plano’. Se isto acontecer, ‘o espírito alemão também enfraquecerá e o

²¹ De um depoimento no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, 1920.

espírito da indolência e da preguiça será introduzido diretamente na escola teuto-brasileira', tal como existe em muitas escolas públicas. (SEYFERTH, 1981, p.139)

Ainda em relação à língua, o bilinguismo era aceito em relações de ordem social, como relações de negócios, políticas, escola e na igreja, no entanto, inadmissíveis no âmbito familiar. O português era uma segunda língua, **aprendida como relação de cidadania**, mas não uma língua familiar. Diante disso, caberia à família o controle sobre seus membros para que não desviassem dos objetivos do grupo étnico. (SEYFERTH, 1981)

A tarefa da educação das crianças é tanto uma atribuição da escola como da família, mas cabe a esta última preparar as mesmas para uma socialização dos princípios do *Deutschtum*. Se o indivíduo não tiver uma família alemã, não terá condições de frequentar uma escola alemã, ou de viver em uma comunidade alemã. (SEYFERTH, 1981, p. 148)

A relação da cidadania estava atrelada pelos teuto-brasileiros aos fatores econômicos, segundo Seyferth (1981) à estereotipia do trabalho alemão. De acordo com Frotscher (1998), no manual escolar editado em 1930, encontram-se textos escritos pelo professor Rudolf Hollenweger, intitulado “Trabalhar é um dever”.

Chega a afirmar que o país só se tornará independente do estrangeiro se cada colono, cada agricultor, esforçar-se e plantar o quanto for possível. [...] O ‘trabalho alemão’ era tomado como justificativa para afirmação da cidadania brasileira. Por outro lado, servia também para os teuto-brasileiros pleitearem o direito de continuarem sendo ‘alemães’ culturalmente. (FROTSCHER, 1998, p. 8)

Nessa conjuntura, podem se delinear, portanto, o crescente número de escolas particulares, as quais se estruturavam a partir de grupos coesos, que tinham como premissa educar as crianças para conservação da língua e dos costumes germânicos, mas sendo cidadãs brasileiras, servindo o país por meio da força do trabalho.

1.7 OS CLUBES DE CAÇA E TIRO: A PRESERVAÇÃO DO *DEUSTCHUM*

O adensamento populacional inicial na Colônia, constituído por assentamentos comunitários homogêneos, solidificou as redes de interações e de representações culturais, por meio do espírito associativista. Tais agremiações, como as Sociedades Escolares Alemãs, tinham como seus representantes intelectuais, políticos, industriários e comerciários que circundavam nas variadas esferas blumenauenses, que defendiam a preservação do *Deustchum*, fundamentavam-se na crença da superioridade do trabalho alemão, como herança de sangue.

Instituições como as escolas, Clubes de Caça e Tiro e Igreja foram indispensáveis para a transmissão da ideologia alemã.

A economia pode ser brasileira, a política também; mas a filiação étnica do teuto-brasileiro é com o povo alemão – são diferentes dos outros brasileiros, formam um grupo separado, com instituições que lhe são específicas e que permitem identificá-los (SEYFERTH, 1981, p.154)

Os Clubes de Caça e Tiro eram visualizados pelos teuto-brasileiros como importantes para a conservação das tradições e língua alemã. Por meio dessas associações os teuto-brasileiros integravam-se, ajudavam-se mutuamente em questões de negócios e prestações de auxílios. O papel principal dessas associações era cultural e esportivo, eram organizadas competições de tiro, jogos diversos, ginástica, apresentações teatrais, palestras, quermesses, festas, cultivando as tradições alemãs. (SEYFERTH, 1981)

O primeiro Clube de Caça e Tiro surge na Colônia de Blumenau em 1859, o *Schützenverein* Blumenau. Segundo Petry (1979) o *Schützenverein* surge por meio de uma reivindicação realizada ao fundador da Colônia pelos moradores que já tinham essa prática recreativa e cultural na Alemanha. Era comum entre os moradores andarem com suas armas de caça na Colônia Blumenau, em virtude dos animais selvagens e os comuns entraves com os índios. Os moradores se reuniam e praticavam o tiro ao alvo, o que certamente poderia colocar em risco a segurança de outros moradores. Assim, Dr. Blumenau concedeu o terreno para que fosse criado o *Schützenverein*. Ainda conforme Petry (1979), mais de um terço da Colônia pertencia ao quadro social da Associação. Nas reuniões não se praticavam somente o tiro ao alvo e o tiro do pássaro, organizavam-se peças teatrais, os problemas comunitários também eram alvo de discussões. O *Schützenverein* representava uma ligação com sua pátria de origem, e se constituía em uma das formas das famílias de imigrantes alemães perpetuarem com os filhos suas heranças culturais.

Os Clubes de Caça e Tiro além de preservarem as manifestações culturais, desempenhavam um papel de representatividade política, social e recreativa. A tradicional festa dos atiradores (*Schützenfest*) era aguardada com grande expectativa pelos moradores.

Este tipo de sociedade viria ter na Colônia -- Blumenau maior importância que na Alemanha, pois veio representar ‘com a família e a igreja, a terceira célula da vida dos colonos teuto-brasileiros’. De todas as formas recreativas, os *Schützenvereine* foram as primeiras manifestações do associativismo europeu e serviram de base para a formação da vida social da Colônia Blumenau. (PETRY, 1979, p.15)

Quando Petry (1979) menciona que esse tipo de associativismo representava a terceira célula da vida dos colonos teuto-brasileiros, as Instituições de Caça e Tiro, além de espaços de representações culturais, constituíram o estreitamento das relações políticas e comunitárias entre os sócios frequentadores. O *Schützenverein*, na Colônia de Blumenau tem a sua fundação três anos antes que fosse fundada a primeira instituição escolar. Depois do primeiro Clube de

Caça e Tiro, foram se constituindo outras associações, com as características do *Schützenverein*, cada qual em uma localidade da Colônia.

Em 1899, foi fundado o C.R.E.C. Concórdia de Itoupava Central Blumenau, que também foi palco de muitos eventos culturais e esportivos. Hoje seu terreno é sede do “Museu dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau”.

Conforme aponta Siebert (2000) a Colônia buscou-se estruturar com características das cidades de colonização alemã. Essa formação da Colônia contribuiu para o fortalecimento das redes de interdependência entre escola, igreja, famílias e as instituições de caráter associativista, voltadas em manter suas tradições alemãs, alicerçadas ao ideário constituído como o *habitus*, do povo ordeiro, trabalhador, disciplinado, limpo.

Não importa quantos elementos foram modificados em função de um novo ambiente ou do contato com brasileiros, mas sim que o modelo segundo o qual tais instituições foram moldadas é idealizado pelo princípio do *Deutschum*. Esse aliás, deixa de ser *Deutschum* para ser *Deuschubrasilianertum*, o que dá a medida exata da situação: uma forma nacionalista alemã adaptada a população de origem alemã no Brasil. (SEYFERTH,1981, p.154)

A manutenção do *Deustchum*, a fidelidade à “pátria de origem”, a identificação étnica, os ideários de ser um alemão trabalhador, ordeiro, próspero e a superioridade étnica, foram constituindo-se nas configurações sociais. Ao longo da história da cidade, relações específicas de poder, legitimadas pelo fundador da Colônia, por imigrantes bem-sucedidos, pela imprensa, pela escola, pelas associações e clubes de grupos coesos, planos políticos, propagaram sentidos em torno de um cidadão idealizado, mantido por códigos de condutas e modelos de pensar, agir e sentir, relacionados ao *habitus* germânico. O poder aqui tratado na perspectiva conceitual de Elias (1994), como expressão que designa ampla oportunidade social de influenciar a autorregulação de outras pessoas.

Pode-se então afirmar que esse ideário construído não se deu de forma naturalizada, foram articuladas estratégias políticas para que o *habitus* do teuto-brasileiro trabalhador, ordeiro, próspero, limpo, imperasse por gerações. O *modus vivendi* dos teuto-brasileiros em Blumenau se estabeleceu nas redes de interações, em micro eventos, como família, escola, igreja, associações, cidade. Todavia, a teia relacional modula as mentalidades e conduta dos indivíduos de acordo com o tipo ideal projetado nas coalizões de poder. Contudo, as configurações sociais não são estáticas, assim como o *habitus* também não o é.

A seguir, abordar-se-á o período nacionalizador, que teve seus contornos iniciais nas instituições escolares alemãs blumenauenses em 1910, mas, sobretudo, se intensifica entre os períodos de 1930-1945. Esse período demarca reconfigurações nas redes de interações na cidade, o enfraquecimento do *Deutschum*, porém, a estrutura social continua a vestir a velha roupagem, do típico ideal cidadão blumenauense, trabalhador, limpo, ordeiro, disciplinado.

1.8 O SILENCIAMENTO DE UM PASSADO: O PERÍODO NACIONALIZADOR²² NA CIDADE DE BLUMENAU (1930-1945)

Meu encontro com a sociedade teuto-brasileira foi uma casualidade. Nunca procurei explicação para ela, porém foi através do serviço militar que cheguei à cidade de Blumenau, onde essa sociedade era autêntica. Fui comandado do atual general Nilo Augusto Guerreiro Lima, quando major comandante do 32.º B.C.

Não demorei em entender que os meus patrícios, nascidos na referida área cultural, muito cedo me visariam com limitações. Senti as limitações por causa das arestas sensíveis e agressivas da minha formação nordestina, grupo pernambucano. Muito tempo depois, entendi que essa percepção foi um reflexo da paisagem humana de Blumenau (área urbana) que recebi como: um Brasil Diferente.

(TCJ/Fpolis.SC, 1966 *apud* JAMUNDÁ, 1966, p.7)

Aqui, ousaria iniciar questionando: Seria Blumenau um Brasil diferente? Teria Dr. Blumenau empreendido sua *Heimat*²³ no Sul do Brasil?

Se em um primeiro momento Blumenau se firmava entre os que falavam alemão e “os outros”, a germanidade começa a se reconfigurar a partir da Segunda Guerra Mundial com intervenção do Estado em comunidades étnicas, acentuadamente as de caráter institucional educativo, contudo, tomam novas proporções alvo da campanha de nacionalização do Estado Novo (1937-1945). Com uma política nacionalizadora, com medidas de homogeneização dos hábitos e costumes da população brasileira,

Preocupações a respeito de possibilidades de formação de quistos raciais, grupos linguísticos, vinculações com o estrangeiro, desrespeito a medidas de caráter nacional e separatismos, levaram o governo federal e estadual a intervir junto às regiões onde

²² Segundo Seyferth (1981), a campanha de nacionalização instituída por Getúlio Vargas levou o Brasil à ditadura, sob o regime de um governo autoritário e nacionalista. A frente de ação dessa campanha visava inculcar o sentimento de brasilidade, através da assimilação compulsória, com a premissa de erradicar as influências estrangeiras atuantes.

²³ De acordo com Seyferth (1981), a ideologia do grupo étnico teuto-brasileiro se fundamentou em construir sua pátria (*Heimat*) alemã no Brasil, com critérios da superioridade do seu trabalho.

estavam concentrados núcleos de imigrantes estrangeiros e seus descendentes. (CAMPOS, 1998, p. 105)

O território blumenauense nesse cenário político constituía-se como um dos alvos mais visados pela repressão dos imigrantes e teuto-brasileiros. As simbologias culturais germânicas, em torno do *Deutschtum*, passam a ser ameaçadas pelo controle de nacionalização. Sobretudo, como nos aponta a pesquisa realizada por Frotscher (2003), a qual tomar-se-á como alicerce nessa abordagem temática, o processo nacionalizador em Blumenau teve “ações e reações” das elites dirigentes locais, na medida em que se negociava entre os agentes sociais a minimização da nacionalização frente ao capital simbólico que dispunham.

Seyferth (1981) aponta que para a conservação do *Deutschtum* entre os teuto-brasileiros a manutenção da língua alemã passa a ser determinante, a conservação da raça com as ameaças na década de 1930 passa para segundo plano.

A língua não distingue apenas o homem dos animais, ela também forma o caráter individual de cada povo. Nós não somos alemães porque em nossas artérias corre sangue alemão, mas sim porque a língua alemã distingue de modo categórico nossos pensamentos e sentimentos da maneira de ser de qualquer povo. (*KOLONIE-ZEITUNG*²⁴, 1933 *apud* SEYFERTH 1981, p. 101)

Desde a constituição da Colônia Blumenau, como já abordado na seção anterior, os imigrantes alemães buscaram manter elos simbólicos com sua nação de origem, cultivavam o orgulho por sua etnia, costumes que se mantinham por gerações através da família, igrejas, escolas, instituições de caráter associativista, imprensa.

Segundo Campos (1999) a campanha nacionalizadora teve um confronto discursivo, “uma luta de palavras que se tentava firmar.” (Ibidem, p.163) Buscava-se a “regeneração nacional” na homogeneização de um cidadão brasileiro, no uso da língua sancionada por autoridades, nos comportamentos modulados para o amor à pátria e corpos sadios para servir a uma só nação. Contudo, a língua alemã foi alvo de ataques e censuras durante o Governo de Getúlio Vargas e atuação de Nereu Ramos no Estado de Santa Catarina, mais severamente no Vale do Itajaí.

De acordo com Frotscher (2003) em 1927, 84% da população de Blumenau havia nascido no Brasil. O adensamento populacional entre a Primeira República (1889-1930) no Vale do Itajaí ocorreu pela ação de pessoas e empresas nacionais de colonização, muitos desses

²⁴ Jornal de Circulação na cidade de Joinville.

operavam direta ou indiretamente em círculos políticos do Partido Republicano Catarinense (PRC).

[...] diversas pessoas que tinham capital investido em terras em Blumenau tinham envolvimento com a política partidária, como Pedro Cristiano Feddersen, Alwin Schrader, Paulo Zimmermann, Gottlieb Reif, José Bona, Henrique Reuter. O primeiro era um bem sucedido comerciante em Blumenau e influente político do PRC em níveis local e estadual. Alwin Schrader, comerciante, foi Superintendente de Blumenau de 1903 até 1915. Paulo Zimmermann foi também Superintendente Municipal entre 1915 e 1923. Tanto Gottlieb Reif, quanto José Bona e Henrique Reuter, foram membros da Superintendência Municipal por três vezes. (FROTSCHER, 2003, p.18)

Parte das terras entre 1920 e 1930 existentes pelas companhias de colonização eram provenientes de concessões do governo estadual para construção de estradas. Segundo Frotscher (2003) as vendas das terras eram principalmente realizadas para as pessoas de Blumenau, Sul do Estado de Santa Catarina e imigrantes oriundos da Europa. A ocupação das terras devolutas²⁵ estava interligada aos interesses políticos de expansão econômica e fortificação das bases de apoio ao PRC. Convém destacar, que no período abordado havia uma participação política administrava do empresariado blumenauense, conforme aponta Tomio (2000) a qual revelava um poder de coesão grupal, controlando a política e as instituições de caráter associativo de forma hegemônica, mediada por uma ideologia étnica.

O cenário político blumenauense até o ano de 1934 fora constituído por representantes da elite empresarial (vide tabela), solidificando as redes de interações e uma política voltada para manutenção dos valores germanistas.

Tabela 8: Empresários do setor têxtil no poder municipal 1893-1834

EMPRESÁRIO	EMPRESA	CARGO PÚBLICO	PERÍODO
Enrique Probst	GARCIA	Conselheiro ²⁶	1893- 95
Alwin Schrader	GARCIA/CREMER	Superintendente ²⁷	1903- 15
Max Hering	HERING	Conselheiro	1911- 15
Curt Hering	HERING	Conselheiro/Superintendente/Prefeito	1919- 30
Willy Hering	HERING	Conselheiro	1927- 30
Hermann Sachtleben	GARCIA	Conselheiro	1933- 34

²⁵ Terras devolutas “[...] eram consideradas ‘vazios demográficos’ à espera de um povoamento ‘racional’”. (SEYFERTH, 1994, p.13)

²⁶ O cargo de Conselheiro tinha as mesmas funções atribuídas na atualidade aos vereadores municipais. Em 1928, os Conselheiros passam a denominarem-se vereadores.

²⁷ Ao Superintendente municipal competiria a administração do município, em 1928 o cargo de Superintendente passou a denominar-se o de Prefeito municipal.

Fonte: TOMIO (2000)

Segundo Simão (2000) durante o período do Governo de Getúlio Vargas, Blumenau teve representantes nomeados pela Interventoria Federal do Estado, indicando Jacob A. Schmitt, vinculado à Aliança Nacional Libertadora, derrotado nas eleições de 1933, para o cargo de deputado à Constituinte. Em 1934 desmembrou o município de Blumenau em três outros municípios: Gaspar, Rio do Sul e Indaial. Diante dessa atitude, vista como uma revanche política, a população manifestou-se contrária, indo às ruas em passeatas, disposta a enfrentar os administradores municipais com o uso de armas. Foi nesse período que se organiza no município o núcleo da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Plínio Salgado, visitando Blumenau como dirigente nacional do Partido Integralista reuniu-se com os líderes do grupo nazista da cidade e, por haver afinidade entre os dois movimentos, declarava que a luta contra os inimigos comuns era imprescindível. (*BLUMENAUER ZEITUNG*, 1934 *apud* SIMÃO 2000, p.40)

Conforme aponta Gertz (1987) o Partido Nacional Socialista (NSDAP) não era a favor de uma aliança com o movimento integralista. Essa seria uma decisão local, emergente de alguns “partidários”, que logicamente conheciam a posição contrária da NSDAP. A ligação com a NSDAP na Alemanha ocorre mesmo antes de ação interventora de uma organização partidária em países estrangeiros. Anterior ao ano de 1931, os interessados em integrar o partido deveriam entrar em contato diretamente com Munique. A Revista Superinteressante aborda que o primeiro registro de um Partido Nazista em solo brasileiro é de 1928, no município de Timbó, que logo passaria a mudar-se para Blumenau. Presidido por Otto Schinkel, veterano da primeira guerra mundial. Contudo, Frotscher (2003) afirma que em novembro de 1928 foi a primeira aparição do partido no jornal *Urwaldsbote*, embora não formalizada enquanto partido. Havia uma convocação de um morador de Timbó, para que interessados enviassem os endereços. O primeiro grupo em Blumenau é fundado em abril de 1929.

Convém destacar que Adolf Hitler tinha duas datas em sua homenagem no calendário da cidade, a passagem do seu aniversário e a data que entrou como chanceler da Alemanha. A manifestação de apoio a Adolf Hitler fazia parte da construção identitária de um grupo, era, sobretudo, a manifestação de representatividade de seus sentimentos em relação à Alemanha. Com o período da nacionalização, tais datas são retiradas do calendário blumenauense.

Em relação ao calendário blumenauense, atuantes do PRC não mediram esforços para a implantação das comemorações relativas ao dia 25 de julho, dia do Colono. Incluir o dia do colono nas datas comemorativas da cidade significava garantir um lugar de memória por meio do calendário, salvaguardar através de gerações as suas tradições e, sobretudo, o sentimento de

pertença a um grupo. “Em 1934, os organizadores dos festejos do ‘Dia do Colono’ investiram sobretudo na rememoração da colonização, com objetivo de forjar um sentimento de coesão grupal”. (FROTSCHER, 2003, p.100)

A data era vista com bons olhos para manutenção do ideário típico alemão blumenauense, na afirmação da sua germanidade, uma vez que a cidade já sentia a opressão do processo nacionalizador.

Nas festividades do “Dia do Colono” em Blumenau, em julho de 1932, diante de carros alegóricos enfeitados, que transitavam pela rua 15 de Novembro até a praça Dr. Hercílio Luz, Marcos Konder proferiu um pronunciamento, relembrando a memória do fundador da cidade.

Meus senhores. Se é verdade que os mortos governam os vivos, o espírito de Dr. Blumenau se acha também nesta hora entre nós. E ele, tal qual oitenta anos passados, fala neste dia ao seu povo e lhe diz pela de um dos seus mais humildes admiradores! Blumenauenses! Honrai minha memória, a memória do primeiro colono na manutenção incorrupta e incorruptível da obra que honesta dentro da vossa comuna, protegi sobretudo a lavoura, fundamento desta colônia no passado, sustentáculo do presente e segurança do futuro. Conservai vossas tradições e costumes, e apego às primorosas qualidades e às excelsas virtudes dos vossos antepassados, certos de que será essa a contribuição para o bem dos vossos descendentes e para a formação da futura raça brasileira. (KONDER, 1979, p.144)

Tal discurso aponta investimentos no enaltecimento da superioridade do trabalho alemão, da sua prosperidade pela conservação da língua e da cultura alemã. Tal qual observava-se no material impresso publicado em 1937 em comemoração ao dia do Colono, intitulado “Hoje é o nosso dia”, escrito por Ingo Hering.

Embora em 1936 os integralistas assumissem a gestão municipal, representado pelo presidente da Câmara Municipal de Blumenau, José Ferreira da Silva, autor de diversas publicações sobre a história local e advogado, inicia as investidas em resguardar a história blumenauense, por meio do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí, o qual membros do PRC articularam juntos fazendo frente às discussões e criação do estatuto. “Ao investir em operações que se apoderavam de fatos e personagens do passado, certamente procuravam criar um elo entre o passado e o presente” (FROTSCHER, 2003, p.106)

Os investimentos nos “lugares de memórias” consolidavam em estratégias para demarcar os espaços e a identidade étnica de seus antepassados. “São lugares de memória e de rememoração que buscam evitar o esquecimento, através da construção de laços de identidade”. (BASTOS; JACQUES, 2004, p.50) O entrelaçamento da identidade do eu está amalgamado à identidade do nós, a identidade grupal depende da significação dos produtos culturais.

A continuidade de um grupo de sobrevivência, expressa na continuidade de sua língua, na transmissão de suas lendas, da história, da música e de muitos outros valores culturais, é em si uma das funções de sobrevivência desse grupo. A sobrevivência de um grupo passado na memória de um grupo atual tem uma função de memória coletiva. (ELIAS, 1994, p. 182)

Conforme nos aponta Frotscher (2003), institucionalizar uma memória passou a ser uma situação nova, uma vez que na Primeira República o perigo da nacionalização não era eminente. “[...] quando as regiões de colonização alemã eram valorizadas no estado, não foi criado um instituto ou entidade similar”. (FROTSCHER, 2003, p. 108)

Quando começam a despontar na imprensa brasileira a suposta ligação política entre os descendentes de alemães e a Alemanha, os debates sobre o “perigo alemão” se intensificaram. Com a promulgação da Lei nº 383, de 18/04/1938, institui-se a proibição de práticas de atividades estrangeiras de qualquer natureza política em território brasileiro, assim como o acesso a instituições culturais financiadas ou administradas por filiais estrangeiras, publicações em artigos e revistas que estejam relacionadas ao estrangeiro, utilizar símbolos e bandeiras de partidos políticos estrangeiros ou de nações estrangeiras, as proibições alcançam escolas e qualquer ambiente educativo.

A referida lei sancionada em 1938 torna as intervenções ainda mais agressivas, os espaços culturais e sociais passam a um controle rígido na disseminação da língua alemã e de ligações à NSDAP. À medida que se busca integrar a nação brasileira, utilizam-se estratégias separatistas em seus artigos 3º e 5º, buscando incidir na coesão grupal entre os imigrantes e teuto-brasileiros.

Embora Getúlio Vargas já tivesse demonstrado ser simpatizante de Hitler e ter interesse em negociações econômicas com a Alemanha, em conversa com o embaixador da Alemanha no Brasil, Karl Riter, afirmava que não poderia permitir um partido estrangeiro no Brasil. O embaixador, em 1938²⁸, em seu relatório para o Ministro das Relações Exteriores da Embaixada de Berlim, afirma que no decorrer de 1937, a situação do *Deutschtum* no Brasil havia se tornado difícil.

A promulgação da lei acarretou atitudes repressivas às pessoas ligadas ao Partido Nazista, resultando em inúmeras prisões no Estado de Santa Catarina, inclusive em Blumenau. Durante o Governo de Getúlio Vargas, as Forças Armadas desempenharam um papel importante no controle da ordem e implantação do Projeto de Nacionalização. No campo

²⁸ Frotscher, 2003.

interno de concentração em Florianópolis, na Trindade, constam 68 nomes, sendo 21 residentes em Blumenau. Segundo Marlene de Favéri (2004), nos fichários do Tribunal de Segurança Nacional, entre 1937 e 1945, constam 6.036 cadastros de pessoas incriminadas em Santa Catarina.

Para que o Estado atingisse seu objetivo de unificação da nação brasileira, precisava operar em diferentes redes de interações, exercendo sobre os indivíduos o controle das emoções, costumes, padrões sociais e morais. As redes de sociabilidades estavam presentes nas instituições de ensino, Clubes de Caça e Tiro, Clubes Esportivos e Ginástica, Teatro, Clubes de Encontros de Jovens, materiais impressos, igrejas, espaços fabris e nas articulações políticas.

Em 1938 o comandante do Exército toma frente às práticas interventoras nas entidades associativas de Blumenau, em defesa da nacionalização. As diretorias foram redimensionadas, por meio de uma comissão fiscalizadora formada pelo representante do executivo municipal, o prefeito José Ferreira da Silva, um membro da polícia, o tenente Paulo Lopes, o inspetor de impostos Ary de Alencastro Guimarães e o advogado Edgar Barreto.

Frotscher (2003) assinala que logo após o impacto causado em virtude da decisão tomada pela descentralização das diretorias das entidades associativas na cidade, o *Urwaldsbote*, jornal de circulação em Blumenau, publica o artigo “*A denominação das nossas organizações*”, sugerindo que fossem dados nomes de teuto-brasileiros, que fossem honrados os patriotas de sangue alemão, ao invés de “*conteúdos vazios*”. Tal destaque feito pelo jornal não era incipiente, estava atrelado à publicação feita por Henrich Wiederspah, no jornal Serra Post, de Ijuí, no Rio Grande do Sul. Wiederspah fazia reflexões acerca das “escolas alemãs”, que talvez tivessem pensando em outra nomenclatura para as escolas, dando o nome de teuto-brasileiras, essas não dariam margens para as falsas interpretações, rompendo com as premissas do “perigo alemão”, frente ao processo de nacionalização.

A preocupação com os nomes das entidades associativas, apontada por *Der Urwaldsbote*, seria uma forma de resistência às ações nacionalizadoras, buscando o enaltecimento de indivíduos de descendência alemã.

O 32º Batalhão do Exército de Caçadores é enviado para Blumenau no ano de 1939, a missão era designada como “a de converter e tornar dignos de sua pátria, brasileiros que, por sua própria inação, se iam tornando estrangeiros dentro da nossa pátria”.²⁹ Segundo Frotscher

²⁹ Boletim de desligamento da 1ª Região Militar do 32º Batalhão de Caçadores apud FROTSCHER 2003, p.136.

(2003) o 32º Batalhão do Exército foi recepcionado por autoridades do governo de Santa Catarina e municípios da região. O jornal *Der Urwaldsbote* publica um artigo dando as boas-vindas aos soldados. Tratava-se de estabelecer “boas relações” para tentar diminuir os impactos da campanha nacionalizadora.

Frotscher (2003) indica que naquela ocasião, o cônsul da Alemanha em Florianópolis, Steimer, recebeu orientações do Embaixador alemão no Rio de Janeiro, Levetzow, a manter uma relação cordial com o Comandante do Exército de Blumenau, Major Nilo Guerreiro Lima, e contribuir para uma relação amistosa entre os membros do partido nazista, o que já havia sido proibido no Brasil, porém, não extinto, e os demais habitantes do município.

Outro fator importante a ser destacado, diz respeito à eugenia que marcou o período Getulista, referenciada na Constituição de 1934, e tomada como critério para a seleção dos soldados para a região. Havia uma preocupação na escolha do tipo físico ideal, formado por “soldados brancos³⁰”, para que o *Exército elevasse seu prestígio*³¹ e agradasse as moças da região. Tratava-se, sobretudo, de uma estratégia para disseminar elementos nacionais nas comunidades alemãs.

Essa preocupação respaldava-se em futuros casamentos entre moças de descendência alemã e os soldados em final do serviço militar. Fato esse que veio a ocorrer, visto que alguns soldados do 32º Batalhão se casaram com mulheres descendentes de alemães.

Buscando se articular ao novo cenário imposto pelo controle do Exército e os interventores estaduais, as elites blumenauenses membros das entidades associativas tacitamente aproximam-se das autoridades nacionalizadoras, com honrosas homenagens ao comandante do Exército do 32º Batalhão de Caçadores. De acordo com Frotscher (2003), essa era uma forma de manter boas relações com as autoridades nacionalizadoras, para então “barganhar com elas”. Foi também nesse contexto, que em 1940 foram realizadas pela Sociedade de Ginástica de Blumenau em parceria com o Exército, provas de ginástica, atletismo e oficinas. O Exército utilizou o *habitus* blumenauense em torno das práticas associativas esportivas, para inserção de atividades de cunho patriota, modulação de comportamentos, por meio da disciplina sobre os corpos.

³⁰ Relatório emitido pelo diplomata brasileiro em Berlim, Cyro de Freitas (1939) ao governo brasileiro *apud* Frotscher (2003, p.140).

³¹ *Ibidem*, p.140.

O governo Getúlio Vargas, durante o Estado-Novo, centralizou o poder na esfera Federal, governando por leis e decretos. Com a Constituição Federal de 10 de novembro de 1937, buscou o esvaziamento dos regionalismos, trazendo a controladoria dos Estados por meio das interventorias, eliminando o poder Legislativo em nível nacional, estadual e municipal. No final desse mesmo ano, por determinação do governo, todos os partidos políticos foram proibidos.

Assim como os integralistas que governaram Blumenau entre 1936 e 1937, os três prefeitos de Blumenau, durante o Estado Novo, não eram integrantes da antiga classe industrial e comercial do município. José Ferreira da Silva, era advogado e jornalista, Afonso Rabe, médico e Alfredo Campos foi coletor de impostos, escrivão e, quando nomeado ao cargo de prefeito, era um dos diretores da Empresa Força e Luz de Santa Catarina, em Blumenau. (FROTSCHER, 2003, p.196)

Deve-se estranhar que o interventor Nereu Ramos tenha indicado um opositor ex-integralista como José Ferreira da Silva. No entanto, a figura de José Ferreira não representava ameaças ao governo, sendo considerada uma figura maleável. A estratégia também serviria segundo Frotscher (2003) como forma de desintegrar quaisquer movimentos integralistas em Blumenau, já que constituiu uma cidade com muitos adeptos do partido.

Em 1938, com a criação do Departamento Administrativo Municipal (DAM), pelo decreto de lei nº 31, ocorreu uma maior padronização nas esferas municipais, ficando essas alienadas à interventoria federal do Estado. Ao DAM incumbiam-se três esferas de controladoria, a legal, a de contabilidade e a de engenharia.

Ao divulgar o desenvolvimento econômico de Santa Catarina, o DAM confere destaque às indústrias da cidade de Blumenau³², na segunda Revista de Propaganda do Estado e dos Municípios em 1941. O elemento trabalho do povo blumenauense ganha destaque, assim como pontua Frotscher (2003) sendo os trabalhadores comparados com as máquinas com as quais trabalhavam. “O conjunto do homem e da máquina se harmonizam, aí, no mesmo sentido fecundo e criador, condensando o esforço disciplinado, esplendidamente eficiente, de contribuição da prosperidade do país”. (REVISTA DE PROPAGANDA DO ESTADO E DOS MUNICÍPIOS *apud* FROTSCHER, 2003, p.192)

No entanto, como se discutir-se-á mais adiante, a censura getulista poderia buscar coibir as relações entre a produtividade do trabalho de Blumenau com as relações étnicas e seus

³²Artex S.A, Empresa Industrial Garcia, Malharia de Artefatos Finos de Blumenau (Mafisa), Empresa Gráfica Catarinense, Companhia Kuehrich S.A, Haco Ltda, Cia. Jensen, Eletro Aço Altona S.A., Cia. Karsten, Cia. Nelsa. S.A., Cia. Hering, Empresa Força e Luz de Santa Catarina S.A., Fábrica de Sacos de Algodão Walter Schimidt S.A., W.S. Cremer S.A., Fábrica de Gaitas Alfredo Hering.

regionalismos, porém, essas já se constituíam nas mentalidades sociais como heranças culturais de seus antepassados. Seyferth (1981) aponta que os elementos pioneirismo, disciplina e superioridade do trabalho alemão foram critérios que prevaleceram na imprensa teuto-brasileira e constituíram-se como primeiros elementos de confronto manifestos entre colonos de origem alemã e imigrantes irlandeses e principalmente luso-brasileiros, os índios eram desconsiderados por acreditarem que esses eram desprovidos de cultura.

Despontou-se o apoio do governo federal aos intelectuais que dessem visibilidade às memórias escritas à colonização de Santa Catarina por luso-brasileiros, como Oswaldo Cabral, que entrou em contradições, adequando seu discurso ao novo contexto. Na obra intitulada “Santa Catharina – história, evolução”, concluída em 1935 e publicada em 1937, refere-se aos açorianos “Acostumados a relegar ao braço escravo toda a sorte de serviço manual, os mais aquinhoados, de então, olhavam para o trabalho, do qual dependesse o menor esforço material, como ocupação bastarda e humilhante”. No entanto, em 1941, publicou o artigo “A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina”, buscando engrandecer o colono açoriano, reinterpretando a história catarinense. Cabral opunha a colonização açoriana, sobretudo, aos demais colonos europeus, enfatizando os alemães, como “colonos alienígenas”.

O escritor Theobaldo Jamundá já havia agregado o espírito nacionalista em seus discursos. Ao narrar a história de Blumenau, inicia qualificando a presença dos indígenas. “Jamundá procurou reinterpretar o passado do Vale do Itajaí, no sentido de valorizar o elemento mestiço e desqualificar o estrangeiro que se opunha à miscigenação” (FROTSCHER, 2003, p.225)

Embora Blumenau mantivesse a disciplina voltada para o desenvolvimento econômico, era preciso dismantelar os comportamentos e costumes de fidelidade às tradições alemãs, assinalando componentes unicamente brasileiros. As fábricas blumenauenses eram na sua maioria administradas por teuto-brasileiros, muitos deles ligados ao extinto partido opositor ao governo PRC, outros tiveram seus nomes ligados ao NSDA, e se fizeram presentes nas diretorias das Sociedades Recreativas, esferas de produção simbólica, como os principais jornais da cidade, comitê de comemorações de festividades associadas ao *Deustchum*. Ainda que as forças políticas desses grupos foram se esvaindo, outras cadeias de relações iam se constituindo, embora de uma forma velada, perscrutaram alianças com antigos opositores, no simulacro com autoridades nacionalizadoras tiveram algumas ações postergadas, como o fechamento do jornal *Urwaldsbote*.

Retrospectivamente até o início do Estado-Novo a Alemanha movimentava o mercado externo brasileiro, sendo a segunda maior compradora de matéria prima brasileira. Também se constituía como uma das maiores importadoras para o Brasil. Entretanto, o governo brasileiro até o momento mantinha-se imparcial diante dos governos dos EUA e da Alemanha, negociando com os dois eixos opostos. A imparcialidade pragmática do governo brasileiro ressoa na ruptura do governo alemão com a economia brasileira. Nessa perspectiva, os EUA tiveram abertura para inserção ideológica e política, através do “pan-americanismo”, redirecionando a política externa brasileira.

Segundo Frotscher (2003) com a expressiva influência norte-americana e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a intervenção do Estado chega a se dar de forma mais direta nas empresas de descendentes de alemães, com a nomeação de interventores. Em Blumenau empresas como a Cia. Hering, a Tecelagem Kuehnrich, Chapéus Nelsa, Haco Etiquetas, tiveram interventores assumindo a administração das empresas no lugar de seus proprietários.

Alguns desses empresários, considerados “*persona non grata*” por questões comerciais com EUA, tiveram durante os anos de guerra, os nomes incluídos na “lista negra”³³, elaborada pelo governo norte americano. Ter o nome na “lista negra” gerava a esses empresários uma série de dificuldades e restrições comerciais aos seus estabelecimentos. Mesmo diante das tentativas para retirada de seus nomes da “lista negra”, a grande maioria não obteve êxito, tendo o nome retirado apenas com o término da Segunda Guerra Mundial.

Convém destacar que as intervenções do Estado também incidiram sobre a ACIB – Associação Comercial e Industrial de Blumenau, que tinha como escopo os interesses da elite burguesa. “A partir de 1942, a ACIB deixa de ser integrada quase que praticamente só por empresários com sobrenome alemão”. (FROTSCHER, 2003, p.181)

Ainda com a Alemanha e Brasil em lados opostos, em 1942 intensificam as repressões por policiais e pelo Exército, a fim de afastar quaisquer indícios do “perigo alemão”. É nesse cenário que são fechadas as Sociedades de Caça e Tiro ainda existentes em Blumenau. Muitas das armas utilizadas para a prática do esporte foram confiscadas pela polícia e divulgadas pelo

³³ De acordo com Frotscher (2003, p.177), dentre os nomes publicados nas listas, constam as seguintes empresas e pessoas físicas de Blumenau: Empresa Gráfica Catarinense S.A., Friedrich Fischer, Franz Hoette, Alfred Paul Koch, Gustav Artur Koehler (antigo proprietário do Urwaldsbote), Cia. Litográfica, Hermann Müller- Hering, Adolf Poething, Max A. Schelling, Paulo Hering (Todos os 4 eram acionistas da Cia. Hering), Francisco Hering, Victor Probst & Cia. (comerciante), Reprex Ltda, Carl Ritter, Walter Schmidt S.A., Comércio e Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., Fábrica de Tintas Blumenau Ltda., Curt Hering, Ingo Hering, Victor Hering, Max Tavares D’Amaral (todos diretores da Cia Hering).

Departamento de Imprensa da Polícia (DIP) como arsenal nazista. Conforme aponta Oliveira Júnior (2019), a polícia repressiva tinha o entendimento de que os alemães que aqui habitavam estavam em comunicação com a cúpula nazista da Alemanha, almejando a dominação do Brasil. As armas em posse de teuto-brasileiros representariam um perigo, pois essas tinham um importante papel no plano.

De acordo com a pesquisa apresentada por Oliveira (2019), em julho de 1942, é inaugurado em Florianópolis em uma das salas da Delegacia de Ordem Política e Social, um museu com supostos materiais nazistas apreendidos pela polícia e pelo Exército durante as inspeções no Sul de Santa Catarina. No ano seguinte o museu seguiu para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O museu apresentava o montante de armas enfileiradas, que simbolicamente já poderiam representar o medo ou uma ameaça. Junto com as armas estavam dispostos os quadros de Hitler, símbolos nazistas, livros e correspondências em língua alemã. Na imprensa saíram várias notas jornalísticas na divulgação de fotos referentes ao museu, e retratando a eficácia da polícia e do Exército junto às comunidades alemãs no combate às organizações de caráter germânico no Brasil.

O Jornal *Diario da Tarde*, em 28 de julho daquele ano, noticiou o evento, arrolando a presença de autoridades; citou que a exposição era ‘um repositório impressionante das atividades deletérias dos inimigos da Pátria, na sua faixa criminosa de solapar os sentimentos de brasilidade que animam nosso povo, representando, por outro lado, uma clarinada estridente alertando todos os patriotas a manterem-se vigilantes contra as traições dos quinta-colunistas’. (OLIVEIRA Jr., 2019, p. 25)

Durante o governo de Getúlio Vargas, o medo se instaurou entre ambos os lados, entre aqueles que temiam o “perigo alemão”, e as comunidades germânicas reprimidas.

Alemães novos e teuto-brasileiros foram, pois, colocados no mesmo plano: pertencem todos ao grupo alemão e, por isso, tornaram-se inimigos do Brasil. A primeira reação contra a nacionalização foi um profundo sentimento de revolta, provocado pelas medidas protetivas. (SEYFERTH, 1981, p.194)

De acordo com Seyferth (1981), os teuto-brasileiros que viviam na área rural durante a intensificação do período da nacionalização acabaram se isolando, o conhecimento que tinham da língua portuguesa era muito precário e temiam em realizar atividades do cotidiano como frequentar o comércio, reuniões e até mesmo evitavam nas fábricas se relacionarem com pessoas de outras etnias, havia o medo de que fossem denunciados, ou até mesmo de terem “espiões” à espreita. O medo de falar em alemão era intenso, até porque havia uma vigília constante por parte do Exército. Segundo Fáveri (2004, p.97) “Desta data, e até o final da guerra, era legal deter qualquer incauto que cantasse, cumprimentasse, ou falasse nos idiomas apontados.”

O despojar das organizações ideológicas políticas e culturais com fronteiras étnicas teuto-brasileiras, durante o projeto de nacionalização, trouxera novas reconfigurações à cidade de Blumenau. Muito embora os círculos políticos empresariais hegemônicos tenham se diluído, afirmam-se outras redes de interações, que celebraram o passado, buscando reconstituir o que fora apagado. Em um novo regime constitucional, em 1947, a elite empresarial blumenauense se divide entre dois partidos representados pela União Democrática Nacional (UND) e o Partido Social Democrático (PSD), sendo de acordo com Simão (2000) o primeiro identificado nacionalmente, como opositor a Vargas. A disputa pela prefeitura de Blumenau fica entre Frederico Guilherme Busch Júnior e Victor Hering, sendo o primeiro eleito.

A vitória dos candidatos da UND, orgânicos ao empresariado, durante 18 anos, não pode ser definida como única determinação às represálias à comunidade alemã. O PSD, apesar de popular, era conservador e só elegeu representação para o governo local quando este tinha como candidato um sujeito político orgânico ao empresariado. (SIMÃO, 2000, p.49)

Os políticos do extinto partido político do PRC, ganharam espaços na memória da cidade³⁴. O busto de Victor Konder, inaugurado em 1928 pelo então prefeito Curt Hering, jogado no rio Itajaí- Açu durante a revolução de 1930, foi recolocado em 1947. A morte de Pedro Cristiano Federsen, em 1946, recebe como homenagem a mudança de nome da rua Acre para Coronel Federsen, inaugurando um busto em sua homenagem. Curt Hering, após seu falecimento em 1948, foi homenageado no Centenário da cidade e teve o seu busto inaugurado no Bairro Bom Retiro, sede da indústria Hering. Com isso, pode-se observar a preocupação em salvaguardar no espaço da cidade, indivíduos teuto-brasileiros, representantes da elite empresarial blumenauense, que buscaram a defesa do *Deustchum*. Conforme afirma Le Goff (1982) os monumentos são uma das formas de apresentar a memória, destinados a perpetuar uma recordação do passado. A memória coletiva, ainda segundo o autor, é um dos elementos mais importantes, atrelada a lutas pelo poder, por sobreviver e por progredir.

Segundo Frotscher, o estreitamento político entre os EUA e o Brasil, foi crucial para eliminação da Alemanha das disputas pelo mercado na América Latina, no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, os reflexos da guerra na América do Norte, fizeram com que muitos dos produtos chegassem com atraso, ou até mesmo sendo limitados ao mercado. Blumenau sentiu na esfera privada de produção, as implicações advindas do enlace político entre EUA e Brasil. A falta de produtos fizera com que as empresas buscassem novas alternativas e os fabricassem com o uso de novas tecnologias.

³⁴ Ver Frotscher (2003, p.236)

Houve um novo incremento na indústria têxtil, caracterizado pela fundação de algumas indústrias. [...] Para reposição de peças e maquinário, as indústrias, conseguiram produzir agulhas, lançadeiras e inclusive teares. (FROTSCHER, 2003, p. 183)

Conforme Tomio (2000) em decorrência da Era Vargas “[...] foi a sobrevivência econômico-corporativo como o principal, senão único, meio de estruturação da unidade e da consciência política da elite empresarial blumenauense”. A solidificação do trabalho e do progresso passa a constituir o novo cenário urbano e industrial de Blumenau. Após o período de guerra, as indústrias têxteis se expandem e passam a ter uma maior integração com o mercado nacional, bem como a exportação dos produtos têxteis para América Latina, Estados Unidos e África do Sul³⁵.

A seguir discutir-se-á como ocorreu o processo de nacionalização nas instituições escolares “alemãs” e de como a elite empresarial blumenauense e política buscou se articular frente às autoridades nacionalizadoras.

Por conseguinte, abordar-se-á os ditames do jornal *Der Urwaldsbote*, considerado um dos mais radicais pela defesa do *Deustchum*, da Liga Pangermista, da endogamia, sendo o último jornal a ser interdito pela censura durante o período do Estado-Novo.

1.9 AS ESCOLAS BLUMENAUENSES SOB A INTERVENÇÃO DO PROJETO NACIONALIZADOR (1930-1945)

Os grandes pedagogos de todas as épocas e povos ensinam que a criança deve aprender aquilo que ela entende e que pode entender. O Moloch da nacionalização rápida e à força afirma: a criança deve aprender aquilo que não entende. Esta é a pedagogia escravocrata, isto é, as crianças de colonos estrangeiros, tal como os filhos dos escravos, devem inculcar a língua dos senhores. Os colonos vieram para esta terra como ‘substitutos de escravos’... E quando a liberdade física consegue ser preservada, tentam a escravidão espiritual. (*BLUMENAUER ZEITUNG*, nº 49, 27/06/1921)

Esse fragmento de texto, publicado no jornal de circulação na cidade de Blumenau, expressa simbolicamente o momento que as Sociedades Escolares Alemãs da região passam a ser alvos de intervenções do Estado de Santa Catarina, de uma política de valorização do homem como fator de produção e integração nacional, a partir do ano de 1911, sob ações do professor Orestes Guimarães, que aumentou o número de Grupos escolares subvencionados³⁶,

³⁵ COUTO apud FROTSCHER 2003, p. 183.

³⁶ Os Grupos Escolares Subvencionados passavam a ser administrados pelo governo estadual, sob uma fiscalização mais intensa quanto ao trabalho desenvolvido pelos professores, bem como uma racionalização na organização e funcionamento do espaço.

orientados pela padronização do idioma nacional, buscando uma homogeneização entre as escolas, via materiais didáticos com fins estratégicos elaborados para consciência de uma nação brasileira.

A forma como o jornal apresenta uma “pedagogia escravocrata”, é decorrente das imposições sofridas pelas autoridades e leis nacionalizadoras. Tal processo é agravado com o período de Getúlio Vargas no poder entre 1930 e 1945.

Para os teuto-brasileiros, a escola representava um instrumento importante para a preservação dos costumes germânicos, sendo a língua alemã elemento curricular. As escolas “alemãs” em Blumenau seguiam padrões previamente definidos, incluíam as diretrizes curriculares alemãs, falava-se e ensinava-se o alemão, alguns dos professores contratados vinham diretamente da Alemanha.

Desconhecendo a língua e os costumes locais os imigrantes conservaram tradições da região de origem. A escola passou a ser a instituição preservadora da cultura estrangeira (no caso, principalmente das culturas italianas e alemã). A nacionalidade brasileira conforme textos da época, era praticamente ignorada nessas comunidades, que só aceitavam professores de origem germânica ou italiana, capazes de proporcionar um ensino voltado para a conservação da língua e costumes da nação de origem. (CAMPOS, 1999, p.154)

A obrigatoriedade do ensino da língua vernácula foi decretada pelo governo do Estado, a partir da lei nº 1.187 de 5 de outubro de 1917.

A primeira escola subvencionada em Blumenau foi criada em 1913, o Grupo Escolar Luiz Delfino. Conforme aponta a pesquisa realizada por Neves (2019) a relação entre a política interventora implantada a partir da década de 1910 e as lideranças locais blumenauenses não foi um processo tão amistoso. Neves (2019) identifica conflitos entre os relatórios do Superintendente do município de Blumenau, Paulo Zimmermann e Francisco Margarida, chefe do 18º Distrito Escolar, do qual Blumenau fazia parte. O conflito ocorreu em 1916 em decorrência do início do ano letivo, que segundo o ofício emitido pelo Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC)–, ficou determinado que todas as escolas do Estado, incluindo as particulares, subvencionadas, deveriam iniciar as atividades em 1º de março de 1916. Em 1º de fevereiro as escolas blumenauenses já estavam em funcionamento, assim que recebeu o comunicado Margarida tratou de informar no dia 04 de fevereiro três escolas localizadas na área central da cidade, duas dessas católicas e uma escola subvencionada municipal. Às escolas mais distantes, tratou de enviar um comunicado pela imprensa local. Contudo, as três escolas recusaram-se a suspender as aulas, demonstrando-se contrárias ao ofício emitido, buscaram junto ao governador reverter tal situação. No entanto, em 06 de

fevereiro Margarida envia um telegrama para Diretoria de Instrução Pública do Estado comunicando que as escolas sob sua responsabilidade haviam sido fechadas (NEVES, 2019). Margarida demonstrava sua insatisfação com o Superintendente do município de Blumenau Paulo Zimmermann³⁷, se dirigindo a ele como uma pessoa que estava tomando decisões, tirando sua autoridade perante as escolas.

Fica evidente que Margarida apresenta críticas incisivas as escolas da região de Blumenau destacando que não respeitavam os interesses nacionais e denunciando que a língua brasileira não era ensinada, o que para ele dificultava o reconhecimento do Brasil como sua pátria pelos mais jovens. As escolas estavam sendo consideradas uma ameaça porque estariam desenvolvendo mecanismos para burlar os propósitos do poder público voltados para o estímulo da nacionalidade. (NEVES, 2019, p.48)

Entretanto, Paulo Zimmermann buscava afirmar perante as autoridades do Estado de Santa Catarina que as exigências eram acatadas. Em dezembro de 1917 sancionou no município a Lei nº 100, que determinava que somente seriam subvencionadas pelo município as escolas que ensinavam a língua vernácula. Assim como se incumbiu por meio do decreto nº111, de 6 de dezembro de 1917 a “[...] subvencionar os professores que frequentarem um curso para aperfeiçoamento de língua vernácula.” (LEI MUNICIPAL, 1917 *apud* NEVES, 2019, p.50).

Embora Paulo Zimmermann afirmasse cumprir com as determinações do Estado, algumas escolas continuavam a funcionar, mesmo o governo estadual proibindo por meio de decreto federal em 1917, o funcionamento das escolas que não ensinassem a língua portuguesa.

Contudo, Paulo Zimmermann em 1919 em relatório administrativo declara que: “[...] quanto à nacionalização da escola, o fim almejado está realizado;[...]”(RELATÓRIO PREFEITO, 1919, p.48) Porém, afirmava que algumas escolas mantinham-se fechadas por falta de professores que detinham o conhecimento da língua portuguesa, fazendo-os abandonar o magistério.

De acordo com Neves (2019) mesmo após o decreto de 1917 observou-se um aumento nas escolas consideradas como públicas, todavia, o número de escolas particulares era superior, e havia apresentado um aumento. Em 1918, havia 20 escolas que estavam em transição para serem públicas e 98 escolas particulares que haviam sido reabertas.

Segundo o relatório de 1925, na administração de Curt Hering, Blumenau tinha em funcionamento 62 escolas isoladas subvencionadas, o Grupo Escolar Luiz Delfino e 102 escolas particulares. (NEVES, 2019).

³⁷ OFÍCIO EXPEDIDO, 3 jan. 1916, APESC.

Nessa conjuntura, as escolas subvencionadas representavam uma maior rigidez no controle curricular, na utilização dos materiais didáticos, nas fiscalizações empreendidas pelo Estado em função de um projeto oligárquico de nacionalização³⁸. Em contraponto, as escolas particulares que ainda representavam um número maior, tinham o apoio da elite blumenauense, que defendia a manutenção da língua alemã, associada ao *Deustchum*. Nesse período, é possível que algumas das escolas particulares blumenauenses tenham resistido às reformas educacionais nos moldes nacionalistas.

Certamente, as ações empreendidas em 1911 não se comparam aos impactos instaurados entre 1930 e 1940 com as intervenções coercitivas durante o governo de Getúlio Vargas.

De acordo com Campos (1999) as intervenções entre 1930 e 1940 nas escolas em Santa Catarina no governo Vargas, foram colocadas em prática durante o governo de Nereu Ramos. A conservação dos costumes e tradições das regiões de colonização alemã representavam uma ameaça ao projeto de unificação nacional. Vê-se ainda em Campos (1999), que o ataque a essas escolas passou a ser centralizado por medidas e controle do ensino pelo Estado, “[...] como a proibição do uso da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares, a criação da Superintendência Geral do Ensino e da Inspeção Geral das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino”. (CAMPOS, 1999, p.156)

Conforme Campos (1999) o movimento durante a década de 1930 buscou a regeneração nacional por meio de práticas higienistas, inseridas no contexto escolar “na tarefa de formação de um contingente de brasileiros ‘sadios’, e, portanto, ‘bons trabalhadores’[...]”. (CAMPOS, 1999, p.156) A cidade de Blumenau estava vinculada ao projeto de modernização do Estado de Santa Catarina, destacando-se pela crescente implantação de indústrias. É nesse contexto que em relatório apresentado ao interventor federal Nereu Ramos em 1939, o então prefeito de Blumenau José Ferreira da Silva afirma que a nacionalização deveria promover um ensino que mantivesse um “povo sadio de corpo e alma, honesto e trabalhador.”³⁹ Frotscher (2003) aponta que José Ferreira da Silva estava preocupado com as camadas mais pobres do município, destacando a necessidade da construção de uma escola agrícola destinada às crianças de Farroupilha. Também deixava claro que o projeto nacionalizador deveria preocupar-se com o disciplinamento de todas as crianças, inclusive os caboclos.

³⁸ Nóbrega, 2003, p. 259.

³⁹ BLUMENAU, Prefeito (1938-1941): Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau apresentado ao interventor federal Nereu Ramos em 1939, p. 43-44.

Era clara a proposição nesse período em investimento na mais tenra idade na força de produção para o trabalho, sob o regime da brasilidade. “O que interessava mesmo naquele momento, era colocar toda a disciplina e produtividade dos alemães a serviço dos interesses nacionais”. (CAMPOS, 1999, p.160) A frequência escolar era rigorosamente cobrada pelos inspetores escolares do Estado, assim como a matrícula da criança na escola regular. Os horários instituídos também deveriam ser seguidos. De acordo com Campos (1999), havia a necessidade de operacionalizar o espaço escolar por meio da disciplina, dentro dos moldes fabris, com um ritmo e movimento semelhante. Buscava-se instituir a boa moralidade patriota, por meio da exaltação de heróis brasileiros, comemorações e festejos cívicos, execução do hino à bandeira nacional, centralização da língua nacional, estratégias de leitura que assinalavam para manifestações nacionalistas, os sons musicais que fizessem despertar o sentimento nacionalista através da entonação da voz e prática do escotismo.

A vigília sobre as escolas blumenauenses era compreendida como uma forma de combater o nazismo. Em 1938 já havia se instaurado pelo Brasil o “perigo alemão”, os indivíduos que demonstrassem terem quaisquer laços com o país de origem eram passíveis de coerções físicas, verbais e prisões.

Foram atribuídos sobretudo aos nazistas interesses e responsabilidades pela propagação da língua germânica, e à população de Blumenau, a receptividade e a cumplicidade nas iniciativas que envolvessem representantes do IIIº Reich. Todo um conjunto de argumentos de natureza político cultural envolvendo o nazismo, foram levantados como razões das dificuldades para a nacionalização das populações do Vale do Itajaí. A escola foi considerada lugar propício à instalação e propagação do nazismo, que adquiriu na propaganda nacionalista, o mesmo significado de germanismo. Língua e música alemãs foram associadas ao sentimento nazista. (CAMPOS, 1999, p.157)

O Exército teve um papel atuante nas instituições escolares blumenauenses, tratava-se em instaurar nas escolas ações pautadas na educação cívica, no disciplinamento. Conforme Frotscher (2003) durante o período da nacionalização investiu-se na militarização das atividades escolares, por meio da marcha, da obediência aos horários, uso do uniforme, o valor à ordem e à disciplina. As atividades físicas praticadas pelas crianças serviram como aproximação do Exército na realização de competições esportivas.

A ginástica já era uma prática realizada pela sociedade blumenauense, por meio dos diversos clubes onde o esporte tinha um valor simbólico. Buscava-se nesse período dar novos contornos à prática esportiva, “[...] com intuito de discipliná-los e militarizá-los para formar o homem brasileiro, ou seja, tratava-se de inculcá-los o sentimento da brasilidade”. (FROTSCHER, 2003, p.145)

O impacto causado pelo fechamento das escolas públicas foi a falta de professores que atendessem às exigências impostas pelo currículo do Projeto de Nacionalização, visto que em Blumenau a grande maioria dos professores dominavam apenas a língua alemã. Seyferth (1981) aponta que em Blumenau muitos teuto-brasileiros deixaram de levar seus filhos à escola pública, surgindo as chamadas escolas clandestinas. Essas funcionavam sem autorização, com aulas geralmente no período noturno, segundo a autora, essa seria uma “resistência passiva”.

No entanto, a linguagem foi um fator que levou muitas crianças a apresentarem dificuldades de comunicação com os professores brasileiros, visto que a maior parte delas apenas falava o idioma alemão.

Para tanto, a preocupação com o ensino da disciplina de História era elementar, principalmente de como a História brasileira estava sendo contada por alemães. O Exército mais uma vez se fez presente no cenário escolar, de acordo com Frotscher (2003) era comum as autoridades militares inaugurarem nas escolas retratos do Presidente da República, Getúlio Vargas e a do Patrono do Exército, Duque de Caxias. Também passou a ser comum o envolvimento das crianças junto ao Exército em atividades alusivas ao dia 07 de setembro (dia da Independência), 15 de novembro (Proclamação da República), 19 de novembro (dia da Bandeira), 25 de agosto (dia do soldado). A programação junto ao Exército envolvia visitas ao Batalhão instalado no bairro Garcia, marchas pela cidade, hasteamento da bandeira, execução do hino nacional, cantos patrióticos, além de palestras junto às crianças.

No município de Blumenau em meados de 1930 comemoravam-se as datas de 2 de setembro (fundação oficial do município)⁴⁰, os feriados nacionais de 7 de setembro e 15 de novembro (Proclamação da República), 25 de julho (dia do Colono), 30 de janeiro (eleição de Hitler a Chanceler da Alemanha, 1933), e 20 de abril (aniversário de Hitler), entre outros.

Outra importante intervenção do Exército, assim como aponta Frotscher (2003), ocorreu em 1941 em comemoração à implantação do regime-estado novista no Brasil. Além das comemorações cívicas, foram realizadas palestras, que versavam sobre 10 temas ou unidades, no investimento da unidade nacional. As palestras eram transmitidas pelo rádio, sendo esse um dos principais canais de comunicação de intervenção da nacionalização. Isso mostra uma estatística sobre as horas transmitidas na rádio local, dedicadas a assuntos cívicos. Se em 1940, 62 horas dedicadas a tais assuntos foram transmitidas, em 1942 foram 112 horas, ou seja, aumentou em 2 vezes. (FROTSCER, 2003, p. 150) Campos (1999) aponta que o rádio invadiu

⁴⁰ Frotscher, 2003, p.99

a casa dos catarinenses, levando uma mensagem nacionalista a cada cidadão, buscando intervir em sentimentos e pensamentos, tomando conta do espaço cultural, até então ocupado pela língua alemã, inserindo ainda o uso da língua nacional.

A primeira palestra foi realizada por Afonso Rabe, prefeito de Blumenau, com o tema “Unidade Patriótica”. Quanto a Afonso Rabe, esse já estava imbuído do espírito nacionalista, ressaltava a consciência e veemência às tradições nacionais, o culto à bandeira nacional e refutava qualquer menção contrária à brasilidade. Foi durante o seu mandato, em 18 de agosto de 1942, que decretou a Lei nº 68, trocando os nomes das ruas que homenageavam imigrantes alemães de destaque, substituindo-as por nomes de heróis nacionais. Segundo Frotscher (2003) Afonso Rabe valorizava o papel da escola, compreendendo-a como “templos de integração na nacionalidade⁴¹”.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial consolida estratégias para enaltecer a imagem do soldado perante as crianças, tema do Congresso de Brasilidade da Unidade Patriótica de 1943.

Mesmo diante do término do Estado-Novo, as escolas públicas mantiveram-se com comportamentos e práticas nacionalizadoras, incutidas durante o governo de Getúlio Vargas, talvez ainda tivessem medo, por viverem a ambiguidade de ideologias étnicas teuto-brasileiras e nacionalistas que ressoavam sorrateiramente pela cidade. A escola, nesse novo cenário, estava inserida em uma cidade com espaço urbano-industrial, onde o progresso era utilizado para reestabelecer uma nova imagem do blumenauense, por intermédio do trabalho. Seria a “nova” Blumenau, vestindo a “velha” roupagem?

Na próxima seção, discutiremos a reconfiguração do cenário da cidade a partir desse período.

⁴¹ RABE *apud* Frotscher, 2003, p. 151

SEÇÃO 2

2 RECONFIGURAÇÃO DA CIDADE

2.1 BLUMENAU: ENTRE A ESPETACULARIZAÇÃO DA MEMÓRIA E O PRESENTE VIVIDO

Blumenau desenvolveu-se como configuração social cujo percurso histórico descrito na seção anterior, aponta as redes de interdependência na estrutura de conformação e modulação dos indivíduos nos modos de ser, agir, sentir, pensar como alemães blumenauenses. O próprio código de condutas instituído por Dr. Blumenau em 1883 demonstra que o *habitus* germânico do trabalho do teuto-brasileiro, da boa moralidade, da prosperidade, foi severamente cobrado aos colonos alemães. Compreende-se que esses não eram vocacionados a prosperar e nem contavam com a força superior do trabalho conferida pela raça, foram nas interações estabelecidas nas redes de interdependência que se produziram e reproduziram o ideário constitutivo do típico alemão blumenauense.

Identificou-se a comunidade de sentido constituída pelos grupos estabelecidos, o fundador da cidade, empresários, colonos fortes e a imprensa que operavam o *modus vivendi* do teuto brasileiro, idealizando os modos de viver na cidade. Tal comunidade fortalecia-se na defesa da superioridade da raça pura alemã, no cerceamento interno da Colônia como “pátria estreita”. O alemão se identificava pelo sangue e pela língua alemã, as misturas com as outras etnias eram consideradas indesejáveis. Compreende-se a comunidade de sentido como conjunto de valores e as crenças simbólicas que se entrecruzam no dia a dia do indivíduo, suas formas de pensar, agir, sentir, comportar-se, seu *habitus*, “[...] fundamentais na sua relação com a cidade e no sentimento de pertença criado para com as instituições e comportamentos tomados como referência pela mídia, pelos estabelecidos, pelas tradições inventadas.” (DIAS, 2009, p.199)

O que impactou o período do Estado Novo nos modos constitutivos do ser alemão blumenauense? Como fora apontado na seção anterior, embora fosse um período de coerção e vigília constantes do Estado brasileiro, ele foi demarcado por coalizões de forças e resistências pelos teuto-brasileiros, em um território brasileiro que se consolidava em ideais nacionalistas homogeneizadores. Os descendentes de alemães sofreram com os ditames culturais de padrões

comportamentais brasileiros, enquanto vivenciavam o desmonte das Sociedades Recreativas e Culturais Alemãs, Escolas Alemãs, bem como a proibição do uso da língua alemã. A brasilidade para os teuto-brasileiros estava representada pela cidadania, a fidelidade ao Estado, propagada pelos seus direitos e deveres políticos, o engrandecimento econômico pelo *ethos* do trabalho. Conquanto, o orgulho pela sua origem, aos seus antepassados, independia do solo de seu nascimento, ou seja, sua nacionalidade estava alicerçada ao *jus sanguinis*, o pertencimento à sua nação, a vinculação às suas relações étnicas e culturais. “Em linguagem menos técnica, afirmar-se-ia que o abasileiramento étnico para um alemão resulta numa pessoa menos útil para cumprir suas tarefas”. (RAMBO, 1994, p. 52) As virtudes estavam amalgamadas às suas origens étnicas e culturais, no ideário da superioridade para o trabalho, no cultivo com a terra, no cuidado com a casa, o pioneirismo. (SEYFERTH, 1994).

O *Deustchtum*, conceito amplamente difundido no século XIX, principalmente pela imprensa local alemã, trazendo como elementos centrais na constituição do ser alemão, o uso cotidiano da língua alemã, a boa moralidade, as práticas culturais alemãs, propagadas nas instituições familiares, escolas alemãs, igrejas e sociedades recreativas, comunitárias e culturais. No século XX, as práticas assimilacionistas, propagadas pelo Regime do Estado Novo, criam rupturas expressivas ao *Deustchtum*. “Após a campanha de nacionalização e tendo em vista o novo contexto de integração à sociedade brasileira, a etnicidade teuto-brasileira se atualizou, mantendo alguns identificadores culturais e descartando outros”. (SEYFERTH, 1994) Convém assinalar, que após o período do Estado Novo, a língua alemã fora perdendo o uso dentro dos espaços urbanos, mantendo-se apenas em núcleos familiares alemães e em espaços rurais.

Cabe destacar que a ênfase na importância do progresso, manifesta nos discursos de Getúlio Vargas durante a nacionalização, destacada na profusão das tecnologias industriais, por meio da planificação e higienização dos espaços urbanos, refletiu na administração pública de Blumenau. A partir de 1939, a cidade passa a ter um código de *construção de obras*, regimentado pela intervenção do Estado Novo, pautado no controle urbano, manifestado em “preocupações estéticas e sanitaristas”. (SIEBERT; PIMENTA, 1999). “Na década de 50, Blumenau tinha se tornado a cidade mais importante quanto à modernização do estado.” (TEIXEIRA, 2009, p.141) Tratava-se de expandir novos meios de acesso à cidade, pontes, estradas, e dismantelar “velhas” construções, dando visibilidade a prédios com arquiteturas arrojadas, conforme observa-se na figura abaixo.

Figura 3: Igreja Martin Luther, da Itoupava Seca, 1954. Arquiteto: Hans Broos



Fonte: <http://www.25dejulho.org.br>

O arquiteto Hans Broos, nascido na Alemanha em 1921, e estabelecido no Brasil em 1953, com residência em Blumenau, realizou vários projetos de casas, fábricas, hospitais e igrejas que passaram a compor o cenário urbano blumenauense. “A face moderna de Blumenau foi moldada, em parte, por suas obras.” (BOGO; HEIDTMANN; TOLEDO, 2019, p. 9) Dentre eles, se destaca a antiga casa de costura Hering, a qual manteve-se preservada, em meio a prédios construídos posteriormente, inspirados na arquitetura moderna. A respeito disso, pressupõem-se que se tratava de manter a tradição, representada pela antiga arquitetura, contrapondo a brasilidade do progresso moderno. Nesse sentido, o progresso haveria de chegar, mas o conservadorismo alicerçado ao seu passado, manter-se-ia presente. Na figura 4, exemplifica-se esse contraste entre o presente e o passado.

Figura 4: Casa de costura Hering, ano 1968



Fonte: DAUFENBACH, Karine, 2014.

A cidade que expande-se territorialmente, sob os auspícios da modernidade, em dado momento histórico, retoma e mantém seu passado em seu cenário urbano.

Nesta segunda seção, sob a mesma perspectiva conceitual, trago como recorte temporal o período de 2000 a 2018, selecionado para o núcleo central da dissertação.

No que tange à seleção do período, esse deu-se devido algumas questões consideradas relevantes para análise e aprofundamento do estudo. A primeira delas, a reconfiguração do setor produtivo da cidade, após as crises econômicas, principalmente, no setor têxtil. E no campo educacional em âmbito nacional, a produção de vários documentos curriculares oficiais que buscam consolidar a Política Nacional de Educação Infantil, em especial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), os Critérios de qualidade para atendimento em creche que respeitem os direitos fundamentais das crianças (2009), Indicadores de qualidade para a Educação Infantil (2009), Base Nacional Comum Curricular para Educação Infantil (2017), Parâmetros de Qualidade para Educação Infantil (2018).

Aqui, busca-se discutir como a estrutura governamental, política, veículos de comunicação, estiveram enredados nas formas culturais enaltecidas e tratadas como o típico alemão blumenauense.

Durante a década de 1970, sob o governo de Renato de Mello Vianna, é sancionada a lei nº 1909/72, a qual concede favores fiscais às edificações que apresentem estilos arquitetônicos como “Enxaimel” e “Casa dos Alpes”, lei vigente até os dias atuais. As casas enxaimel estão associadas à cultura germânica. De acordo com Weimer (2005), o enxaimel é uma técnica de construção originária do centro e do norte da Europa, amplamente utilizada nessas regiões, desde a Idade Média até a Revolução Industrial. A técnica se caracteriza por construir, primeiramente, uma fundação de pedras, uma estrutura com peças de madeiras horizontais, verticais e inclinadas encaixadas umas nas outras, dispensando o uso de pregos. Os espaços vazios entre as madeiras eram preenchidos com alvenaria. Geralmente a estrutura de madeira ficava visível na fachada, o que proporcionava a essa arquitetura um efeito peculiar. Conforme Veiga (2013) a origem da palavra enxaimel é incerta, sendo seu nome em alemão *Fachwerkbau*, o que significa “construção em prateleiras”.

Contudo, como salienta Veiga (2013), Blumenau, sob uma política cultural que visava reconstruir a imagem da cidade germânica, optou por uma arquitetura artificial, o chamado neo-enxaimel. O cenário urbano de Blumenau busca estratégias que sustentem características germânicas, tentando semelhanças com a Alemanha. É o que se pode ver na construção do antigo castelinho da Moelmann, projetado em 1978, que teve como inspiração a prefeitura de Michelstadt (Alemanha), que hoje abriga as lojas Havan, Relojoaria e Ótica Universal, Banco Santander, entre outros. O prédio da Prefeitura Municipal inaugurado em 1982 também é uma imitação técnica das edificações do período colonial germânico.

Em 1986, a artista Elke Hering, uma das fundadoras da primeira galeria de arte de Santa Catarina, dizia sobre expor suas obras na cidade “Não pretendo colocar meus trabalhos em Blumenau porque não concordo com esta arquitetura que tem sido adotada aqui. É horrível, estão assassinando o visual”. Segundo Schwartz e Machado (2013) Elke se sentia estrangeira em sua própria cidade, uma cidade que passou a ser erigida pelas memórias do passado.

Tais formas de resgatar o passado no cenário urbano e na vida cotidiana do blumenauense são denominadas por Machado (2008) como folclorização do espaço. Tal folclorização traz a ideia de nação, conceituada por Mauss (1969), como um território de fronteiras precisas, com critérios definidores raciais, linguísticos e culturais.

Na medida em que a cidade investe nos símbolos e na manipulação de discursos em torno de um comportamento normativo nos modos de ser alemão blumenauense, torna ainda

mais manifestos os processos de identificação étnica de um tipo ideal de cidadão blumenauense. Segundo Seyferth (1981, p.7)

A manipulação de identidades, portanto, envolve a utilização de categorias que incluem ou excluem pessoas e determinam a sua interação; e ela se faz num contexto de relações interétnicas e por colocar em ação relações de oposição.

Assim como na década de 1970, no ano 2000 a cidade, com o financiamento da elite empresarial, buscou dar visibilidade ao ideário simbólico germânico, enaltecendo a superioridade social e econômica representada pelo seu fundador, bem como o poder de soerguimento do povo blumenauense diante das enchentes. “Cada geração seleciona ruínas do passado e, juntando-as de acordo com seus próprios ideais e valores, faz delas características de seu tempo”. (ELIAS, 2001, p. 32)

Utilizando o referencial de Goffmann (2014) e o estudo de Dias (2009), parte-se do suposto que o cenário urbano que foi se constituindo na cidade, assim como os discursos em torno dela, é uma *fachada*. Para Goffmann, “Fachada, portanto, é o equipamento expressivo do tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMANN, 2014, p.34) Compreende-se o campo social como campo de poderes. As interações estabelecidas pelos indivíduos são constituídas pelos vários *eus cotidianos*, pelos vários papéis a desempenhar, as expressões dadas e as emitidas. As variações de interações sociais fazem com que os indivíduos atuem conforme a necessidade de suas referências culturais. “Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam” (GOFFMANN, 2014, p.15)

Diante das contribuições dos autores supracitados, entende-se que o indivíduo em atuação está em interação constante com o público, que ao mesmo tempo é a plateia que o assiste. O ator busca de diferentes dispositivos de convencimento da sua intenção, no cenário, onde constitui-se a fachada. Em Blumenau, foram se desenvolvendo *fachadas*, palcos para *scripts* de uma hegemonia cultural germânica, no *modus vivendi* do ideário alemão blumenauense.

Em 1974, no sesquicentenário da imigração alemã no Brasil, em 2 de setembro, mobilizado por grupos da maçonaria⁴² e *Lions Club*, e também pelo poder público municipal,

⁴² SCVARTZ, Daiana. MACHADO, Ricardo. Elke Hering e Blumenau: Implicações entre a cidade e a artista. In: Blumenau em Cadernos, nº5. Set/out, 2013.

um conjunto de festejos incluía o traslado dos restos mortais do fundador da cidade para o Brasil, criando-se assim o Mausoléu Dr. Blumenau.

Na passagem dos 150 anos da cidade nos anos 2000, foi criado o Instituto Blumenau 150 anos, organizado por um grupo coeso de voluntários, cujo precursor foi o então secretário de planejamento Horácio Braun, juntamente com empresários, comerciantes, diretores de *marketing*, para encarregar-se das funções festivas na cidade. Apesar do governo do prefeito Décio Nery Lima buscar outros rumos para a política de Blumenau, em uma gestão democrática, popular e com orçamento participativo, e o reconhecimento da diversidade étnica e cultural, a elite conservadora continuava a manter os discursos na definição de uma cidade alemã, modelar, do tipo ideal de alemão blumenauense. Todas as verbas mantenedoras desse projeto vieram de grandes empresários da cidade. Nesse período Blumenau viveu intenso investimento na propagação do “mito do fundador” e as “heranças partidas do passado” (SASSE, 2013). Foi quando criou-se o hino de Blumenau, selos, exposições, publicações especiais em revistas, concursos culturais, investimentos locais na memória como monumento. “O Vapor Blumenau e o Museu da Família Colonial são monumentos que demonstram a herança com os pioneiros na construção da cidade, por isso, foram reformas essenciais durante o sesquicentenário da cidade.” (SASSE, 2013, p.9) Além dos citados, inaugurou-se o relógio das flores, a obra produzida em metal por Evaldo Freygang representando o mapa de Blumenau com duas pegadas simbolizando os imigrantes.

Elias (1994) aponta que a fixação de comportamentos e sentimentos individuais estão interligados à identidade grupal, e uma quebra de tradição pode representar uma ruptura na cadeia de gerações. Nos arquivos que pesquisamos, bem como na tese defendida por Dias (2009), percebe-se que na configuração da cidade há a demarcação territorial da herança cultural germânica, à medida que essas reminiscências coletivas ocupam lugares de memória e práticas culturais (hinos, monumentos, arquiteturas, museus, músicas, danças, fotografias), as quais passam a comunicar sentidos e significados, compartilhados e hierarquizados pela herança de um grupo específico.

A identidade de sua imagem-do-nós fica ameaçada. Essa imagem-do-nós, contudo, que muitas vezes assume a forma de um processo de maior ou menor extensão, não tem apenas uma função individual, mas também uma importante função social. Ela dá a cada indivíduo um passado que se estende muito além de seu passado pessoal e permite que pessoas de outrora continuem a viver no presente. (ELIAS, 1994, p.182)

Convém destacar que, a movimentação migratória, com a chegada de outros grupos populacionais, no final da década de 1970, advindos do oeste catarinense, Estados sulenses como Paraná, e grande massa de nordestinos, trouxe para a cidade a diversidade cultural, constituída por esses indivíduos. Sobretudo, o fluxo migratório ocorreu para a cidade de Blumenau, em virtude da divulgação de que nesse lugar haveria expansão de oportunidades de trabalho, principalmente do setor têxtil, mais qualidade de vida e com baixos índices de violência.

Entretanto, os discursos políticos e as coalizões de forças dos grupos *estabelecidos*, permaneciam com o mesmo ideário do fundador da Colônia, engendrar a cidade como Alemanha no Sul do Brasil. Ter uma Alemanha brasileira em Blumenau significava manter o processo identitário e simbólico de ser alemão blumenauense. O alemão disciplinado ao trabalho, que ostenta sua casa com belos jardins, povo aguerrido, empreendedor, que dança ao som de bandas típicas. As culturas oriundas das diversas camadas populacionais que passaram a residir na cidade, por ora não eram mencionadas nas políticas públicas.

De qualquer forma, temos um grupo étnico que se define por uma comunidade de sangue, língua e cultura, apesar de ser diferente o peso de cada uma dessas características definidoras nas várias épocas focalizadas. [...] Os limites do grupo são mantidos através da utilização e manipulação de identidade étnica teuto-brasileira, sempre que seus membros interagem com indivíduos pertencentes a outros grupos. Qualquer que seja a situação, os seus membros participam de um conjunto de padrões de comportamento normativo e utilizam símbolos de identificação que permitem o estabelecimento de limites étnicos. (SEYFERTH, 1981, p.214)

Há de se mencionar, que principalmente durante a década de 1980, Blumenau passava por transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais, as quais serão abordadas posteriormente. No entanto, as mentalidades políticas insistiam em ter a cidade como a imagem da Alemanha no sul do Brasil, o que pressupõe a demarcação da cultura germânica como unívoca na cidade.

Entre os anos de 2000 a 2010, com o valor do Produto Interno Bruto *per capita* de R\$ 50,2 mil, Blumenau torna-se uma cidade sedutora para indivíduos que buscam oportunidades de trabalho e infraestrutura pública com segurança social.

Santa Catarina foi o estado que, no período 2005-2010, apresentou o maior incremento relativo no número de imigrantes em fluxos interestaduais e o terceiro maior saldo migratório do país. As regiões do estado com maior dinamismo econômico foram as que receberam a maior parcela dessa população, particularmente o Vale do Itajaí que recebeu 1/3 dos imigrantes vindos para o estado neste período. (DESCHAMPS; DELGADO, 2014, s/p)

Dentre as cidades do Vale do Itajaí nos anos de 2005 a 2010, Blumenau foi um dos principais destinos de migrantes do Oeste catarinense, Planalto Serrano, Norte, Nordeste, Estados sulenses, do Sudeste e menores proporções do Centro Oeste brasileiro. O setor de desenvolvimento econômico da cidade mostrou-se promissor a esses grupos populacionais, com oportunidades de trabalho nos setores industriário, comerciário e tecnológico, bem como outros serviços. De cada quatro migrantes, pelo menos um acabava ocupando uma vaga na indústria, e na segunda posição o comércio, sendo uma das funções mais procuradas pelos migrantes.

Outro fator de destaque foi o grande fluxo imigratório dos haitianos no ano de 2010, (MOSER, 2014) resultado do terremoto que causou a morte de mais de 300 mil pessoas naquele país. Foi nas proximidades do bairro da Vila Itoupava, com grande concentração de descendentes de alemães, e marcado pelas manifestações culturais germânicas, que se concentraram os haitianos, para trabalharem na empresa Nathor, considerada uma das maiores fabricantes de bicicletas.

Com isso, a cidade teve um número crescente no seu índice populacional, e na sua diversidade étnica. A chegada “da gente de fora” pareceu causar incomodo aos que defendem sua “pátria estreita”. Conforme o trecho abaixo, retirado da Revista Destino Blumenau,

A arquitetura enxaimel, o ritmo tranquilo e as conversas de vizinhos na língua mãe dos colonizadores conferem ao lugar uma agradável atmosfera rural europeia. **Não “fosse pela gente de fora”** que todos os anos chega para trabalhar na principal fábrica do distrito, a Vila Itoupava poderia muito bem se confundir com um genuíno território germânico cravado no Sul do Brasil. (2010, p.02, grifos nossos)

Essa mudança, ao que tudo indica, foi crucial aos grupos *estabelecidos* na defesa do seu *território germânico cravado no Sul do Brasil*. Precisava-se manter o ideário empreendido desde a fundação da Colônia, o tipo modelar de alemão blumenauense, povo trabalhador, limpo, ordeiro, empreendedor, honesto, moralmente superior.

Nos anos de 2014 e 2015, no então governo do Prefeito João Paulo Kleinubing. *slogans* turísticos que se referiam à cidade eram respectivamente: - “Blumenau: Alemanha sem passaporte” – “Blumenau: Brasil de alma alemã”. O que a imprensa e o *marketing* turístico vendiam sobre Blumenau? O que seria a Alemanha sem passaporte? No que concerne à gastronomia alemã, essa concentrava-se em restaurantes típicos da cidade localizados nos pontos turísticos, divulgando como pratos típicos marreco recheado, repolho roxo, salsicha, purê de maçã, embora esses não constituíssem o cotidiano do blumenauense, ou seja, não pode-

se dizer que esse cardápio seja efetivamente mantido na alimentação da população como um hábito. Conforme afirma Dias (2009, p.113) “Pode até estar na memória coletiva de seus familiares, nas histórias contadas durante sua socialização, sua escolarização, mas não constitui efetivamente seu *modus vivendi*”

Embora a cidade, notoriamente entre 2014 e 2015, já se constituía por uma camada populacional diversa, os costumes e tradições alemães encontravam-se em menores proporções no espaço citadino. Embora as forças políticas da cidade buscassem veicular Blumenau como imagem modelar à Alemanha, tais imperativos propagados, frente à demarcação identitária cultural germânica como unívoca, já não condizia com a camada populacional heterogênea. Disseminar Blumenau como Alemanha sem Passaporte, *slogan* veiculado pela política vigente em *outdoors*, implicava em tentar homogeneizar os indivíduos, torná-los alemães blumenauenses pela espetacularização de uma autoimagem da cidade e sua população. O projeto que parecia povoar a mentalidade de Dr. Blumenau em 1850, em ter sua *Heimat* em terras brasileiras, continuava imperando e ganhando contornos nas mentalidades dos políticos dirigentes de 2015. Conforme ver-se-á nos *slogans* propagados pela cidade de Blumenau.

Figura 4: Outdoors colocados nas principais rodovias de acesso à cidade no ano de 2014



Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/pancho/2014>

Figura 5: *Slogan* para divulgação turística da cidade de Blumenau em 2015, permanecendo até os dias atuais



Fonte: www.turismoblumenau.com.br

Nesse cenário político em torno do *marketing* turístico da cidade, observa-se uma rede de interações engendradas entre a mídia impressa, empresários, políticos, na manutenção do ideário alemão blumenauense, assim como reafirma o *slogan*: *Blumenau: o Brasil de alma alemã*. Conforme nos aponta Seyfherth (1981), a preservação da *Kultur*, está além da constituição de uma civilização, ela está alicerçada “à alma de um povo”, engloba a cultura, a língua, a lealdade à Alemanha como nação. O chapéu que representa o alemão cravado no meio da bandeira do Brasil, justamente onde se lê “Ordem e Progresso”. Encontram-se simbologias discursivas que circundam o ideário germânico blumenauense da superioridade para o progresso, herdadas por seus colonizadores.

Faz-se necessário frisar, entretanto, que a cidade modelar tece na rede de interdependências, imperativos cotidianos, marcados por crenças, exigências de condutas, que por sua vez, constituem o *habitus*, tornando como segunda natureza (ELIAS, 1994) dos indivíduos, sentimentos, códigos culturais e práticas sociais, inventando assim algumas tradições (DIAS, 2009)

Na invenção dessa cidade étnica, há uma profunda imbricação entre o saber sobre o que é a sociedade real e o projeto de reforma e educação dos habitantes para se tornarem membros de uma sociedade ficcional. Afinal, a cultura tornou-se uma mercadoria, uma mercadoria simbólica, feita de ilusão e imagem, que não se aliena de seus sujeitos. (CAMPOS; FLORES, 2007, p.286)

As redes de interações em torno da folclorização (MACHADO, 2008) da cidade ganham visibilidade nos micro eventos tais como a *Oktoberfest*, vinculada à força do povo de reerguer-se após as enchentes de 1983 e 1984, o Festival da Cerveja, a *Sommerfest*, cujo ideário típico

alemão blumenauense trabalhador, bem-sucedido, empreendedor, superior moralmente, circunda nos discursos veiculados pela elite empresarial, gestão municipal e pela mídia.

A partir dos anos 2000, outro micro evento vem ganhando destaque no calendário do blumenauense, o *Stammtisch*. Refere-se ao encontro de grupos na principal avenida da cidade, rua XV de Novembro, com mesas, copos, cerveja, *chopp*, jogos de dominó, *skat*⁴³, animados por bandas típicas alemãs, acordeões, gaitas de boca. A gastronomia alemã envolve pratos preparados por alguns dos grupos inscritos, dentre eles, o porco rolete, *goulasch*⁴⁴, pão com bolinho. Contudo, dentre os grupos, encontram-se também pratos como o entrevero, churrasco, os quais são representativos de outras etnias. Esse micro evento surgiu inicialmente para marcar os 150 anos da cidade de Blumenau, com auxílio da CDL (Câmara dos Dirigentes Lojistas) e *Lions*. Segundo Caminha (2010) o *Stammtisch* ocorria desde os tempos de Colônia, contudo, entre os homens em períodos noturnos. Diante da era nacionalista, com a proibição do uso do idioma alemão, o termo *Stammtisch* era associado aos hábitos esportivos, como encontros de bochas, bolão, dentre outros. A partir da segunda metade do século XX, livres do regime nacionalista, o *Stammtisch* passou a ser utilizado para demarcar o encontro entre grupos de homens alemães.

Era principalmente nos Clubes de Caça e Tiro que as festividades típicas culturais de lazer, características da preservação simbólica germânica eram empreendidas como micro eventos, envolvendo os desfiles de rei e rainha, campeonato de bolão, tiro ao alvo, danças folclóricas, bandas típicas. Atualmente em Blumenau são 36 Clubes de Caça e Tiro que mantêm essas práticas culturais.

Durante o governo do prefeito Renato de Mello Vianna, em 1977, suas propostas traduziam o desejo em afirmar o ideário simbólico germânico, desde a arquitetura da cidade, assim como incrementar e consolidar os Clubes de Caça e Tiro, duplicar as bandinhas típicas e os grupos folclóricos. Essas práticas governamentais foram retomadas pelo plano municipal de turismo, do então prefeito Napoleão Bernardes, até sua renúncia para concorrer às eleições a vice - governador do Estado de Santa Catarina em 2018. O referido plano, aprovado pela Câmara de Vereadores e sancionado pelo Executivo sob a Lei Nº 8279, de 06 de maio de 2016, apresenta como objetivos: “• Proporcionar aos turistas, visitantes e comunidade a experiência

⁴³ Skat traduz-se como um jogo de baralho, originário da Alemanha.

⁴⁴ Uma espécie de cozido de carne típico austríaco, feito com carne de porco ou carne bovina.

das atividades de Clubes de Caça e Tiro • Valorizar e promover a manutenção dos Clubes de Caça e Tiro”. (p.44)

Nota-se que as atividades típicas culturais de lazer desenvolvidas pelos Clubes contribuem para consolidar o que é ser alemão típico blumenauense. Os bailes embalados pelas bandas alemãs, regados a muito chopp, a competitividade dos tradicionais campeonatos, a faixa da realza e os tradicionais desfiles na comunidade. É a partir desses micros eventos que Blumenau buscou dar contornos homogêneos às formas culturais na cidade.

No ano de 2002 foi aprovada por meio da lei nº 5843, com autoria do vereador Rufinus Seibt, a criação do Museu dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau. O museu foi inaugurado no ano de 2010, localizado na rua Dr. Pedro Zimmermann, no bairro da Itoupava Central. “Trata-se da antiga sede do Clube Recreativo Esportivo e Cultural Concórdia, uma das primeiras construções edificadas pelos imigrantes do município que serviu como centro de manifestações sociais e culturais da região”, afirma a historiadora e diretora do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva da Fundação Cultural de Blumenau, Suely Petry.

A rigor, o que se observa eram investimentos políticos que buscavam consolidar o ideário germânico. Espetacularizar as formas culturais dos primeiros colonizadores era uma forma de enaltecer o passado na representação do ideário simbólico da imigração alemã.

As ocorrências de enchentes em Blumenau foram sentidas desde o início da sua colonização. Dentre os fatores agravantes das enchentes, foi o modelo alemão que inspirou a construção da cidade, em que a população assentava-se seguindo o curso do rio, chamado de *Stadtplatz*. Tal modelo levou a ocupação das encostas do rio Itajaí-Açú, e conseqüentemente o desmatamento da mata ciliar. Com o aumento populacional, e com intuito de se precaver das enchentes, a população passou a ocupar as encostas dos morros, com risco agravante de deslizamentos. Além da baixa declividade do rio, que favorece as cheias em determinadas épocas do ano. Os óbitos conseqüentes das enchentes aumentaram à medida que o índice populacional cresceu. Fato esse, decorrente das formas de ocupação da cidade.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a cidade possui o maior número de habitantes que residem nas nomeadas “aglomerações urbanas subnormais⁴⁵”, um total de 23.131 de 330 mil moradores.

A cidade enfrenta o desafio de crescer de forma organizada e incluyente. As precárias condições de moradia e infraestrutura somam pelo menos 47 áreas responsáveis por formar um abismo social entre periferia e a imagem criada nos jornais. (MOSER, IUIM, 2015, p.134)

Portanto, o agravamento das enchentes intensifica-se na cidade não com o aumento do nível do rio, mas em virtude das ocorrências de desastres naturais, com aumento da ocupação da região, moradias irregulares e desmatamento da mata Atlântica, assim como a falta de política social que atenda a diversidade de condições materiais de existência da população.

Foi a partir desses dados históricos recorrentes de enchentes, que os dirigentes políticos agregaram a capacidade aguerrida, trabalhadora e empreendedora modelar do povo blumenauense para outras localidades do país e também fora dele.

As enchentes de 1983 e 1984, de grande proporção, tomaram as principais avenidas e logradouros de diferentes bairros, casas, indústrias, comércios, escolas, bem como municípios vizinhos. Os blumenauenses passaram quinze dias sem energia elétrica, sem abastecimento de água, acesso aos mantimentos de consumo diário, sem o trabalho nas fábricas, sem atividades escolares, a cidade imobilizada pela força do rio Itajaí-Açu.

Diante dos prejuízos causados pelas cheias, principalmente na economia da cidade com 90% do comércio prejudicado, 70% das indústrias com prejuízos pelos dias parados e um plano de governo impossibilitado de tocar um projeto político⁴⁶, Blumenau investiu no *slogan*: o povo blumenauense, trabalhador, solidário, aguerrido, vai reconstruir a “Nova Blumenau”. (FROTSCHER, 2007)

Então, eivada dessa simbologia, eis que em 1984 surge a *Oktoberfest*, divulgada na mídia como a festa representativa da força do povo blumenauense em se erguer após a enchente de 1983. Tendo como molde a festa do *chopp* realizada em Munique, trazendo as tradições e os costumes alemães. Ademais, a *Oktoberfest* destacou-se com características definidoras da germanidade, com apresentações de bandas germânicas e locais, grandiosos desfiles na

⁴⁵ Segundo dados do IBGE 2010, totalizam-se 17 aglomerados na cidade.

⁴⁶ Relatório da gestão municipal prefeito Dalto dos Reis, 1986.

principal avenida da cidade que veiculam a história de seus colonizadores, a produção do *chopp* artesanal, a gastronomia alemã, a escolha das rainhas e princesas da festa, assim como espaços para tiro ao alvo, jogo de bocha, tiro ao pássaro, organizados pelos Clubes de Caça e Tiro da cidade e apresentações folclóricas.

No entanto, a *Oktoberfest* foi pensada e articulada pelo Clube dos Dirigentes Lojistas (CDL) e pela rede hoteleira em 1981. A enchente foi utilizada como uma estratégia de *marketing* em torno da capacidade de superação pela força do trabalho do ideário típico alemão blumenauense.

Flores (1997) no seu livro “Oktoberfest: Turismo Festa e Cultura na estação do Chopp”, afirma que está imbuída na festa a invenção da cidade-cultura, de caráter econômico e étnico, cuja cultura transforma-se em mercadoria, alicerçada na indústria do turismo. Seguindo, a autora conclui que o *ethos* do trabalho, fator de identificação étnica, acabou se impondo ao lazer, uma vez que a festa surge do ideário que o povo blumenauense, mesmo diante das adversidades, consegue se erguer pelo trabalho, e ainda, a festa está pautada no trabalho do blumenauense, que gera cerca de três mil empregos temporários⁴⁷ (tiradores de chope, catraqueiros, brigadistas, recepcionistas, garçons, atendentes das lojas dos empórios, segurança e limpeza), os cervejeiros aumentam sua produção de chopp, os hotéis aumentam o número de colaboradores, além do comércio, bares e similares, que estendem seu horário de atendimento. O blumenauense não descansa, porque a herança de povo trabalhador faz parte de seu *habitus*. (SEYFERTH, 1981)

É importante assinalar, que no ano de 2008, Blumenau foi atingida por uma das piores catástrofes naturais da sua história, enchente, deslizamentos, que deixaram na cidade 24⁴⁸ pessoas sem vida, 25 mil desalojados e 5209 desabrigados. Em novembro de 2008, o então prefeito João Paulo Kleinübing, declarou estado de calamidade pública na cidade.

Contudo, o que se observa mais uma vez, foi a preocupação com a “ilha turística”⁴⁹, e a exaltação do ideário da força e capacidade empreendedora do povo blumenauense. A tragédia de 2008 foi utilizada como um convite para a *Sommerfest* (janeiro de 2009).

⁴⁷ Dados referentes a 2017, coletados em [<http://wp.clicrbs.com.br>]

⁴⁸ Dados disponíveis em: http://www.defesacivil.sc.gov.br/images/stories/relacao_desabrigado_17_dez_08.doc
Acesso em: 15/04/2019

⁴⁹ Campos, Flores (2007, p.281)

Assim como a Oktoberfest surgiu para animar os blumenauenses após a enchente de 1984, desta vez é a *sommerfest* que se encarregou de encher a cidade de otimismo. [...] Nesta edição, a festa contou com um ingrediente extra: o desejo dos organizadores de mostrar aos visitantes que a região está reconstruída e pronta para recebe-los com tudo o que Blumenau tem de melhor: alegria, gastronomia, muito chope e belas paisagens. (DESTINO BLUMENAU, 2009, p. 45)

A *Sommerfest* teve sua primeira edição em 2008, foi considerada a *Oktoberfest* fora de época. Desde então, ocorre nos primeiros meses do ano, com espaço para os Clubes de Caça e Tiro, jogos e brincadeiras, apresentações dos grupos folclóricos, o tradicional Concurso Nacional de Tomadores de Chope em Metro, que ocorre sempre nos intervalos das apresentações das bandas típicas alemãs.

Entretanto, a tragédia de 2008 trouxe transformações no espaço urbano decorrentes dos desbarrancamentos, mudanças dos leitos dos ribeirões, destruição das casas. Cerca de 2000 pessoas, correspondendo a um total de 540 famílias, perderam suas moradias, e em março de 2009 ainda ocupavam os abrigos provisórios. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (2012), a partir do monitoramento das vagas nas instituições de Educação Infantil, muitas famílias abandonaram suas vagas, retornando à sua cidade natal.

Buscando desativar os abrigos, foi oficializado no município o projeto de “Moradia Provisória”, que perdurou até 2011, atendendo um total de 132 famílias. Nesse contexto, a Prefeitura efetivou a compra de terrenos com verbas oriundas de doações disponibilizadas pela Defesa Civil estadual, e licitou as obras junto à Caixa Econômica Federal para a construção de moradias definitivas, a serem desenvolvidas pelo Programa “Minha Casa Minha Vida”. Dentre os 1824 apartamentos construídos em 2011, 50% foram reservados para os atingidos da tragédia de 2008.

O município vivenciou nesse período, o processo emigratório dentro do próprio espaço urbano. O que gerou processos de aceitabilidade conflituosos entre os moradores residentes nos bairros, nas escolas, nos Centros de Educação Infantil, quando recebiam os novos moradores oriundos do Projeto “Moradias Provisórias”. Segundo a Secretaria Municipal de Educação (2012), a inserção desses novos alunos e crianças nas escolas e Centros de Educação Infantil, não se fez sem traumas, a “rejeição ao outro” (ZANCANELLA; ALMEIDA, 2012) foi um dos fatores a ser enfrentado.

As crianças e adolescentes que, de forma compulsória, viram-se em outra instituição de ensino ou em um espaço de educação infantil não estavam agora vivenciando apenas a perda de seus espaços de referência, mas passam a conviver com mais uma

situação desagradável, a rejeição. A rejeição ocorreu de acordo com as observações da Comissão das Moradias Provisórias, em algumas das escolas e centros de educação infantil, os protagonistas desta rejeição não são apenas os pares, mas também os gestores e professores. (ZANCANELLA; ALMEIDA, 2012, p. 82)

Notoriamente, as escolas e Centros de Educação Infantil estão aliadas a uma estrutura muito específica de funções sociais. (ELIAS, 1994, p. 22) São espaços de contornos obtusos, utopicamente harmoniosos, permeados por relações de poder, formando longa cadeia de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades. (ELIAS, 1994, p.23)

A maior parte dos moradores dos abrigos provisórios era constituída por famílias que vieram de outras regiões do país e já estavam residindo em Blumenau, contudo, passaram a instalar suas moradias nas encostas dos morros. Como aponta Elias (2000) os indivíduos sempre se constituem em configurações, e a vida social é essa pluralidade de indivíduos, em permanente interdependência. As comunidades e os bairros são um tipo de configuração. As configurações formadas pelos indivíduos têm um poder coercitivo (ELIAS, 2000), limitando suas decisões, pelas redes de interdependência, entre *estabelecidos* e *outsiders*. As famílias que vieram de outras regiões do país, embora já residissem na cidade, trouxeram consigo, em sua bagagem, outras cargas valorativas. Outras crenças. Outras práticas culturais. Portanto, divergiam em manifestações e mentalidades, do *habitus* germânico, tratado como modelar na e para a cidade. Por isso, muitas vezes eram e continuam sendo tratados como “os de fora”.

Nesse cenário, estariam os professores, gestores das Unidades Educativas reproduzindo o *círculo vicioso* dos discursos e pensamentos padronizados sobre os modos de conduta de ser alemão blumenauense, implantado desde a Colonização da cidade e amplamente estabelecido pelas políticas públicas no decorrer do período aqui estudado? De acordo com Elias (1994, p. 79) “[...] o círculo vicioso está relacionado, antes de mais nada, ao atual padrão social de pensamento e discurso. É isso que estabelece uma espécie de ciclo funcional com o padrão social de controle sobre a área de vida em questão”.

Nessa tessitura, a cidade de Blumenau levou aproximadamente três anos para se restabelecer após a enchente de 2008. No entanto, como mostrou-se anteriormente, a veiculação na mídia em torno do soerguimento da cidade, deu-se apenas dois meses após a tragédia. A preocupação com as belas paisagens para serem ostentadas, e com a visita dos turistas à cidade para prestigiarem a *Sommerfest*, mais uma vez se consolidou como estratégia política, buscando articular a tragédia ao poder do soerguimento do povo alemão blumenauense, consagrado em uma festa típica germânica.

2.2 BLUMENAU: ENTRE O SAUDOSO ALEMÃO E A NOVA GENTE

Nesta seção é apresentada a estrutura social da cidade, buscando contextualizar a evolução do município, em seus aspectos econômicos, políticos e culturais. Ao longo dos anos, a partir da Segunda Guerra Mundial, Blumenau viveu os impactos no modelo de industrialização adotado, tendo uma maior procura por postos de trabalho. A cidade que tinha como núcleo central de desenvolvimento econômico o setor têxtil, na última década do século XX, vê - se expandir em destaque a produção de *softwares*. Nesse cenário, a configuração social blumenauense passa a ter impactos nas suas redes de produção e consumo, bem como nas cadeias de interdependência entre a cidade e os indivíduos que a compõem.

Blumenau já nas décadas de 1980 e 1990, viveu os reflexos da inflação, a diminuição do setor agrário, a criação de microempresas, as facções domésticas para as quais algumas indústrias terceirizavam seus trabalhos, e o impacto social da inserção das tecnologias da informação e da comunicação no setor de desenvolvimento econômico da cidade. O enfrentamento com a crise levou muitos dos pioneiros industriários têxteis a venderem o controle de suas ações para grupos investidores externos. É nesse contexto que a hegemonia blumenauense sobre os polos industriais têxteis, vai enfraquecendo-se.

A flexibilização do mercado e o fim das barreiras alfandegárias iniciado em 1988 e a completa abertura comercial em 1990, tiveram, consequência imediata, a incursão da indústria em profunda crise, visíveis eram o despreparo e acomodação da mesma ante a agressividade dos grupos Sudeste Asiático. (LOMBARDI, 2001, p.2)

Envolvida nessa crise, pode -se citar a indústria Artex, fundada em 23 de maio de 1936, com produção de artigos de cama, mesa e banho, considerada uma das maiores exportadoras do país. Em 1994, o grupo blumenauense distribuía as ações da empresa ao controle dos grupos Garantia (61%), Bradesco (10,4%) e a Fundação Teóphilo Zdrozny passou a deter apenas 7,4% do capital ordinário.

Segundo Lombardi (2001) a globalização exigiu novas políticas de administração no campo fabril blumenauense, cujos novos paradigmas foram obstáculos pela escassez de mão de obra qualificada para essa nova reorganização industrial. Contudo, a força do trabalho passou a vir de outras regiões do Brasil. As reconfigurações no polo industrial têxtil causaram impacto na cidade. Haja vista que cerca de 2/3 da população já havia passado pela indústria. Com a

queda do polo têxtil, a cidade viu emergir o polo tecnológico, que tem seu início em 1969 com o grupo CETIL, e ganhou forças no final do século XX.

O grupo SULFABRIL, fundado em 1950 com a produção têxtil centrada no vestuário, viu-se em expansão na década de 1980, com filiais em cidades próximas e no Nordeste. Sentiu os efeitos da abertura comercial de 1988, e as quedas das suas importações em 1994. Em 1999 foi determinada a autofalência da empresa pela justiça, passando a administração para terceiros. Após várias tentativas de leilões, em 2014 a justiça determinou seu fechamento.

Já o grupo TEKA, a tecelagem Kuehndrich, fundada em 1926, consolidando suas marcas nas décadas de 1950 e 1960 nos segmentos de mesa, cama e banho, em 1990 chegou a faturar U\$230 milhões exportando para mais de 40 países. Contudo, ao final da década de 1990, a empresa enfrentou fortes crises financeiras. O endividamento da companhia, que no ano de 2012 já havia aumentado 123%, orientou a decisão judicial quanto ao afastamento de membros do conselho fiscal e administrativo da TEKA, dentre eles, Frederico Kuehndrich Neto, membro da família fundadora. Frederico Kuehndrich Neto continuou na presidência do grupo Teka, porém, teve seu salário diminuído pela justiça. A empresa operou tentando impedir seu processo de falência judicial que persiste até os dias atuais.

Nesse cenário, a Cia Hering continuou sendo destaque, contando com 6.319⁵⁰ colaboradores, distribuídos em filiais em: 40% na região Sul, 16% no Nordeste, 17% no Sudeste, 27% no Centro-Oeste.

Blumenau em décadas anteriores tinha como proeminência o setor têxtil, em 1969 com a instalação do Centro Eletrônico da Indústria Têxtil (CETIL), o setor das tecnologias da informação e comunicação vai se expandindo e conquistando os empresários blumenauenses. A produção de *softwares* vai ganhando destaque no final do século XX, expandindo o número de empresas tecnológicas atuando no setor, e o crescente número de empregos nesse meio de produção. Essa cadeia de reconfigurações impactou nos modos de vida dos blumenauenses, que passaram a sentir a competitividade e a modernização da cadeia de tecnologia, exigindo-lhes a qualificação para sobreviver ao mercado. No ano de 2014 o município contava com 563 empresas e 4.248 empregos nos serviços de tecnologia. Blumenau foi referenciada pelo

⁵⁰ Dados Disponíveis em:

http://www.relatoriociahering.com.br/assets/img/section8/Relatorio_CiaHering_2018.pdf Acesso em: 18/07/2019

desenvolvimento de *software*, principalmente na área empresarial. A Senior Sistemas, umas das principais desenvolvedoras de *softwares* do Brasil, com sede em Blumenau ocupa o *ranking* de 9º das melhores empresas para se trabalhar no Brasil⁵¹.

A Nathor, considerada a maior fabricante de bicicletas infantis na América Latina, localizada no bairro da Itoupava Central, foi uma das empresas blumenauenses responsáveis por trazer os haitianos para trabalhar na cidade. Em 2010, de acordo com a reportagem escrita por Moser (2014) intitulada “O drama dos haitianos que chegam ao Vale do Itajaí”, ela reforçou que o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil ocorreu devido ao terremoto que matou mais de 300 mil pessoas, intensificando-se no ano de 2010 em Blumenau. Convém ressaltar, que a Nathor é uma empresa fundada em São Caetano (São Paulo), com uma filial em Blumenau desde 2004. Dos 230 colaboradores da fábrica, 45 são haitianos. “A alta rotatividade levou a empresa a buscar os trabalhadores no Norte do país. Segundo a assessora de RH, os pontos mais favoráveis dos haitianos são a fidelidade e o comprometimento”. (MOSER, 2014, p.8)

Mesmo com a mão de obra blumenauense apresentando um grande percentual de indivíduos que migraram de outras regiões, ou de cidades vizinhas, a disciplina voltada para o trabalho, assim como o pioneirismo continuavam tratados como heranças culturais. “Os teuto-brasileiros se consideram responsáveis [...] pelo desenvolvimento econômico da região, que é resultado do *Deutschtum*”. (SEYFERTH, 1981, p.173)

Ademais, as manifestações culturais produzem e se reproduzem, elas não são estáticas, suas molas propulsoras são as relações de poder, articuladas e emaranhadas às redes interacionais e aos sentimentos de pertença do indivíduo com a sua cultura. Assim como os sentimentos e significados não são dados. Esses são constituídos nas redes de interações que se expandem nas configurações sociais, levando, segundo Elias (1994) à conformação social das relações humanas. “Embora não estáticos, os sentidos tendem à manutenção da situação, pois configuram ação social típica e, carregados de carga valorativa, em estrutura de sentimentos, tendem a conservar o que está instituído” (DIAS, 2009, p.204)

⁵¹ Dados divulgados pelo *Great Place to Work* 2018, atualmente conta com aproximadamente 1800 colaboradores e cerca de 100 canais de distribuição em todo Brasil.

Como aponta o Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico Municipal de Blumenau (PEDEM, 2015), a cidade, entre os anos de 2014 e 2015, contava com 25.019 empresas que geravam 137.346 empregos.

Em termos de geração de empregos as 9 principais atividades econômicas são responsáveis por 56% dos empregos gerados no município. São elas: • Comércio Varejista – 17.619 empregos • Confeção de Artigos do Vestuário – 13.761 empregos • Fabricação de Produtos Têxteis – 11.338 empregos • Administração Pública – 6.556 empregos • Comércio por Atacado – 6.484 empregos • Educação – 6.158 empregos • Alimentação – 5.373 empregos • Transporte Terrestre – 5.224 empregos • Atividades De Atenção À Saúde Humana – 5.086 empregos. (PEDEM, 2015, p.15)

O comércio varejista sendo uma das principais fontes geradoras de empregos na cidade, é uma das principais funções exercidas pelos migrantes advindos das diversas regiões do país.

O polo industrial têxtil, entre 2009 e 2013, apresentou uma queda de 8,9% em relação ao número de empresas desse seguimento estabelecidas na cidade e no ano de 2014 houve um crescimento de 1,98% no número de empresas de confecções.

No que diz respeito ao setor de agropecuária em 2014, apenas 0,1% da população blumenauense desenvolvia trabalhos ligados a essa função. Grande parte das famílias residentes em áreas rurais da cidade têm a produção agropecuária para seu consumo próprio, estabelecendo outros vínculos empregatícios.

Dentre os principais produtos de exportação do município, o fumo lidera o mercado com mais de 70% das exportações, dentre outros produtos exportados. Numa balança comercial deficitária desde 2008, estão os produtos têxteis e confecções, máquinas e equipamentos.

Embora, nessa conjuntura, os industriários têxteis já houvessem perdido sua hegemonia, exceto os Hering, a rede de empresários na cidade já se configurava com uma parcela de investidores e empreendedores de fora.

Em 2006, sete empresas da cidade receberam visitantes para mostrarem como são fabricados seus produtos, como uma rota de turismo industrial para avultar a força empreendedora da cidade.

Blumenau sabe como nenhuma outra cidade valorizar as características europeias herdadas dos seus antepassados. Além de preservar os traços germânicos na arquitetura, gastronomia e cultura, aprendeu que pode transformar o perfil

empreendedor de sua gente em potencial turístico. (DESTINO BLUMENAU, 2010, p.27)

A cidade de Blumenau ganhou notoriedade nacional no ano de 2017 quando o Presidente da República, Michel Temer, sancionou o projeto de lei de autoria do deputado federal Décio Lima, que deu à cidade de Blumenau o título de “Capital Nacional da Cerveja”. Este título intensificou o micro evento como o “Festival brasileiro da Cerveja”, criado em 2006, com a exposição de diversos produtores de cerveja do país. Mais uma vez a culinária típica alemã ganhou harmonização com variados tipos de cervejas, assim como apresentações de bandas típicas alemãs da região.

Cabe mencionar, que no ano de 2014, Blumenau teve a primeira faculdade da cerveja e do malte da América Latina. A produção da cerveja artesanal, na cidade, vem aumentando 21% ao ano.

Blumenau, que contava apenas com a Universidade Regional de Blumenau (FURB) no final da década de 1990, recebeu a instalação de novas instituições de Ensino Superior na cidade. Em 2013 passou a ter um *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que iniciou suas atividades no ano de 2014.

Blumenau conta com três unidades hospitalares conveniadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), sendo o Hospital Santo Antônio, Hospital Santa Isabel e Hospital Misericórdia. Um fator que merece destaque no campo da saúde é datado de 2018, quando o Hospital Santa Isabel passou a ser referência de transplantes no Brasil, realizando mais de dois mil transplantes. Cabe mencionar, que alguns dos indivíduos que aguardam na fila de transplantes, mudaram-se para a cidade, procurando uma maior comodidade durante esse processo.

No século XXI, a hegemonia empreendedora blumenauense perdeu espaço para investidores e empreendedores de outras regiões, contudo, o que atraiu os investidores para a região é a superioridade da cultura local, manifesta na mídia, políticas públicas, *marketing* turístico. A cidade busca consolidar estratégias de *marketing* e turismo, trazendo heranças dos seus antepassados como constitutivos e imperativos no seu cotidiano. A cidade passa a virar *marca*, a promessa de um produto a um consumidor: “Blumenau: Alemanha sem passaporte”.

É nesse viés, que em maio de 2016, foi inaugurado o Centro de Exposições Parque Vila Germânica, localizado na antiga PROEB (Parque de Exposições), inicialmente chamada de

FAMOSC (Feira de Amostras de Santa Catarina). A construção do empório agrega em toda sua estrutura detalhes da construção germânica. É no Parque Vila Germânica que Blumenau sedia seus principais eventos, como a *Oktoberfest*.

Suas fachadas, inspiradas as vilas comerciais europeias, dão a impressão de se caminhar pelo interior da Alemanha e conferem um charme extra ao tradicional palco da *Oktoberfest*. Quase todas tem nomes com expressões alemãs e se integram uma espécie de movimento local de valorização das raízes culturais. (DESTINO BLUMENAU, 2007, p.6)

Não obstante, afirmaria que se trata de mais uma fachada. Palco para diversos *scripts* e representações. Dentre os principais, a *Oktoberfest*, como já citado anteriormente, divulgada como a festa do poder de soerguimento pela força do trabalho do povo blumenauense após as enchentes.

Por fim, cabe destacar que as configurações sociais são como fios que se entrelaçam, numa trama de indivíduos interdependentes, cujas figurações são móveis e modelares. Blumenau, não de uma maneira linear, mas entre continuidades e rupturas travadas principalmente no setor econômico, foi se reconfigurando enquanto uma população de cultura diversa. Contudo, em outra perspectiva, o que se observou foram estruturas políticas e elites empresarias conservadoras, em um olhar unívoco, na criação de fachadas (GOFFMANN, 2014), naturalizando discursos e sentimentos, mantenedores do *habitus* do tipo ideal alemão blumenauense, povo trabalhador, limpo, ordeiro, empreendedor, honesto, moralmente superior.

2.3 O ARTISTA LOCAL ESTÁ MORRENDO DE FOME: FOME DE CULTURA!⁵²

Nesta seção, busca-se contextualizar os movimentos culturais que enredam a cidade de Blumenau, na produção do “Brasil de alma alemã”. A cidade que vai projetando e valorando em suas redes de interações, nos micro eventos, as formas culturais germânicas de seus pioneiros.

⁵² HERING, Elke. Trecho do convite de Exposição de Elke Hering na FURB. Blumenau, 29 nov.1984.

Pareceu-me deveras significativo iniciar a escrita a respeito dos investimentos culturais da cidade a partir de Elke Hering. Figura emblemática, falecida em 1990, que queria uma Blumenau que investisse em manifestações culturais para além da cultura germânica. Elke denunciava a falta de recursos do poder público para financiamento da cultura na cidade, assim o fez em 1973, tendo recursos recusados por vereadores, para apresentação do “Projeto Índios”.

Para conceber o auxílio, o Executivo teria que recorrer a uma movimentação de verba orçamentária não prevista, usando saldo, anulando e reduzindo dotações importantes como a Diretoria de Obras Públicas, tão necessárias ao município depois de ter sofrido calamitosas enchentes.⁵³

O Projeto apresentado por Elke estava distante das manifestações culturais alemãs, na manifestação do *Deustchum*. Sendo que no ano posterior a cidade levantou Cr\$351,000,00 para a passagem do seu sesquicentenário.

No quesito cultura, Blumenau investiu nas memórias do seu passado, nos monumentos e museus. O Teatro Carlos Gomes continuou sendo a única sociedade de dramaturgia e música da cidade. Tem-se ainda o espaço Multicultural Elfy Eggert, localizado na Fundação Cultural de Blumenau, aberto para manifestações culturais como danças, teatros, poesias, fotografias, com capacidade para 300 pessoas.

Em 1993 as escolas tiveram o Projeto Banda e Fanfarras. Em 2016, no governo do prefeito Napoleão Bernardes o Projeto passa a ser Programa, pelo decreto nº. 10.920 de 30 de março de 2016, trazendo no seu Art. 1, parágrafo IV “promover a cultura, através do resgate das tradições musicais, manifestado através de apresentações e desfiles”. Nesse trecho ousaria a perguntar: de quais tradições musicais? As únicas festividades cívicas das quais os alunos participam são manifestações culturais alemãs. Atualmente integram o programa 34 escolas municipais, envolvendo mais de 2.200 alunos.

O folclore alemão tem suas raízes na década de 1980, com o início da *Oktoberfest*. Segundo Voigt (2018), o folclore alemão foi pensado e demarcado por uma elite cultural, na imposição de códigos de legitimação e de parâmetros culturais, buscando constituir através da memória dos seus descendentes de alemães uma autoimagem grupal e pessoal.

⁵³ CULTURA, NOVA VÍTIMA DAS CHEIAS. Jornal de Santa Catarina, Blumenau. 11 out.1973 *apud* SCHVARTZ; MACHADO, op.cit, p.47.

Ademais, os grupos folclóricos fazem parte da autoafirmação da *Kultur* alemã, contando a história dos colonizadores alemães da cidade legitimadas nos discursos da superioridade do trabalho alemão, do pioneirismo, do poder de soerguimento. “É por meio da recriação de um passado longínquo que se visa forjar uma tradição. (VOIGT, 2018, p.36) Haja vista, os interesses políticos e os investimentos em Programas e Projetos mantenedores do *habitus alemão*, como Bandas e Fanfarras e Clubes de Caça e Tiro, nos quais encontram-se os principais grupos folclóricos da cidade.

Muitos grupos folclóricos tiveram o apoio de políticos locais para sua fundação, e parte dos coordenadores acabou se profissionalizando no ofício. [...] A fundação e a organização de grupos folclóricos eram fomentadas por agentes sociais que tinham interesse em promover a ‘tradição alemã’, investindo nesse jogo. (VOIGT, 2018, p.28)

Cabe mencionar o Clube de Caça e Tiro 25 de Julho, de grande representatividade da elite local no início da Colônia, o nome carrega o enaltecimento do Dia do Colono. Tal Clube ocupa destaque nas festividades que buscam articular a cidade como palco das tradições, nos costumes, na *Kultur* alemã.

No ano de 1984, durante a *Oktoberfest*, foi o Clube 25 de Julho que recepcionou os quarenta turistas alemães. As apresentações do Clube sempre foram destaques durante a festa, seu grupo de dança folclórica *Blumenauer Volktanzgruppe*, mais antigo da cidade, fundado em 1984, é o único que esteve presente em todas as edições da festa.

Em 2010, o Coro Masculino *Lierderkranz* foi premiado no final da *Oktoberfest* como destaque e revelação do evento. O coro do Clube 25 de Julho se apresentou em quatro noites, cantando músicas do folclore alemão e austríaco.

O fio condutor das manifestações culturais em Blumenau é circunscrito a partir do pioneirismo dos que desbravaram suas terras, da capacidade empreendedora alemã marcada pela superioridade de Dr. Blumenau, da cultura alinhada à disciplina do trabalho herdada pelos colonizadores, arquitetura e organização europeia, na limpeza e nos seus belos e floridos jardins, na gastronomia, na música e na dança. Do povo que trabalha, não se cansa, e não descansa. Do povo que se ergue das chuvas e tão logo está pronto para levantar o caneco de chopp: *Ein Prosit!* Do povo que se reergueu com muitos povos, entre muitas mãos.

Grupos de outras manifestações culturais buscam-se manter na cidade, tentando visibilizar suas comunidades de sentido. O *Circolo Italiano di Blumenau* com o intuito de

manter as tradições Italianas no Vale do Itajaí foi inaugurado em 1952, porém, com dificuldades de espaços para manter sua sede social, teve diversas mudanças. Foi em 1989 que inaugurou sua sede atual. Cerca de 40% da população blumenauense é descendente de italianos.

Também por iniciativa própria, os nordestinos em 2013 fundaram a Associação de Nordestinos de Blumenau. Seu fundador, Maurício Muniz Pessoa Filho, diz que chegando à cidade, logo deparou-se com mais de 50 famílias nordestinas. Esse grupo tem o objetivo de reviver um pouco da sua cultura e da sua terra natal. Diz que tentou implantar o carnaval em Blumenau: “— Não dá certo, não decola de jeito nenhum” (FILHO, 2013)

Não tratamos aqui da força cultural alemã e a representatividade dessa como empreendedora da cidade. Tratamos dos jogos de verdade, das forças que operam sobre o *modus vivendi* do blumenauense, do *habitus*. Jogos e representações que buscam *Blumenau: o Brasil de Alma Alemã*, no empreendimento nos modos de ser alemão blumenauense. As fachadas (GOFFMANN, 2014) que correspondem às representações dos *eus cotidianos*, pelas relações travadas nas redes de interações, aonde o eu também ocupa o nós. Nesse arcabouço, o eu é interdependente dos outros, na rede funcional, só existe o ator em virtude do público, e o público em função do ator. Quando pensamos nos que apresentam uma fachada falsa ou ‘somente’ uma fachada, nos que dissimulam, enganam e trapaceiam, pensamos na discrepância entre as aparências alimentadas e a realidade”. (GOFFMANN, 2014, p.71)

A relação que travamos cotidianamente com nossos modos de ser, agir, pensar, sentir, são modeladas pelos discursos veiculados pela mídia, pela elite política, por instituições como família, escola e igreja. Em Blumenau, cidade heterogênea na sua diversidade populacional, porém, com discursos acentuadamente políticos e de uma elite conservadora, grupos *estabelecidos que permanecem no poder*, que buscam manter o *marketing* turístico e a superioridade da germanidade, perpetuam suas verdades, materializam seus *scripts*, centrados no tipo ideal alemão blumenauense, que talvez tenha existido no seu período colonial por forças coercitivas, mas não por herança da pureza do sangue alemão. Finalizando, reportamo-nos a um depoimento de uma colega de profissão vinda da região Nordeste que aos prantos relatou não estar sobrevivendo aos “moldes” de vida impostos pelos blumenauenses. Até quando Blumenau buscará conservar e modelar o tipo ideal de alemão blumenauense, trabalhador, ordeiro, empreendedor, moralmente superior?

Tendo apresentado o cenário inicial e do período de reconfiguração estrutural da cidade, passa-se na sequência a contextualizar a unidade educativa pesquisada.

2.4 O CENÁRIO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL FIDEL: MOBILIZAÇÃO EM TORNO DA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA NA CIDADE

Para contextualizar os dados documentais referentes ao Centro de Educação Infantil pesquisado, utilizou-se de fontes documentais como Livros de Vivências da Unidade⁵⁴, Projetos Políticos Pedagógicos, Memorial, Planejamentos das professoras, fotografias. Como nome fictício chama-se a Instituição de *Fidel* em alemão, originário no nome do bairro onde está instalada, na sua tradução Feliz.

Os registros encontrados na Unidade entre as décadas de 1971 a 1990 são escassos. No Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, também não encontrou-se nenhuma fonte que mencionasse o CEI Fidel.

Em 1971, é fundado no bairro o Centro Social Ribeirão Fidélis, com uma sala de atendimento recreativo semanal às crianças de 5 a 6 anos, duas salas destinadas ao Posto de Atendimento às Famílias, e uma sala para os encontros de Clubes de mães. Os registros dessa década são raros na Unidade Educativa, sabe-se que as crianças realizavam algumas brincadeiras de rodas, músicas que demarcavam os rituais de chegada e de saída, e semanalmente passavam pela enfermagem para realizarem inspeções de vacinas e higiene do corpo.

O atendimento às crianças, na rede pública de Blumenau, iniciou-se em 1968 com a instalação da Recreação Infantil, dirigida para crianças de 5 a 6 anos nos Centros Sociais, vinculadas ao Departamento do Bem-Estar Social, ligado à Secretaria Municipal da Saúde.

Os planos de governo de 1973 a 1976, do então prefeito Félix Theiss, pautaram-se na política assistencialista, com a preocupação de implantar os Centros Sociais para atendimento

⁵⁴ O livro de Vivências, corresponde ao documento de registro dos planejamentos, fotos das atividades propostas, bem como relatos das professoras sobre o contexto vivido durante o dia na Unidade Educativa com as crianças.

recreativo Pré – Escolar para grupos populacionais que viviam em áreas periféricas, sem infraestrutura, em habitações precárias.

De acordo com os Cadernos de Educação Infantil nº1 (2002), em 1975, surge na cidade uma nova modalidade de atendimento de Educação Infantil, destinado às crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. “Para admissão do recém-criado Centro Infantil, havia os seguintes critérios: crianças com idade de três meses e quatro anos, de classe social baixa, cujas mães se ausentam de casa para exercer atividades profissionais”. (SEMED, 1996).

É neste ano que o Centro Social amplia seu atendimento para crianças de 0 a 6 anos de idade. No entanto, o atendimento prioritário configurava-se para as turmas de 5 a 6 anos, sendo denominadas como Jardim III externo. Entre os fins da década de 1970, e durante toda a década de 1980, de acordo com os Cadernos de Educação Infantil nº1 (2002), a Secretaria de Educação e Cultura fica responsável pelas classes de Unidades Pré-Escolares e as demais classes continuam ligadas à Secretaria de Saúde e Bem-estar Social.

O memorial da unidade traz o relato de uma ex-aluna, nos quais retratam parte da rotina.

O jardim de Infância era destinado às crianças até 6 anos de idade. Muitas destas chegaram no jardim não sabendo falar uma palavra sequer em português, fala-se muito o alemão, quase todas as crianças falavam em alemão. A professora ensinava a escrever e ler em português, quando ela não entendia o alemão, pois era brasileira, a merendeira traduzia o alemão para a professora. (PASOLD, 2007, p. 19)

Segundo Seyferth (1981) a língua alemã é o que define o membro da família como teuto-brasileiro (alemão). A família é considerada o grupo mais importante dentro da comunidade étnica, por meio dela a criança socializa-se como membro dessa comunidade. Tratando-se da época descrita, de uma comunidade com uma camada populacional numerosa de descendentes alemães, essa era a comunicação estabelecida entre os membros desse grupo. Sendo o português tomado como segunda língua nas relações econômicas, políticas, na escola e na igreja. (SEYFERTH, 1981)

Conforme se observa no relato, a escrita se fazia presente, iniciava-se o ensino preparatório para a transição para a Escola.

No relato abaixo a ex-aluna do Centro Social relembra sobre as ritualizações presentes no cotidiano das atividades propostas no Jardim de Infância,

Chegávamos lá, ficávamos no pátio que era na frente do jardim sempre com a merendeira de olho em nós. Fazíamos fila para entrar e entrávamos devagarzinho e cantando músicas ali ensinadas, aí na sala era rezado um Pai Nosso. Ela dava folhas

de papel de ofício para desenhar quando chegava a merenda agradecíamos a comida a Deus [...] (PASOLD, p. 19, 2007)

Constata-se a influência dos pensamentos de Froebel,

Os atos de chegar e sair da escola, assim como outros, eram ritualizados e geralmente acompanhados de um significado simbólico. Poderia ser a música, os gestos do educador ou as formações corporais das crianças: sempre havia um ritual. (KUHLMANN JR, 2015, p.123)

A religiosidade estava nomeadamente ligada às condutas morais.

Com a chegada da década de 1990, a cidade passa por reconfigurações no âmbito da Educação voltada para a primeira infância e passa para administração da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). É no ano de 1992 que o Centro passou a ser reconhecido como Unidade Pré-Escolar Ribeirão Fidélis e em 1996 recebeu o nome de Centro de Educação Infantil *Fidel*. Tais mudanças ocorridas na cidade são reflexos do cenário nacional, que vinham se acentuando desde a promulgação da Constituição de 1988, até a criação da LDB/1996,

Art. 29º - A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

É na década de 1990, que o Ministério da Educação produz os “Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil” (1998), o documento “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil” (1998) e as “Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação Infantil” (1998) sob o parecer CNE/CEB nº 22/98, homologado em 22 de março de 1999, que sofre modificações pelo parecer CNE/CEB Nº 20/2009, aprovado em 11 de novembro de 2009.

Durante a década de 1990, o número de matriculados na Unidade variou entre 40 a 60 crianças, distribuídas em cinco salas (berçário, maternal, jardim I, jardim II e Jardim III). O Centro de Educação Infantil Fidel, organizava suas propostas de trabalho pedagógico por datas comemorativas, como Páscoa, Festa Junina, Dias das Mães, Dia dos Pais, Natal. Nesta década realizou-se anualmente, a mini *Oktoberfest*, embora não fosse um evento fixo no calendário da unidade.

O Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Infantil Fidel, no ano de 2004 (p.11), traz como organização metodológica os Projetos,

Percebemos a importância de nos planejar conhecendo a realidade de nossas crianças, percebendo seus interesses, afinidades, buscando como proposta a pedagogia de projetos. Através de projetos criam-se situações interrogativas, dúvidas, respostas e pesquisas que concretizarão as ações, sendo o educador observador, mediador e registrador do processo. (PPP, 2004)

Contudo, nas observações dos registros dos planejamentos de 2004 até o ano de 2011, identificamos que os mesmos são organizados por listagem de atividades, como: desenhos, alinhavos, passeios pelo bairro, colagem, jogos de encaixe, parque, literatura, massa de modelar, cantigas, parlendas, brincadeiras livres e também datas comemorativas como: Festa Junina, Páscoa, Natal. Nos registros fotográficos, identificou-se a participação das crianças, no micro evento da *Oktoberfest*, realizada no pavilhão da festa, em período diurno, aberto para as escolas. O planejamento por lista de atividades é uma organização pedagógica extremamente criticada pela literatura especializada da área da educação das crianças de 0 a 5 anos, bem como está superado, pelo menos no texto oficial e legal que compõe os documentos oficiais que constituem a Política Nacional de Educação Infantil.

Esse tipo de planejamento poderia ser considerado um dos mais rudimentares, pois está baseado na preocupação do educador em preencher o tempo de trabalho com o grupo de crianças, entre um e outro momento da rotina (higiene, alimentação, sono etc). O professor busca, então, organizar vários tipos de atividades para realizar durante cada dia da semana [...] Nesse sentido, quase não pode ser classificado como planejamento, uma vez que a intencionalidade do educador não está marcadamente definida considerando princípios educativos, muito embora exista por trás dessa prática uma concepção, mesmo que implícita, de criança e educação infantil. (OSTETTO, 2002, p.176)

Notoriamente observa-se a discrepância entre a Proposta Pedagógica da Unidade, e aquela que se prescreve nos planejamentos e registros de vivências, o professor aparece como figura central das propostas desenvolvidas, sendo as crianças ocupam lugar de mera reprodução de atividades. Conduzir a Educação Infantil desta forma, nos leva a refletir: quais as concepções de criança e infância permeavam o grupo do CEI Fidel? Quais eram as distâncias de um Projeto Político Pedagógico prescrito para a prática?

No Projeto Político Pedagógico do CEI Fidel (2007, p. 12) ver-se-á,

[...] enquanto educadores da educação infantil, devemos constantemente repensar nossa prática pedagógica, planejar atividades com objetivos específicos, levando em consideração o conhecimento e a curiosidade de nossas crianças, proporcionando momentos prazerosos onde a criança possa participar, opinar e estabelecer relações com o que faz a cada momento, tornando a aprendizagem significativa.

No próprio Projeto Político a Unidade aponta a necessidade de refletir sobre a prática ali constituída, defendendo atividades constituídas de objetivos, alicerçados nas manifestações das crianças, e na participação delas. Contudo, os planejamentos continuam organizados por listagem de atividades. No entanto, o Projeto Político Pedagógico (2007) aponta como necessidade do grupo de professores o aprofundamento em formação continuada, nos campos teórico e prático em torno de temas voltados à sexualidade infantil, inclusão, limites e ética. Enquanto embasamento teórico observa-se referências aos Referenciais Curriculares Nacionais

para Educação Infantil (BRASIL, 1998), em Vygostky (1998), Rego (1995,1998), Ostetto (2001, 2004).

Problematizamos neste estudo o planejamento por atividades, por entender que este vai na contramão dos avanços pedagógicos e legais em torno dos direitos das crianças à sua condição de agentes do processo de aprendizagem, bem como da salvaguarda aos seus direitos de participar, de ter atenção individual, de serem respeitadas em suas variadas formas de expressão, dentre outros.

Com a Constituição de 1988 as crianças são inseridas em um contexto de direitos,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Sendo assim, além da provisão, proteção, a criança tem o direito à participação na vida social e cultural. Pensar na criança enquanto sujeito de direitos, é trazê-la na sua integralidade no cotidiano da Educação Infantil, pois não se fragmenta aquilo que é indivisível, ou seja, manifestações culturais, expressões, afetividades, curiosidades, movimentos, elementos conceituais etc. A criança como centro do planejamento, oferece ao professor os indícios do que deseja aprender, contudo, o adulto professor passa a desempenhar um papel primordial, o da escuta. O papel da escuta pode não ser bem visto por aqueles que sempre tiveram o poder da fala, sobretudo, na lógica pedagógica de mando e subordinação.

A virada para o século XXI foi gradativamente trazendo a centralidade das crianças para o desenvolvimento das propostas pedagógicas. É neste preâmbulo, que em 17 de dezembro de 2009, foi homologada a Resolução nº 5, a qual fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, DCNEI, 2009). O referido documento orienta as políticas públicas, sustentando princípios, fundamentos, na área de elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares na Educação Infantil.

Compreendendo a criança como um,

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL, DCNEI,2009, p.5)

Nesse aspecto, a Educação Infantil foi permeada por intensos movimentos históricos, mobilizados por diferentes indivíduos da rede configuracional, pesquisadores, professores (as), políticas públicas, famílias. Tornou-se fundamental, demarcar o espaço da Educação Infantil (BRASIL, 2009) dentro dos princípios democráticos, na garantia dos direitos das crianças, no atendimento de qualidade, que garanta a especificidade do trabalho pedagógico com essa faixa etária, suas interações, brincadeiras, ampliação de repertório sócio cultural, à diversidade étnica, cultural, religiosa, de gênero, planejamento e avaliação sistemáticos e orgânicos, sem antecipação do Ensino Fundamental.

Foi a partir dos conceitos postos nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, e em decorrência do Ensino Fundamental de nove anos, que o município de Blumenau inicia em 2010 a elaboração das Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Infantil e a resignificação das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental.

As Diretrizes Curriculares Municipais de Blumenau (2012) no âmbito da Educação Infantil apontam para uma perspectiva Histórica Cultural. Destacam que as aprendizagens envolvem interações entre indivíduos, elas se desenvolvem por intermédio das relações sociais, mediadas pela cultura do adulto e de outras crianças. “Aprendizagens sociais são sempre mediadas entre os sujeitos e sua cultura”. (BLUMENAU, 2012, p.31)

Apontam a criança como centro do planejamento, como sujeito histórico e de direitos, produtor de cultura, que nas e pelas interações estabelece relações e práticas cotidianas, constitutivas da sua identidade pessoal e coletiva.

Dai decorre a exigência de que as vivências que se efetivam no cotidiano da Educação Infantil sejam conferidas de intencionalidade pedagógica, responsavelmente planejada e frequentemente avaliada. Um currículo que atenda à integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças [...] (BLUMENAU, 2012, p.69)

Configuram-se como eixos estruturantes do currículo as brincadeiras e interações, porém, traz as linguagens como centralidade “no processo da criança dizer-se e dizer o mundo”. (BLUMENAU, 2012, p.60) Enfatiza-se a necessidade de compreender as crianças em suas diferentes manifestações expressivas (linguagens), rompendo com o estigma de trabalhar com todas as crianças realizando as mesmas coisas ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Faz-se necessário então organizar pedagogicamente rotinas heterogêneas, ou seja, esquemas de ações em que as crianças possam fazer escolhas e tomar iniciativas a partir da oferta de diferentes espaços, diferentes interações, diferentes brinquedos e materiais, diferentes linguagens e brincadeiras. (BLUMENAU, 2012, p.69)

Na perspectiva da abordagem Histórico Cultural, traz como produção de conhecimento as interações cotidianas, juntamente com a mediação do professor que provoca desequilíbrios entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos.

Nessa perspectiva, é fundamental que o professor promova situações e espaços/ambientes desafiadores no cotidiano institucional entre as crianças, os adultos e o objeto de conhecimento no qual os conceitos e as interações planejadas a partir deles desafiem as crianças a pensar, elaborar e internalizar verdadeiros conceitos. (BLUMENAU, 2012, p.76)

Após as Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Infantil (BLUMENAU, 2012), os planejamentos do CEI Fidel vão se reconfigurando, trazendo elementos como: Acolhida, Objetivo, Ação Pedagógica, Material, Conceito, Linguagem, Espaço, Despedida. Embora, não mais organizados por listagem de atividades, as propostas pedagógicas permanecem centradas no adulto, os objetivos se voltam para: desenvolver a atenção, desenvolver a criatividade, praticar recorte, desenvolver a coordenação motora, incentivar o hábito da leitura e partilhar brinquedos etc. Poucos dos planejamentos remetem-se à curiosidade da criança sobre o conceito a ser desenvolvido, ou a participação das crianças na organização dos espaços. As propostas são realizadas no grande grupo, no parque, assim como as atividades rotineiras (alimentação, sono, higiene) não são mencionadas. Nenhum dos planejamentos fez menção a qualquer data comemorativa.

No ano de 2014, o Projeto Político Pedagógico do CEI Fidel traz,

[...] não trabalhamos com “datas comemorativas”, pois algumas datas estão relacionadas a religião e o CEI é público e o Estado é laico; respeitamos as organizações familiares; não incentivamos ao consumismo; e as datas históricas não são trabalhadas de maneira superficial; por isso os Projetos de trabalho. (2014, p. 23)

A partir de então o CEI Fidel vai qualificando suas formas de inserir as crianças no contexto pedagógico, conforme se observa nos planejamentos de 2015. Os planejamentos de 2015 trazem em sua estrutura: o Projeto. Conceito, Linguagem, Objetivo, Acolhida, Proposta, Interação, Espaço e Despedida. Os planejamentos apresentam agrupamentos em pequenos e grandes grupos, trazem variados espaços, dentre eles o parque. As propostas dos planejamentos oscilam, apesar de trazerem o Projeto, ele não fica evidente nas ações, tampouco a participação e pesquisas das crianças. Algumas propostas voltam-se ainda, para o treino de habilidades motoras, tipo coordenação motora ampla e fina, embora os documentos apontem para a integralidade das crianças,

[...] as práticas que estruturam o cotidiano das instituições de Educação Infantil devem considerar a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora,

afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças[...] (BRASIL, 2009, p.6)

No ano de 2016, o Projeto Político Pedagógico do CEI Fidel passa por uma alteração trazendo as datas comemorativas como possibilidades de Projetos de trabalho. Cabe ressaltar, que grande parte das professoras aderiu às datas comemorativas em seus planejamentos, e uma minoria dos professores compreendeu que esta não era a melhor forma de organizar seus planejamentos.

Em 2018 as datas comemorativas são definitivamente retiradas do Projeto Político Pedagógico, o planejamento passa por uma reconfiguração na sua constituição, trazendo: Acolhida, Objetivos de Aprendizagens, Conceito, Linguagens, Experiências, Agrupamentos, Rotina, Atividades Permanentes, Espaço, Materiais, Despedida. A proposta de trabalho é desenvolvida por Projetos de Construção e ou Projetos de Investigação. O grupo manifestou dificuldades em desenvolver o trabalho com Projetos, apresentando como justificativa que a centralidade do objeto a ser pesquisado sempre partira do adulto. Desta forma, buscou-se entre os anos de 2018 e 2019 realizar grupos de formação continuada acerca dos direitos das crianças, escuta do professor/registo/planejamento, Projetos de Trabalho, Curadoria, Estereótipos, Teoria Histórico Cultural, Formação de Conceitos, Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), Interações.

Observa-se que grande parte do grupo do CEI Fidel já apresentou avanços. Trazendo os registros das falas das crianças, não só no papel, mas nas paredes, nos quadros brancos, nos registros filmicos. Hoje no espaço, as formas de agrupamentos são heterogêneas, raramente encontramos a mesma turma com a mesma proposta. A sala referência é um espaço de pouco uso. As propostas geralmente ultrapassam os portões da Unidade, dependendo do objeto de pesquisa, adentram a comunidade. Ainda há propostas fragmentadas, que limitam as crianças ao treino de habilidades, ou à reprodução do que o adulto propõe. As rotinas começam a ser pensadas e planejadas, saindo da centralidade das atividades rotineiras. O almoço é integrado entre as turmas, de quatro em quatro crianças, com os direitos de escolha do que pretende comer e com quem vai sentar. Semanalmente o almoço é embalado por um gênero musical diferente, pensado e planejado por cada turma.

Em suma, o CEI Fidel ao longo de sua trajetória apresentou avanços e recuos, ações e contradições na Educação voltada para a primeira infância. Essa história não se constituiu em uma lógica linear, apresentou idas e vindas, atravessadas pelos indivíduos em suas cadeias de interação (DIAS, 2009), os quais fizeram escolhas, levaram a prática pedagógica de um jeito e

não de outro. “Elas têm, é claro uma consciência de si e das outras pessoas. Mas ainda vivem e agem em ligação direta com os outros”. (ELIAS, 1994, p.87) Por ora, as configurações que fizeram com que o grupo político e pedagogicamente se assumisse dentro de uma proposta e as transgredissem na prática, não se deu de forma isolada. As reconfigurações na instituição ocorreram após a publicação das Diretrizes Curriculares Municipais da Educação Infantil de Blumenau.

Na próxima seção, discute-se as rotinas culturais e as comunidades de sentido criadas entre os indivíduos (crianças, adultos), família, unidade educativa e cidade.

SEÇÃO 3

3 INDIVÍDUOS, ROTINAIS CULTURAIS E SUAS COMUNIDADES DE SENTIDO: UNIDADE EDUCATIVA, FAMÍLIAS E CIDADE

Nesta seção busca-se discorrer sobre os dados empíricos levantados no decorrer da pesquisa, considerando a Unidade Educativa, famílias e cidade como estruturas configuracionais não estáticas, mas que, sobretudo, modulam estruturas de comportamentos dos indivíduos, de acordo com formas emblemáticas de ser, agir, pensa e sentir.

Evidentemente, essa cadeia de interações, entre profissionais da Unidade Educativa, famílias, crianças e cidade, que compõem a amostra deste estudo, é eivada pelo sentimento de pertença, que conforma seus modos de pensar e sentir a cidade, e movem o *habitus* germânico, na rede de interdependências, movido por forças centrífugas e centrípetas, que ora se fortificarem, ora se enfraquecerem.

Trata-se, portanto, de alinhar o cotidiano vivido e experienciado pelas crianças, na teia entre Unidade Educativa, famílias e cidade, e os sentidos que permeiam esses contextos, na reprodução das manifestações culturais tidas como padrões de comportamento do povo blumenauense.

3.1 PENSANDO NA PERSPECTIVA DE ANÁLISE

Adentar nos ambientes doméstico e institucional permitiu um olhar ampliado das redes de interações e rotinas culturais vivenciadas nesses espaços. Cada espaço constitui-se por uma história, por indivíduos que trazem consigo suas culturas, suas marcas, suas tensões, seu *habitus*. Por isso, exige da pesquisadora um duplo movimento, tratando-se de contextos sociais e culturais distintos, contudo, interdependentes. No entanto, as crianças, sujeitos desta pesquisa, estavam imersas nessa teia relacional, embora em espaços distintos, traziam consigo os processos de produção e reprodução cultural de suas famílias e da cidade.

Considerando que o *habitus*, é uma dimensão humana, de caráter social, foi necessário estabelecer uma relação interpretativa, por meio da escuta, da observação, de registros em diários de campo e gravações em áudio e vídeo. A complexidade que demarca a existência humana, suas relações constitutivas, seus modos de ser, falar, pensar, agir, exige também da pesquisadora sensibilidade e respeito às culturas próprias dos agentes investigados.

A sensibilidade também vai ser um importante ingrediente no momento da análise dos dados, já que o pesquisador não dispõe de um conjunto de procedimentos padronizados para serem seguidos passo a passo. Ele vai ter, sim, que se valer basicamente de sua intuição, de sua criatividade e de sua experiência pessoal quando ver que olhar para o material coletado para tentar apreender os conteúdos, os significados, as mensagens implícitas e explícitas, os valores, os sentimentos e as representações nele contidos. (ANDRÉ, 2012, p. 12)

À medida que os dados eram transcritos, revisitados, foram se reconstituindo as redes de interações vivenciadas pelas crianças, com o entrelaçamento de dimensões históricas e culturais constitutivas do ideário típico alemão blumenauense. Dessa forma, as categorias de análise foram se constituindo a *posteriori*, conforme analisávamos as vivências das crianças nos espaços sociais e culturais e em micro - relações.

Nesse contexto, as redes de signos e significados legitimadas desde a fundação da Colônia de Blumenau, consolidadas nos modos de ser alemão blumenauense, foram estruturas elementares a serem analisadas, nas suas regularidades e atravessamentos das cadeias de interação vivenciadas pelas crianças. A articulação nos modos de produção e reprodução cultural das crianças, no que tange às manifestações e formas de representações germânicas, geraram as seguintes categorias: rotinas culturais, rede interpretativa, *habitus* germânico imbricado às teias de sociabilidades envolvendo o trabalho, a organização do quintal e dos jardins, a limpeza, a ordem, o idioma alemão, a alimentação típica.

Assim, a pesquisa aqui apresentada, foi tomando seus contornos iniciais entre os contextos sociais e culturais estruturados nas redes interdependentes que operam na cidade de Blumenau, no conjunto de rupturas e continuidades que circunscrevem o ideário típico alemão blumenauense. Por conseguinte, tomar também o Centro de Educação Infantil como campo de pesquisa, com acurada observação, nos permitiu uma aproximação com os modos de ser, sentir, pensar e agir das crianças partícipes desta pesquisa, vinculadas às dimensões do ideário típico alemão blumenauense. Ao conhecer as rotinas culturais vivenciadas pelas crianças no ambiente doméstico, identificamos sentidos e significados partilhados por elas em redes de interações interdependentes, também entrelaçadas com o cenário macro da cidade e/ou com diversos contextos de onde suas famílias imigraram.

A seguir, descrevemos como foram se alinhando as aproximações iniciais entre as famílias e a pesquisadora, bem como apresentando as interações vividas com as crianças.

3.2 APROXIMAÇÕES COM AS FAMÍLIAS

As primeiras aproximações com as famílias iniciaram em junho de 2019, com uma conversa sobre o tema da pesquisa, e como esta se desenvolveria. No início da trajetória, aponte as questões éticas que permeavam o estudo, regulamentadas pelo Conselho Nacional da Saúde (CONEP), e as respectivas anuências nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Na condição de pesquisadora, um anseio inicial latente, era adentrar o ambiente doméstico, sem que os indivíduos pudessem se sentir “vigiados”, uma vez que compartilhariam seus espaços mais íntimos, seu *modus vivendi*.

Entretanto, esse foi um percurso que se trilhou junto às famílias, que para além de abrirem seus espaços, me incluíam em suas rotinas culturais.

Doravante, apresentar-se-ão as análises dos registros de campo referentes às observações realizadas com as quatro crianças partícipes desta pesquisa. As observações no ambiente familiar de cada criança variaram entre os períodos de janeiro a setembro de 2020, conforme a disponibilidade de cada família.

Conforme já mencionado nos procedimentos metodológicos desta pesquisa, o nome das crianças participantes será mantido em sigilo, sendo utilizado um nome fictício escolhido pelas próprias crianças.

3.3 “VOCÊ NÃO AJUDOU EM NADA ATÉ AGORA”: TECENDO AS REDES DE SIGNOS E SIGNIFICADOS PARTILHADOS POR GEORGE

George é descendente de alemães, residente em uma área rural, que preserva as paisagens de uma cultura alemã, uma área não delimitada por muros, com largas extensões de terras verdes, no quintal de casa múltiplas linguagens, vastas experiências, espaços de lazer, espaços dos trabalhos, redes de interações entre familiares. No âmbito da sua residência, são marcantes os cenários que fazem parte do contato direto com as rotinas culturais vivenciadas por George, para além do espaço delimitado pela sua casa, na medida em que a moradia também é o ambiente do trabalho familiar, onde operam a serraria, queima de carvão e o engenho para

o cuidado com o gado. Além dos espaços que demarcam o labor, as árvores, os cipós, as cachoeiras, as trilhas, confirmam a existência das formas de apropriação do lazer.

A família tem uma renda mensal de 3 a 4 salários mínimos. Seus gastos frequentes são com o abastecimento de carro, com alimentação, higiene, manutenção da casa, despesas fixas, como telefone, internet, gás. Os gastos que nunca efetuam são com transporte coletivo e aluguel de casa na praia ou campo.

As terras da família de George foram herdadas pelo tataravô do pai, imigrante da Alemanha, proveniente ainda no tempo da Colônia Blumenau. Desta forma, a família partilha as mesmas terras (avó paterna, tios e tias), a residência de George é dividida com o tio, as tarefas inerentes aos cuidados com a terra são divididas entre os familiares.

O idioma alemão é utilizado entre as redes de interações familiares, no entanto, com as crianças é utilizada a língua portuguesa. A mãe de George relatou durante as visitas que tentou ensinar o idioma alemão para os filhos, entretanto, observava que era muito difícil a compreensão, e tinha que repetir por várias vezes. Apontou que a inserção integral no Centro de Educação Infantil, cujo idioma utilizado é a língua portuguesa, tenha sido um dos fatores que dificultaram a aprendizagem do idioma alemão. Diante de tal afirmativa, a família atribui um papel elementar em aspectos relativos às relações simbólicas, aqui vinculadas à manutenção do idioma alemão.

Os costumes e hábitos (associados a práticas tradicionais, por sua vez, são valorizados porque podem ser mais facilmente associados às tradições familiares e de vizinhança. A própria manutenção da língua materna é atribuída ao empenho familiar em preservá-la. (SEYFERTH, 2012, p. 32 grifo do autor)

Em relação ao idioma alemão, ele consideravelmente sofreu severas mudanças após o período de nacionalização, no entanto, uma parcela pequena de descendentes teuto-brasileiros ainda o preserva no interior das famílias, ou na rede de interações com membros da mesma comunidade. É comum identificadores culturais, no uso de dialetos ou expressões em alemão vinculadas ao português (SEYFERTH, 2012), como: opa (avô), *oma* (avó), tata (tia). Com a extinção das escolas alemãs, durante o Estado Novo, ocorreu uma ruptura na manutenção da língua alemã, disseminada pela família em concomitância com a escola. A discrepância entre os identificadores culturais associados ao idioma, entre o ambiente educacional e familiar foi uma das barreiras imposta apontada pela mãe de George.

A família busca participar de micro eventos germânicos, no Clube de Caça e Tiro, como a marcha de Rei e Rainha, festa do Colono, bem como das competições esportivas alemãs.

Também assistem aos desfiles da *Oktoberfest* e prestigiam a festa. Frequentam a Igreja Luterana, mantendo-se ativos na realização de eventos comunitários. Os álbuns de fotografias da família revelam a participação de George desde bebê em tais micro eventos. Muitos dos cortejos da Festa do Colono ocorreram na residência de George.

Em tais redes de interações, compartilha-se o pertencimento a uma cultura, evidenciada na *construção simbólica de um passado*. (SEYFERTH, 2012, p.33) A dimensão da sociabilidade configura-se como um *habitus* alemão presente nos núcleos das Sociedades de Caça e Tiro, reforçados também pela associação da igreja com a germanidade. O que se engendra no interior desses micros eventos é afirmação da germanidade por ora atenuada pelo corolário da colonização, que enseja o pioneirismo dos imigrantes alemães frente ao desbravamento das matas e o uso dos costumes das tradições alemãs.

Tem-se a impressão de que a solidez, a resistência e o arraigamento do *habitus* social dos indivíduos numa unidade de sobrevivência aumenta à medida que se alonga e encomprida a cadeia de gerações em que certo *habitus* social se transmite de pai para filho. (ELIAS, 1994 p. 173)

Conquanto, são redes de interações que demarcam os sentidos e significados de um grupo, valorados na contraposição entre *nós – outros*.

Dentre os fatores apontados pela família, os quais indicam como favoráveis para residirem na cidade estão: “A forte influência europeia, a rica arquitetura enxaimel, os jardins e gramados muito bem cuidados, floreiras e a economia consolidada e forte”. (MÃE, agosto, 2019) Tais indicativos, entrelaçados à cultura germânica, estão consolidados na organização da sua residência, na conservação da estrutura da construção colonial, nos jardins floridos e bem cuidados e no cultivo de pequenas hortas.

Conforme corrobora Seyferth,

[...] a etnicidade teuto-brasileira tem outros parâmetros de diferenciação, associados a um modo de vida diverso em que não faltam referências aos hábitos alimentares, tipos de moradia., *Wohunkultur*, costumes relacionados a dote e herança no meio rural, práticas de lazer, divisão do trabalho, etc. (2002, p.23)

Durante as observações, no que concerne aos hábitos alimentares, fazia parte da rotina da família o tradicional café da tarde, a mãe geralmente preparava um bolo, os doces de bolacha preparados pela tia, o pão com banana frita feito pela *oma*. Nesse momento, a mãe e os filhos sentavam-se à mesa, com as xícaras, pratos e todos os quitutes dispostos. O pai geralmente estava trabalhando na serraria. “Na prática, a colonização criou hábitos alimentares próprios, que juntaram alguma tradição alemã à produção colonial”. (SEYFERTH, 2012, p.32)

Reinhardt (2007) aponta que os hábitos alimentares podem ser uma reafirmação da memória, constituída pelo contexto familiar ou festividades, são tradições culinárias permeadas de ritos e significados. De igual maneira, a mãe de George afirma “Quando éramos crianças os pais faziam a cuca e os doces de Natal e hoje repasso para os meus filhos essa vivência” (MÃE, agosto, 2019)

Ao observar as rotinas culturais vivenciadas por George em seu ambiente doméstico, múltiplas experiências se traduziam na dimensão constituída nas redes interdependentes entre os familiares. O quintal de casa trazia à tona o trabalho com o campo, a madeira que em seu estado bruto ia criando formas através da operosidade da mão de obra na serraria, a produção do carvão, e as múltiplas possibilidades de brincadeiras com os cipós das árvores, molhar-se na cachoeira, jogar bola, andar de bicicleta, correr atrás dos cachorros.

O lote de terra dividido entre a família está vinculado às divisões rurais configuradas entre os teuto-brasileiros. Nesse contexto, o trabalho é pautado nas redes de *sociabilidades* familiares, partilhado entre os seus membros. As mesmas redes de *sociabilidades* que se perfazem em torno da divisão das tarefas, operam na partilha dos ofícios em uma dimensão educativa entre os membros mais novos.

Foi, sobretudo, em uma organização no trabalho pautado em núcleos familiares em áreas rurais que se constituiu a Colônia Blumenau. Segundo Seyferth (1981) a valorização do trabalho da família como um todo, foi bastante significativa na condenação dos casamentos com brasileiros. Tomando como representação da identidade étnica teuto-brasileira o *ethos* do trabalho, vinculado à categoria colono. “O próprio significado da palavra ‘colono’ erigiu-se em contraposição ao trabalho do brasileiro. Essa concepção foi reforçada pelos próprios descendentes de imigrantes, pois o trabalho afirmava positivamente esses indivíduos no Brasil.” (FROTSCHER, 1998, p.163)

Contudo, é importante frisar que a endogamia não se constitui como operante nas remodelações contemporâneas da germanidade, haja vista o grande fluxo de diversidades étnicas existentes no contexto atual. Por ora, não podemos afirmar que no interior de algumas configurações familiares esse ideário permaneça. Na família de George a mãe e o pai são descendentes de alemães, no entanto, no interior das configurações familiares, os casamentos interétnicos estão presentes.

Destarte, a permanência do trabalho enquanto categoria germânica é um processo de construção e reconstrução tecido nas redes interdependentes na cidade de Blumenau, através de

elementos elaborados nas imagens e representações revestidas por um passado amalgamado na superioridade do trabalho germânico. A eficiência atribuída ao trabalho alemão foi um fator acionado pelo grupo dos *estabelecidos* como distinção étnica. O vínculo estreito entre a operosidade inerente ao trabalho rural marcava a proximidade entre George e o tio.

O TRATO⁵⁵

George vai com o tio pegar o trato para o gado, atividade que gosta de fazer geralmente aos sábados de manhã. O tio vai cortando o trato, George vai auxiliando, separando-o. Depois o tio coloca o trato no engenho, George vai triturando, rodando o engenho. (Diário de Campo, agosto, 2020)

Figura 6: George moendo o capim do engenho



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Em tais redes de *sociabilidades*, George e o tio compartilham as dimensões quanto ao ofício do trabalho relativo ao campo. Em suas rotinas culturais, são estruturados e consolidados processos de significações e representações em torno do trabalho. Nessa perspectiva, produzindo na dimensão do vivido, retratos que ressoam o aparato para posturas e comportamentos designados por trás da função do trabalho com o gado. Essa observação torna visível, sobretudo, o fortalecimento entre as redes de interações familiares pela operosidade do trabalho.

No que tange ao ideário típico alemão blumenauense, o trabalho é tomado para demarcações específicas da germanidade no construto da representação da cidade. Longe de

⁵⁵ Trato: alimento para o gado.

demarcarmos estereótipos acerca do *alemão trabalhador*, ou reproduzirmos discursos retrógrados naturalizados na cidade de Blumenau, os quais legitimam a força do trabalho à herança cultural germânica. Em linhas gerais, o trabalho configurou-se por um aparato de códigos e posturas, utilizado como condição essencial para o fortalecimento de mecanismos do autocontrole individual pelos atributos inerentes à operosidade. Conforme já afirmado no decorrer desta pesquisa, comportamentos não são inatos, constituem-se nas redes de interações, nas modulações e regulações *eu – nós*. Aqui o *ethos* do trabalho prevalece como um instrumento de autoafirmação identitária, manifestando através do *habitus* as ligações sociais mais estreitas com as representações ostentadas pelas elites econômicas e políticas da cidade, tratadas aqui como *grupos estabelecidos* (ELIAS, 1994).

Em contrapartida, como já apontara Frotscher (1998) o mito do *alemão trabalhador* cresceu em terras férteis, dando contornos modelares à imagem “*do povo ordeiro e trabalhador*”, manifestas e estruturadas por comunidades de sentidos (DIAS, 2009). A rigor, o ideário relacionado ao valor do trabalho do blumenauense toma suas proporções quando sua rede de signos e significados passa a ser produzida e reproduzida nas redes de interdependência.

Assim, no que tange às redes interdependentes, as atitudes singulares e estruturas de comportamentos, consolidadas em torno do trabalho alemão, emergem como uma condição imprescindível para manutenção dos traços que a compõem enquanto grupo. Notoriamente, a identificação com as características e comportamentos alicerçados ao trabalho, demonstrados por George, estavam diretamente ligadas ao seu contexto cultural. Em suas redes de interações familiares, os papéis sociais diretamente ligados à operosidade do trabalho, constituem-se um *modus vivendi*.

A SERRARIA

Quando chego à casa de George, ele está assistindo à televisão. E ali permanece por um pequeno tempo. Logo, levanta-se, veste suas botas vermelhas, e sai com o carrinho de mão cheio de serragem. Ele vai até a serraria do pai, aproxima-se do maquinário onde ficam os restos das serragens e as descarrega. (Diário de Campo, setembro de 2020)

Figura 7: George descarregando a serragem na serraria



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

As visitas à serraria são espontâneas, ressoando um modo de compartilhar seu tempo e espaço com familiares, um momento aonde o brincar e o trabalho se misturam. Nessa tessitura, para George quando ele descarrega a serragem, ele está desempenhando o papel de um serralheiro, por mais que sua ação seja simbólica perante os adultos. Aonde e como descarregar são funções que ele aprendeu nas suas redes de interações familiares.

Comumente, ações intrínsecas ao trabalho com a terra permeavam suas brincadeiras, tomavam como elementos materiais a enxada, o carrinho de mão e o regador. Expressam-se aqui, traços culturais próprios, o vínculo com a terra atrelado às particularidades que lhe forneciam os meios de assegurar e organizar seu quintal.

George anda pelo quintal, observa alguns capins crescidos no barranco. Geralmente esse é o espaço aonde brinca com seus carrinhos. Pega a enxada tentando remover os capins. (Diário de Campo, agosto de 2020)

Figura 8: George capinando o quintal de casa



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Nas redes de relações familiares o trabalho com a terra se constitui como uma rotina cultural, contudo, não se configurando como sustento da família, nem subsistência familiar. A lida com a terra, o terreno bem aparado, pequenos jardins que se misturam com a horta, pairam sobre *Wohnkultur* (hábito de morar bem). Haja vista, que o cultivo com a terra e os jardins bem alinhados, sempre tiveram um papel significativo na afirmação da identidade germânica. O apreço pelo cultivo com a terra foi qualificador na diferenciação étnica teuto-brasileira. Entretanto, dentre o que se entrelaça à *Wohnkultur* estão os elementos da representação do *trabalho alemão*. “Ter um jardim à frente da casa é apontado muitas vezes como uma prova da ‘operosidade germânica’” (FROTSCHER, 1998, p.17)

Em uma das observações, George passou um período da tarde carregando e descarregando o carrinho de mão. Para George as ações envolviam o esforço, e as tarefas não estavam sendo partilhadas, ou seja, eu estava na condição de observadora, e até o momento não tinha lhe ofertado ajuda.

O CARRINHO DE MÃO

George sobe e desce as ladeiras com seu carrinho de mão. Enche-o de pedras, e vai puxando com força para dar conta do peso. Leva as pedras até a cachoeira, e as descarrega. Ao fazer o caminho de volta para casa, observou que minhas mãos estavam vazias.

Então fala: - Ei! Você não ajudou em nada até agora. (George)

Eu perguntei: - O que você quer que eu faça? (Pesquisadora)

Ele me responde: - Leva o carrinho de volta! (George)

(Diário de Campo, setembro de 2020)

O que reflete tal atitude? Podemos partir do pressuposto que as redes de *sociabilidades familiares* reproduziam o trabalho como uma divisão entre seus membros. A perspectiva de olhar para o outro, ratificando os valores e as responsabilidades acerca do trabalho. A relação que unia os indivíduos entre si, alinhadas à operosidade de cada um, dentro de um desempenho conjunto que seguia regras determinadas. O que emerge são *as necessidades e dependências criadas socialmente* (ELIAS, 2001, p.171), na conservação do trabalho.

Por essa perspectiva, George apresentou em suas rotinas culturais, significações e apreensões marcadas pela estreita relação com a terra, embora suas representações estivessem atreladas aos instrumentos de trabalho com a terra. A sua relação com tais instrumentos, demonstrava processos de apropriação quanto ao uso, culturalmente organizados.

É oportuno ressaltar que George participava espontaneamente das rotinas culturais que envolviam os afazeres dos familiares. Havia uma liberdade compartilhada, aonde o ir e o vir eram decisões tomadas por ele. O extenso quintal de casa era por ele explorado, entretanto, assegurado pelas redes de interações que o cercavam.

Na sequência apresentamos as rotinas culturais vivenciadas no contexto familiar de uma criança também descendente de alemães.

3.4 PAULO: “EI, CADÊ AS SUAS BOTAS?”

Paulo é de família de descendentes de alemães, matriculado na Unidade de Educação Infantil em período integral. Reside em uma área rural, ao lado da sua casa fica o rancho com animais como: vaca, porco, pintinho, galinha, boi, onde são encontrados também os instrumentos inerentes ao trabalho (tobata⁵⁶, moinho, enxada, foice). As rotinas culturais vivenciadas por Paulo no ambiente doméstico são partilhadas também entre o *opa* e a *oma*, que residem em frente à sua residência.

⁵⁶ Tobata- Micro trator utilizado na agricultura.

A família possui renda mensal de 1 a 2 salários mínimos, apresentando gastos com aquisição de roupas, calçados, transporte coletivo e abastecimento de veículo. No que concerne aos gastos relativos à viagem de fim de semana, aquisição de perfumes e cosméticos, aquisição de livros e revistas, aquisição de brinquedos, foram apontados como nunca realizados.

Paulo apresenta uma rotina regulada, geralmente inicia o dia às 6h30min, mantendo-se durante as férias escolares. A tarde é o período reservado para o descanso. Os horários das refeições também são partilhados com os membros da família.

Sua família busca manter a cultura alemã por meio da participação do Clube de Caça e Tiro, próximo à sua residência, participando das festas de Rei e Rainha, Festa do Colono, bem como micro eventos tipicamente germânicos como desfiles da *Oktoberfest*. O idioma alemão também é preservado entre os familiares e ensinado para Paulo pela mãe. A família tem como religião o protestantismo. Segundo relatos da família, Paulo participa desde pequeno desses micro eventos, desfilando com o *opa* de tobata nas comitivas da Festa do Colono, bem como de competições.

Nesse caso, os principais expoentes da germanidade são reafirmados pelo *habitus alemão da sociabilidade*, manifestos pelas relações mútuas entre os indivíduos, explícitos, sobretudo, nos códigos de comportamentos, condutas, sentimentos e símbolos valorados pela herança cultural comum de seus antepassados. Aqui, entretanto, se perfaz um caminho, um elo intermitente entre passado e presente, por um encadeamento de fatos que acirram o germanismo em Blumenau. As festividades que retratam as significações impolutas ao *colono* alemão frente ao pioneirismo na colonização da cidade, bem como a consolidação das imagens afirmativas da operosidade do trabalho alemão.

Existem, pois diferentes maneiras de elaborar a identidade de descendentes de alemão, apelando por um lado, à memória da imigração e colonização e, por outro lado, destacando positivamente uma ‘herança cultural’ compartilhada. (SEYFERTH, 2002, p.23)

Os critérios que sustentam a pertença a um grupo, ao *eu – nós*, circunscrevem-se à identidade teuto-brasileira, em oposição aos *outros*, sendo a distintividade cultural um elemento operante. Os laços entre os indivíduos são solidificados pelo viés da germanidade, sedimentados pelos trajes típicos, bandas típicas alemãs, gastronomia alemã, competições de práticas esportivas alemãs.

Segundo o questionário respondido pela família, “[...] as pessoas que chegam de outros municípios, acabaram amenizando o lado germânico, que é verdadeira essência da nossa

região”. (MÃE, julho, 2019) Segundo a família de Paulo, uma das consequências na entrada de pessoas de outros municípios seria “limitar muitas situações, inclusive o idioma alemão”. Por ora, aqui se demarca o pressuposto da valorização inerente à identidade étnica teuto-brasileira, em contraponto aos indivíduos vindos de fora.

A identidade étnica, portanto, está ancorada na idéia de descendência comum, ser de ‘origem’ implica aceitar um modo de vida e um comportamento social diferenciados, embasados numa ‘cultura alemã’ modificada por mais de 150 anos de história comum no Brasil. (SEYFERTH, 2002, p.23).

A diversidade cultural em Blumenau, como já fora pontuada nesta pesquisa, continua a ocorrer, entretanto, instituiu-se a cultura teuto-brasileira como elemento predominante, enquadrando-a numa configuração social homogênea. Nessa tessitura, desde a fundação da cidade, a germanidade foi afirmada e demarcada na sua superioridade aos outros, tais representações constituem-se na contemporaneidade atreladas ao discurso que o “blumenauense possui um modo diferente de ser e agir” consolidado pela herança cultural de seus antepassados.

O fator que distanciaria a família da cidade é, “A questão de pessoas de fora, no caso, pessoas de outros municípios, estarem vindo morar aqui, e estar dispersando os costumes germânicos daqui”. (MÃE, julho, 2019) Captamos aqui, novamente, o incomodo causado pela entrada de pessoas com diversidade étnica, culturais. Tal concepção parece acender a flâmula de uma cidade com limites étnicos, demarcados nos espaços e nos discursos que propagam Blumenau como “*Um pedacinho da Alemanha no Sul do Brasil.*” E o que se espera de uma Alemanha brasileira?

É muito útil perguntarmo-nos se não temos imagens depreciativas ou degradantes de outros grupos em nossa própria cabeça e se, quando encontramos indivíduos desses grupos, não procuramos involuntariamente a prova que é correto o quadro estereotipado do grupo que temos em mente. (ELIAS, 1997, p. 28)

Notoriamente, os contornos de uma cidade representada pela germanidade, são marcados pela diferença em relação *aos outros*, com o valor ao trabalho, jardins alinhados, limpeza, pioneirismo, superioridade, gastronomia típica alemã e micro eventos arraigados aos costumes e tradições alemãs. Com efeito, na perspectiva elisiana (2000) os *grupos estabelecidos* expõem constantemente sua própria posição em relação aos *outsiders*, adotando um código de comportamento e sentimento no convívio social.

Podemos dizer que a família de Paulo considerava a germanidade como auto representação identitária, estruturada e significada em uma forma própria de se viver. As

interdependências dos indivíduos, que permeavam o contexto familiar, traziam à tona o idioma alemão, as redes de sociabilidades em torno do trabalho com a terra e o vínculo com as tradições germânicas representadas pelo Clube de Caça e Tiro.

No transcurso das observações, identificamos nas rotinas culturais vivenciadas por Paulo, no que tange ao *habitus* alemão, redes de *sociabilidades* familiares, retomadas pelo vínculo substancial com a agricultura. Aqui, a operosidade inerente aos cuidados com os animais é valorada nas relações intergeracionais.

“EI, CADÊ AS SUAS BOTAS? E AGORA COMO VOCÊ VAI AJUDAR O OPA?”

Estava eu iniciando as observações das rotinas culturais vivenciadas por Paulo, ainda não sabia qual seria sua relação com minha presença em seu ambiente doméstico, uma vez que nos encontrávamos no espaço institucional da unidade educativa. Logo, ele queria me apresentar todos os espaços da casa, me mostrar seu gato de estimação e seus brinquedos.

Conforme ia me apresentando seus brinquedos preferidos me relatava:

-Sabia que ontem eu concertei a tobata com meu *opa*? Ela estava estragada, agora está funcionando. (PAULO)

- E você sempre ajuda o *opa*? (PESQUISADORA)

- Sim. (PAULO)

- Hoje você vai ajudar o *opa* comigo. (PAULO)

- Sim, se você deixar. (PESQUISADORA)

- Hei? Cadê suas botas? E agora como você vai ajudar o *opa*? (PAULO)

- Eu não tenho botas. E agora? (PESQUISADORA)

- Você vai ter que ir sem botas mesmo. Eu vou colocar minhas botas roxas. (PAULO)

E me recomendou:

- Acho bom você comprar uma bota. (PAULO)

(Diário de Campo, janeiro de 2020)

A preocupação de Paulo apontava para meus calçados que não estavam adequados para realização do trabalho no rancho com os animais. Ele certamente reconhecia os protocolos para realização do trato com os animais, e eu estava adentrando às suas rotinas culturais, sem, entretanto, conhecer os artefatos necessários ao trabalho rural. Mas afinal, seriam as botas fundamentais? Posso afirmar que Paulo estava certo, depois de pisar acidentalmente em um formigueiro e não conseguir firmar os passos com a terra encrustada nos sapatos, as botas configuravam-se como fundamentais para o trabalho.

Mas como Paulo tinha tal conhecimento? Por que esse foi um dos primeiros pontos que reparou?

O trabalho rural, o contato com os animais, o trato com a terra, eram afluentes no contexto cotidiano de Paulo, significados pelas interações estabelecidas com o *opa*. O momento

de *ajudar o opa* era esperado por Paulo, valorizado pelos familiares, que estreitavam seus laços afetivos pela operosidade do trabalho.

Cabe salientar, conforme Seyferth (1981) que o elemento do trabalho nas áreas rurais teuto-brasileiras era dimensionado entre os membros familiares, sendo este um demarcador de identidade étnica, valorado na oposição aos outros grupos. Na contemporaneidade, a cidade de Blumenau legitima o *ethos* do trabalho como um diferencial herdado por seus colonizadores, embora como já apontado, a cidade constitua-se por identidades étnicas diversas.

Dessa forma, o *habitus* do trabalho alemão é *incorporado* (ELIAS, 1997) em redes de interações, sedimentadas por comportamentos, sentimentos, atitudes, que estabelecem a ligação entre o *eu – nós*. O ideário alicerçado ao valor do trabalho alemão transpõe a manutenção na construção de uma realidade social, a partir da modulação e regulação dos indivíduos em sua dimensão social.

Destarte, foi pelas redes de interações familiares que Paulo foi tecendo um repertório diversificado sobre os animais de criação, bem como a compreensão das regras estabelecidas na organização dos cuidados referentes a eles. Neste contexto, havia uma apropriação cultural em torno da operosidade do trabalho e ao uso dos instrumentos e comportamentos necessários para a criação dos animais. Conforme aponta Elias (1997), o *habitus* é um saber social a ser sedimentado por seus membros individuais, decorre entre as experiências de seus grupos, implica entre continuidade e mudança.

Os tons peculiares do trabalho rural traduziam-se nos gestos e singularidades intimamente ligadas ao *modus vivendi* daquela família e seus valores. Paulo compreendia que para a manutenção e cuidado com animais, se perfazia um percurso, regulamentado por uma ordem de ações, empreendidas por habilidades com os instrumentos e insumos.

TRATANDO AS GALINHAS

A mãe nos chamou para irmos ao rancho ajudar o *opa*. A mãe relata que esta é uma atividade que Paulo gosta muito de fazer, realizando pelas manhãs durante as férias escolares e aos sábados. Paulo chega ao rancho e falou para o *opa*:

- Hoje eu e ela viemos ajudar você!

Vou tirar o milho.

Nesse momento vai até onde estavam armazenados os milhos, faz a seleção das espigas de milho. Após verificar quais espigas estavam adequadas para debulhar, puxou um banquinho e iniciou a extrair o milho da espiga. Ação que demonstrava habilidade. Com o milho separado, chegou o momento de tritirá-lo. Paulo foi até o engenho, colocou o milho, e começou a girar a manivela. Olhava para o *opa*, que o supervisionava de longe. Girava a manivela com certo esforço, parava, verificava se já havia moído tudo.

- Mais um pouquinho, falou o *opa*

Ele continuou girando a manivela, até perceber que havia concluído.

- Ufa, acabou.

Atravessamos a rua e fomos até o galinheiro. Paulo jogou o milho moído para às galinhas. Depois foi verificar se havia ovos no galinheiro. Não havia. O trabalho com as galinhas havia sido concluído.

(Diário de campo, janeiro de 2020)

Figura 9: Paulo selecionando o milho



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Figura 10: Paulo debulhando o milho



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Figura 11: Paulo moendo o milho



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Figura 12: Paulo tratando as galinhas



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Aqui nos deparamos, portanto, com significações e representações que demarcam a operosidade inerente ao trabalho rural. Do milho a ser escolhido, da espiga a ser descascada, debulhada, dos grãos colocados no engenho, da manivela a ser manejada, para então verificar

o galinheiro e tratar as galinhas. Assim, cabe assinalar que os comportamentos e percepções valorativas em torno do trabalho, são estruturados e consolidados nas rotinas culturais familiares por nós observadas/pesquisadas.

“QUANDO FICAREM GORDINHOS A GENTE COME”

- Esse é o boi (apontou para o boi) e essa é a vaca (acariciou). (PAULO)

- Agora tem que tratar. (PAULO)

Pegou o trato para os animais e colocou no recipiente. Posteriormente, seguiu até os porcos. Procurou a comida dos porcos, retornou até o chiqueiro. E serviu os porcos.

E falou:

- Quando eles ficarem bem gordinhos, a gente come. (PAULO)

(Diário de Campo, janeiro de 2020)

Pode-se observar que Paulo tinha apropriação das manifestações culturais inerentes à subsistência do trabalho rural, compreendendo o ciclo vital desses animais. As rotinas culturais vivenciadas por ele estavam estreitamente relacionadas aos processos que compõem o trabalho na criação de animais.

Todavia, é importante ressaltar que ele participava espontaneamente das atividades laborais com o *opa*. Quando avistava - o no rancho, solicitava à mãe o consentimento para ajudá-lo. Por essa perspectiva, esse é um percurso que ele certamente não fez sozinho, suas apropriações foram marcadas pelas referências, valoradas, positivadas, constitutivas da sua cultura germânica.

Outra forma de colaboração vem associada à organização do ambiente doméstico, embora tenha se configurado durante as observações de uma maneira singular, cujos contextos são vivenciados pela limpeza e as responsabilidades compartilhadas entre adultos e criança.

“ELA É MUITO BAGUNCEIRA!”

Enquanto a mãe de Paulo estava na cozinha envolvida com o preparo do almoço e uma das sobremesas favoritas de Paulo, o pudim, ele me convidara para brincar com ele no seu quarto com massa de modelar. Pegando suas massas de modelar, lembrou que tinha uma massa especial, que tinha ganhado da *“tante”*⁵⁷. Chamou a mãe:

- Mãe, você pega a massa que a *tante* deu? A mãe prontamente alcançou a massa de modelar. Brincamos com a massa de modelar, utilizando as diferentes fôrmas. (PAULO)

Quando a mãe de Paulo entrou no quarto, ele observou que no chão havia vários pedaços de massinhas, e agora como justificar a sujeira? Então, Paulo logo se justificou:

- Ai, Ai... Essa Maite não dá! Ela é muito bagunceira! (PAULO)

Então eu respondi:

- É mesmo? Então vamos ajuntar essas massinhas? (PESQUISADORA) Logo começamos a ajuntar as massinhas.

⁵⁷ *Tante*- refere-se à tia em alemão.

(Diário de Campo, janeiro de 2020)

No trecho acima, ao me retratar como bagunceira, Paulo demonstrou preocupação quanto à organização e limpeza do quarto diante da mãe. O que se supõe um compromisso recíproco, entre adulto e criança, considerando como vivenciam seu ambiente doméstico, e as próprias experiências vinculadas às regras de limpeza e organização.

Um dos critérios que define os modos próprios de se viver em Blumenau, é elaborado a partir da limpeza, tratada como representação da germanidade. A limpeza está associada ao *ethos* do trabalho, demarca espaços pela operosidade do *status* do *trabalho alemão*. A forma como o teuto-brasileiro organizava sua casa, as cortinas na janela, os jardins floridos, o quintal limpo, sinalizava a mulher alemã como trabalhadeira, em oposição às caboclas tidas como desleixadas, preguiçosas. (SEYFERTH, 1981)

Povo ordeiro, trabalhador, limpo, progressista, mulheres e crianças louras, saudáveis, bem coradas. [...] O plano de ação sobre a construção da cidade-imagem constrói também seus moradores. Estetiza-os porque, da imagem de cidade germânica, o habitante é o principal componente. (CAMPOS; FLORES, 2007, p. 285)

A *cidade-imagem* é consolidada em suas redes de interações entre as *comunidades de sentidos* (DIAS, 2009), intimamente ligada por códigos de comportamentos e sentimentos, por ora, características distintivas entre *eu- nós* e os *outros*. Neste sentido, a partir das suas redes de interações familiares, Paulo construía seus significados, tecia seus laços de pertencimento sobre sua relação com o outro e consigo mesmo. Sua camada social estava ali sendo internalizada, eminentemente em um processo de continuidade, que cunhava a germanidade como princípio importante, imprimindo mensagens nas qualidades voltadas para o trabalho rural.

Na descrição a seguir, apresentamos as rotinas culturais vivenciadas por uma criança cuja família não é descendente de alemães.

3.4 REDES DE SOCIABILIDADES: ROTINAS CULTURAIS DE RICARDO

Ricardo frequenta o Centro de Educação Infantil em período integral, sua família é natural do Paraná. Os vastos pastos no outro lado da sua residência circunscrevem-se numa zona rural da cidade. Ricardo divide o ambiente familiar com os avós responsáveis legais por sua tutela e a irmã mais nova. A residência de Ricardo é nas proximidades da casa de Ana, também partícipe desta pesquisa, com a qual partilha suas redes de interações.

Dentre os fatores que levaram a família a residir em Blumenau estão: a oportunidade de trabalho, a baixa violência, número de hospitais e escolas. Pode-se observar que a família em nenhum momento utilizou critérios associados à germanidade, exceto o trabalho constituído na cidade como *herança cultural de seus antepassados*. A constar, um dos fatores que afastaria a família da cidade é a falta de rendimentos, e a rispidez preservada por algumas pessoas. “Algumas pessoas da cidade são muito fechadas. É difícil manter um contato”. (AVÓ, agosto, 2020) A família relata que encontra conforto entre os membros da Igreja Assembleia de Deus, sendo que seus espaços de interação com a cidade se resumem à Igreja, ambiente doméstico, Centro de Educação Infantil e circunvizinhança.

O rendimento mensal da família é de 1 salário mínimo, realizando as funções inerentes ao trabalho no ambiente doméstico. A família vive da coleta e reciclagem de materiais reutilizáveis. Dentre os gastos realizados com frequência pela família está o aluguel da residência, transporte coletivo, abastecimento de veículo. Os gastos realizados com pouca frequência relacionam-se à aquisição de roupas, calçados, brinquedos e os gastos nunca realizados são relativos a pagamento de jardinagem, aquisição de livros, mesada para os filhos (as), diversões e esportes, jogos e apostas, cerimônias e festas, aluguel de casa de praia ou campo, aquisição de cosméticos e perfumes, pagamento de cabeleireiro, cursos de aperfeiçoamento profissional.

No contexto familiar Ricardo apresentava autonomia para organização da sua rotina diária, como horários para comer, brincar, dormir e acordar. A avó fazia o almoço, entretanto, cada um come quando e onde desejar.

Eu chego na casa de Ricardo no início da tarde. Ele estava brincando no espaço do quintal. Entra e solicita um pacote de bolacha para avó. Avó responde que não, pois o almoço dele ainda está na geladeira. Ele aproveita que avó se distraiu, pega a bolacha e sai correndo. (Diário de campo, agosto de 2020)

No momento transcrito acima, Ricardo se opôs à avó, buscando estratégias para prevalecer sua vontade. Assim como, as interações com o espaço externo da casa eram por ele exploradas conforme seu desejo.

Os horários da rotina de trabalho dos familiares se adequavam ao contexto vivido pelas crianças, seus ritmos. Quando as crianças acordavam mais tarde, o trabalho era executado pelo período matutino. Partilhavam entre os vizinhos os cuidados direcionados às crianças.

Essa é a maneira que a gente tem de sobreviver, nos ajudando. Nós temos os mesmos problemas e quando eu acho um serviço a mais eu compartilho com meu vizinho que também precisa. Um dia um leva às crianças para jogarem bola, no outro dia um faz outra brincadeira. (AVÓ, agosto, 2020)

Eram bem diversas as situações em que Ricardo permanecia dentro de casa. Quando entrava na residência, geralmente era para pegar algo para comer, ou assistir televisão, bem como solicitar o celular para jogar. O quintal de casa não tinha grama, nem jardim, era coberto por britas e uma vasta área com árvores e balanço para as crianças brincarem. A pequena horta da família foi feita em garrafas pets e pallets. As rotinas culturais vivenciadas por Ricardo no ambiente externo envolviam interações entre pares, cujo elemento principal se constituía em torno da brincadeira, mediadas pelos adultos em alguns contextos, em outros, organizadas pelas próprias crianças. No tocante às brincadeiras, geralmente voltavam-se ao redor do balanço, no monte de brita com carrinhos, correr, jogar bola, subir na árvore, escalar a cerca e fazer bolos com as britas.

Ademais, Ricardo solicita - me

- Maite! Você me leva na Igreja? (Ricardo)

Eu respondi:

- Mas está fechada Ricardo. (Pesquisadora)

- Eu quero ir lá ver meus amigos. (Ricardo)

Logo sai correndo para me mostrar a fantasia de super herói que ganhou de um dos membros da igreja.

(Diário de Campo, agosto de 2020)

A igreja Assembleia de Deus se constitui em um espaço de encontro para Ricardo, de interações entre pares. Conforme a família apontou, é no convívio com os membros da igreja que se sentem acolhidos na cidade.

Sabe como é, eles nos ajudam em tudo. Quando falta alguma coisa em casa eles que nos ajudam. Ali, sabemos que somos queridos por todos. Diferente de outros espaços da cidade. Somos simples e vivemos uma vida simples, e não somos bem-vindos em alguns lugares. (Avó)

Esse vínculo estreito entre a igreja evidencia um local de pertencimento e valorização.

Havia uma rede de interações entre os vizinhos, *sociabilidades* entre o grupo, uma vida comunitária entre uma minoria, que se ajudavam no cuidado com as crianças, na rede de trabalhos e na própria partilha dos alimentos. Enquanto um adulto estava em suas funções laborais, o outro brincava com as crianças no quintal. Em outros momentos, os adultos se uniam na calçada, e mantinham o contato com as crianças.

No contexto imediato de Ricardo e sua família, a relação com as crianças era o que estabelecia um vínculo estreito entre os membros adultos do grupo. Nesse grupo, boa parte dos traços culturais induz a considerar a ausência de quaisquer demarcadores germânicos presentes na família e na circunvizinhança.

Entre essas redes interdependentes, o que se oferecia a Ricardo certamente não eram os ofícios, tarefas e funções inerentes ao trabalho desenvolvidos pelos adultos. Em nenhum momento, ele mencionou sobre os trabalhos realizados pelos familiares.

Conquanto, essas relações interdependentes entre as configurações familiares, eram mediadoras de significações atreladas aos processos colaborativos entre membros de um mesmo grupo, enaltecendo os cuidados específicos que as crianças dessa faixa etária necessitam.

Tais processos colaborativos emaranhavam-se numa rede de atenção e cuidado com o outro, um lugar assumido por Ricardo, em realizar companhia para irmã de menor idade.

Ricardo cadê sua irmã?
 - Está lá fora brincando.
 - E por que você não está com ela?
 Ricardo vai para o espaço externo e chama a irmã para o balanço.
 (Diário de Campo, julho, 2020)

Figura 13: Ricardo no balanço



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Nessas relações interdependentes entre as configurações familiares, as crianças estabeleciam entre elas uma trama pessoal e social, de uma prática de compartilhamento, de cuidados de si e cuidados do e para o outro.

Ricardo pega um pacote de salgadinhos. Ele abre e vai até a casa de Ana lhe oferecer.
 E diz:
 - Um pra mim e um pra você!
 (Diário de campo, julho de 2020)

As rotinas culturais vivenciadas por Ricardo estruturavam-se em um contexto marcado por indivíduos que teciam entre si uma rede de ajuda mútua, o que estava notoriamente demarcado nos gestos e interações estabelecidas entre seus pares.

Assinalemos enfim, que dentro das relações tecidas no ambiente doméstico de Ricardo, constituíam-se essencialmente em uma estrutura interdependente, cujos vínculos eram permeados pelas necessidades compartilhadas entre os indivíduos. Por ora, o *habitus* característico do ideário típico alemão blumenauense, não foi observado no *modus vivendi* de Ricardo.

Na sequência, apresentamos as rotinas culturais vivenciadas por Ana, uma criança não descendente de alemães.

3.5 AS PORTAS ABERTAS: AS ROTINAS CULTURAIS DE ANA

Ana está matriculada no Centro de Educação Infantil em período integral, reside com a família em uma área rural da cidade. Embora sua residência seja cercada por cavalos, ovelhas, gado, esses são apenas animais que vivem em seu entorno, não perfazendo parte das suas rotinas culturais.

Sua família vem da cidade de Aberlodo Luz (SC). Ana é descendente de populações indígenas e africanas. Os fatores que a família destaca como positivos na cidade de Blumenau são: creches, comércio, parques, igrejas e oportunidades de trabalho. Aqui, notadamente se observa que os símbolos germânicos alicerçados ao casario enxaimel, gastronomia alemã, jardins floridos, limpeza, não são citados. Exceto o trabalho, constituído na cidade como elemento étnico, salvaguardado pela memória e herança dos seus antepassados.

Em relação a micro eventos marcados pela cultura germânica, como *Oktoberfest*, a família aponta algumas justificativas no que toca seu afastamento diante de tais programações.

Esse tipo de festa não é para a família, está voltada para o consumo de bebida alcoólica. É muita bagunça! Eles gastam o dinheiro apenas enfeitando o centro da cidade, e os bairros? Esquecem que existe gente morando nos bairros. Acaba a festa e o dinheiro vai pra onde? Não vem para investir nas creches, postos de saúde, volta de novo para o centro da cidade. Fora que tem muita coisa encoberta na *Oktoberfest*, aquilo que não divulgam e a gente sabe que acontece. (PAI, setembro, 2020)

No que concerne à situação econômica apresentada pela família, recebem proventos de 1 salário mínimo mensal, apresentam gastos financeiros frequentes com aluguel, alimentação,

gás, combustível. Com pouca frequência, utilizam os recursos financeiros para aquisição de roupas, calçados, brinquedos, mesada para a filha, cursos de aperfeiçoamento profissional, cerimônias e festas.

Quanto à religião, a mãe é evangélica, o pai católico, entretanto, Ana foi batizada na igreja católica. A família afirma que a religião não é um fator relevante para eles, frequentando as duas Igrejas.

Algo que era bem peculiar ao *modus vivendi* da família, se visualizava logo ao chegar à residência, as portas sempre estavam abertas. Um convite às sociabilidades, solidariedade, respeito e compartilhamentos entre uma pequena rede de vizinhos. Talvez, eu não consiga expressar com palavras o que meus olhos puderam ver, sobretudo, vivenciar, no interior de uma família, onde o *eu- nós* e eles - *outros* são sustentados por redes de interações manifestas no acolhimento, nas necessidades compartilhadas entre os indivíduos.

“VOCÊ NÃO VAI FAZER OS OUTROS PASSAREM VONTADE”

Ana solicita para a mãe uma bolacha recheada. A mãe diz:

-Ana, não tem para você dividir com as outras crianças. Você sabe que se não pode dividir, não pode comer. Você não vai fazer os outros passarem vontade. (MÃE)

- Mas, eu estou com fome! (ANA)

- Então pega esse pacote de cueca- virada. (orelha de gato) (MÃE)

Ana sai com as orelhas de gato e divide entre as crianças, depois guarda o pacote no armário. Quando as crianças da vizinhança querem mais, entram na casa de Ana, abrem o armário e pegam mais orelha de gato. A mãe de Ana me fala:

- Aqui é assim, não temos muito, mas o que temos dividimos. Você viu? Todos têm acesso à dispensa aqui de casa. (MÃE)

(Diário de Campo, setembro, 2020)

Portanto, a trama pessoal e social constitutiva às rotinas culturais de Ana, era impregnada de valorização e empatia para com os *outros*. Desse modo, as redes de sociabilidades entre os vizinhos, significavam as formas de viver e sentir, em redes interdependentes tecidas mediante o desejo de colaboração e partilha entre os indivíduos. Símbolos germânicos não foram observados como elementos constitutivos de pertença a nesse grupo.

“ELES FALAM ENGRAÇADO!”

Ana está brincando no quintal de casa, quando fica observando os novos moradores da vizinhança conversando. Ana sai rindo, correndo em direção ao pai. E fala:

- Pai, por que os vizinhos novos falam engraçado?

- Ana, eles não falam engraçado. Eles vieram de outro país, diferente do nosso. Eles falam em outra língua. São do Haiti.

O pai entra em casa, busca um velho atlas escolar e explica:

- Aqui é o nosso país e aqui é o país deles. Lá no país deles, a terra tremeu, alguns perderam suas casas, muita gente se machucou e passou fome. Alguns vieram morar aqui. Você deve respeitar todo mundo, não quero ver você rindo.

Ana volta a brincar. E o pai me fala:

- Prezamos muito na educação da Ana o valor pelos seres humanos, indiferente de classe, cor, religião ou gênero. Ela também precisa saber se defender do preconceito. Somos rodeados por preconceitos e isso machuca. Mas, eu aprendi a sobreviver. (Diário de Campo, setembro, 2020)

Antes que Ana estruturasse um padrão de referência com modelos negativos de distinção entre *eu- outros*, o pai, atento à sua curiosidade, explicou sob sua ótica, os valores dos indivíduos em sua estrutura social, destacando a singularidade de cada indivíduo, em sua convivência mútua.

Nesse contexto, a identidade *eu- nós* estruturava-se numa convivência mútua entre os vizinhos, uma rede que se fortificava pelas relações dos adultos com as crianças. Os cuidados com os pequenos eram partilhados pelos adultos, assim como estimulavam entre as crianças gestos de solidariedade e companheirismo.

A BRINCADEIRA PARTILHADA

O pai de Ana brinca com as crianças enquanto as mães partilham um chimarrão. Ana e Ricardo se sentam na garupa da bicicleta e o pai vai pedalando. A brincadeira dura por um tempo, entre subidas e descidas, Ana pede:

- Só mais um pouquinho!

(Diário de Campo, setembro de 2020)

Figura 14: Ana e o pai em um momento de brincadeira partilhada



Fonte: Acervo da Autora, 2020;

Notadamente, as crianças eram centrais nas redes de interações. Os adultos estavam sempre dispostos a acompanhar e participar das suas brincadeiras. Dessa forma, o tempo regulado para o trabalho, que era realizado no ambiente doméstico, pelo pai de Ana, adequava-se às rotinas dela. Todavia, observou-se que não havia uma rotina regulada por tempos estruturados pelos adultos. Os horários das refeições, como almoço, atendiam às necessidades e desejos de cada membro familiar.

No contexto familiar de Ana, encontramos redes de relações que se afirmavam na existência e necessidade do outro, permeada por aspectos afetivos, econômicos e culturais. As

redes de interações entre os indivíduos compartilhavam de um modo de vida constituído, sobretudo, na sensibilidade e cuidado para com a criança, na sua participação, necessidades, desejos, curiosidades e brincadeiras.

Não identificamos nesse contexto elementos culturais germânicos. Por ora, as redes de indivíduos circunscritas na pequena vizinhança, traziam à tona valorização da diversidade étnica, religiosa e cultural. Ana não era mobilizada em torno de aspectos de distinção social, o *eu* e o *outro* entrelaçavam-se em tempos e espaços contínuos de compartilhamentos.

Adentrar as configurações familiares permitiu investigar os elos e rupturas constituídos nos modos de ser e sentir de um típico alemão blumenauense, marcado pelo *ethos* do trabalho, acúmulo de bens materiais, manutenção da língua alemã e das tradições, nomeadamente o *habitus* de um povo limpo, ordeiro, trabalhador.

A seguir, apresentamos as observações realizadas na Unidade de Educação Infantil, resultantes das redes de interações entre as crianças partícipes desta pesquisa, bem como as professoras. Diante disto, sustentamos a criança enquanto sujeito produtor e reproduzidor de cultura, sujeitos interdependentes, que compõem suas relações sociais, assim como são afetados por elas.

3.6 ADENTRANDO O ESPAÇO INSTITUCIONAL: PARTILHANDO SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Partindo da concepção de Educação Infantil sob a ótica das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), qual seja, a primeira etapa da Educação Básica, consolidada em ambiente formal de aprendizagens, com contextos intencionalmente planejados, articulados às experiências, culturas e saberes das crianças. A integração da família e da comunidade são elementos complementares à ação educativa desenvolvida em creches e pré-escolas.

Desta forma, tanto a Unidade Educativa quanto a família desempenham um papel fundamental na formação do sujeito. Assim, adentrar nessas configurações sociais, permitiu acompanhar as redes de interações constitutivas das rotinas culturais das crianças e de como elas agiam, sentiam, pensavam e reelaboravam essas experiências.

No tocante às observações no Centro de Educação Infantil Fidel, na turma de 3 e 4 anos, buscou-se uma aproximação com os sujeitos partícipes desta pesquisa, as quatro crianças, sendo duas descendentes de alemães - Paulo e George, e duas não descendentes - Ana e Ricardo, cujos familiares vieram de outras regiões do país. Também nesta pesquisa, tivemos a participação de duas professoras da turma. Uma delas, descendente de alemães e nascida em Blumenau. A outra professora, não descendente de alemães, natural de outra região brasileira.

Embora todos os consentimentos e termos de livre consentimento esclarecido estivessem devidamente assinados pelos adultos e responsáveis, para dar seguimento à pesquisa, a aceitação das crianças envolvidas foi fundamental. Afinal, elas seriam os principais sujeitos com o *lugar* da fala, gestos, expressões, entrelaçadas às suas experiências de vida. No primeiro momento, expliquei que se tratava de uma pesquisa, conversamos sobre o conceito de pesquisa, comparando com as pesquisas que elas realizavam em sala, falei que iria acompanhá-las em alguns momentos, e se elas me autorizassem tiraria fotos e realizaria filmagens. As crianças deram seu assentimento, no entanto, foi no decorrer da observação, que se fez uma caminhada com as crianças, ora como expectadora das suas interações, em outros momentos convidada a participar das brincadeiras e diálogos. Cabe mencionar que durante essa jornada, as *orelhas verdes*⁵⁸ foram fundamentais, uma vez que as respostas às minhas perguntas não viriam prontas, muito menos convencionadas e racionalizadas, vinham narradas com simbolismos próprios do universo infantil, que traziam consigo as suas próprias significações de si e do outro, interpeladas pelas redes de interações.

Por muitas vezes, elas me solicitavam para assistir o conteúdo gravado, ou até mesmo visualizarem as fotografias, em outros momentos queriam se certificar se eu havia gravado determinada brincadeira. Desta forma, as crianças se reconheciam como sujeitos participantes da pesquisa e conforme revisitavam os dados gerados, narravam sob o seu olhar, e às vezes traziam uma perspectiva que por mim passara despercebida. Conforme o relato que segue.

COMPETIÇÃO DA SOPA: “ELE PERDEU. NÓS GANHAMOS.”

Paulo pega o meu celular e revê o vídeo do momento da janta. E fala:

- Aqui está eu e o George. Estamos comendo sopa. A gente não queria que o Ricardo se sentasse na mesa, mas a profê. colocou ele. (Paulo)

Eu perguntei:

- Por que ele não podia se sentar à mesa com vocês? (Pesquisadora)

Ele me respondeu:

⁵⁸ Orelhas Verdes – expressão utilizada por Gianni Rodari (in TONUCCI, 1997). O adulto permitir-se sair do seu universo interno, por ora racionalizado e abrir-se ao universo infantil.

- Porque ele não é nosso amigo. Então, eu e o George mostramos pra ele que nós ganhamos dele. Falamos, quem come a sopa mais rápido. E olha! Ele perdeu. Nós ganhamos. (Paulo)
(Diário de campo, março de 2020)

Figura 15: Competição da sopa



Fonte: Acervo da Autora, 2020.

Comumente, fazia parte da rotina Paulo e George partilharem as refeições, como os lugares não eram demarcados, os dois sempre esperavam um ao outro para se sentarem juntos à mesa. Em alguns momentos, quando era servido o suco, os dois brindavam com suas canecas antes de beberem. Quando a professora colocou outra criança à mesa, que naquele momento não representava os mesmos laços de cumplicidade expressos pelos dois, eles criaram a *competição da sopa*. Mesmo George terminando primeiro e Paulo por segundo, os dois se deram por vencedores.

De certa forma, ao criarem a competição, os dois compreendiam que poderiam mostrar para Ricardo que eram mais *fortes*, vencendo a competição. Dentro das atividades propostas na turma, raros foram jogos de competição. Tanto George, assim como Paulo, participam de competições no Clube de Caça e Tiro. Na lógica das competições, os vencedores ficam com os títulos de rei, rainha, cavalheiro e princesa, dentro de cada modalidade. Na comemoração da Festa do Colono (25 de julho), com uma comitiva e música típica alemã, os participantes buscam a realeza para participar da festa. Porém, o que se perpetua nesses micro eventos são as redes de *sociabilidades* partilhadas através das tradições culturais comuns, bem como a memória histórica de seus antepassados. Contudo, não se pode afirmar o que inspirou a *competição da sopa*, mas estava vinculada a ela uma defesa do espaço, por meio da

categorização dos melhores, vencedores, expressa pela rede de sociabilidades compartilhadas por George e Paulo.

Destarte, Paulo e George demonstravam uma relação de reciprocidade e amizade, geralmente optavam por brincarem somente os dois. Quando mais crianças integravam as brincadeiras, geralmente criavam as regras, o que ocasionalmente gerava alguns conflitos. Ricardo insistentemente tentava participar das brincadeiras de Paulo e George, ou ele não se adequava às regras impostas, ou os dois se retiravam.

Paulo e George estão montando torres com peças de madeiras, próximo ao buraco de um cano.

Ricardo se aproxima, fica observando e pega algumas peças. Começa a montar a torre junto com os dois.

Paulo fala:

- Você não sabe como é pra montar.

Ricardo responde:

- Eu sei sim.

Paulo começa a recolher as peças e fala:

- Vem George, vamos para outro lugar.

(Diário de Campo, março de 2020)

Dentre o grupo de crianças, Ricardo buscava interagir com todas, entretanto, nem sempre se encaixava nas regras impostas pelos colegas, o que às vezes resultava em brigas.

- O profe. olha o Ricardo. Ele não deixa a gente brincar. (queixas das crianças)

- Que coisa Ricardo! De novo! (professora)

(Diário de campo, setembro de 2019)

Enquanto as crianças brincavam em pequenos grupos, não tinha como desviar o olhar para o canto da sala, ou debaixo da mesa, lugares comuns onde Ricardo brincava consigo mesmo. Ao mesmo tempo em que apontava o desejo de integrar-se ao grupo, esbarrava nas constantes regras, padrões estruturados, que muitas vezes tornavam-se complexas de serem seguidas, rompendo com a manutenção da convivência harmoniosa.

Em uma das idas ao parque, ele me convidou para brincar com ele na caixa de areia.

- Maite, você sabe fazer bolos gostosos? (Ricardo)

- Sei, sim! Vamos fazer? (Maite)

- Eu vou querer de chocolate! (Ricardo)

(Diário de Campo, setembro de 2019)

Figura 16: Bolo de areia feito por Ricardo



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Embora Ana e Ricardo fossem muito próximos nas redes de interações entre os familiares, no contexto institucional Ana demonstrava preferência por brincadeiras e interações com o grupo de meninas.

Diante dos movimentos próprios do contexto da Educação Infantil, se perfazia constante a retomada do objeto de estudo, para que não se perdesse de vista os sistemas de representação, dos significados culturais, produzidos ou reproduzidos pelos sujeitos, crianças e professores. O desafio era olhar para além das propostas planejadas, ler as entrelinhas, conforme Paulo havia me demonstrado.

Na estrutura social, nos constituímos sujeitos da nossa existência em uma caminhada com os *outros*, um indivíduo que carrega os elos entre o *eu- nós*, conectados por redes de significações históricas e culturais. “Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer”. (ELIAS, 1994, p. 27) Essa era a leitura que as crianças estavam me apontando, compreender que suas vozes eram plurais, conforme afirma Elias (1994) um *indivíduo singular e plural*, sujeitos sociais, que traziam consigo seus *lugares de vivência*, essa interdependência na interação com o outro.

Considerar as crianças enquanto sujeitos de direitos é trazer à tona a legitimidade das narrativas infantis, seus contextos vivenciais significados e ressignificados nas interações entre pares. Compreendemos que as crianças participantes desta pesquisa, traziam consigo suas relações identitárias, enquanto membros de um grupo, sujeitos ativos em suas múltiplas dimensões. Sobretudo, escutá-las e observá-las em diferentes contextos de interações, nos permitiu uma aproximação com suas realidades singulares, bem como as vivências e partilhas

coletivas, sobre elas mesmas, seu cotidiano cultural e espaços interacionais nas redes interdependentes.

É com essa perspectiva, que tomamos o planejamento no contexto da Educação Infantil, como ampliação da aprendizagem e desenvolvimento infantil, consolidado com os significados e as experiências que as crianças trazem sobre si e sobre o mundo, é um fazer que se constitui *com* as crianças e *para* elas. Tal planejamento requer do professor uma escuta atenta ao universo da criança, o acolhimento das suas diferentes formas de participação.

Nessa conjuntura, o planejamento elaborado pelas professoras contemplava a acolhida, duas propostas de experiências (matutino e vespertino), cantos temáticos, sono, higiene, parque, Literatura e despedida. Geralmente as propostas de experiências partiam de falas ou interrogações suscitadas pelas crianças. Em rodas de conversas levantam-se as hipóteses com as crianças e as possibilidades para realizarem a pesquisa. As professoras variavam as possibilidades de agrupamentos, geralmente optando por pequenos grupos. Havia um número expressivo de propostas realizadas no espaço externo da Unidade, e a comunidade era envolvida. As propostas desenvolvidas pelas professoras tinham como elemento central as curiosidades e experiências apresentadas pelas crianças. Durante o período de campo, observou-se a participação delas nas propostas e encaminhamentos durante a rotina, bem como o constante registro das falas dos pequenos pelas professoras.

Dentre as propostas pedagógicas, não se visualizou referências à cultura alemã, ou ao *habitus germânico*. exceto durante o período da *Oktoberfest*, no mês de outubro, quando as músicas alemãs passaram a integrar o contexto pedagógico, sugeridas pelas professoras durante os momentos de brincadeiras. Até então, as músicas alemãs, assim como outros gêneros musicais eram propostos, contudo, esporadicamente. Em um desses momentos, registrei como nota de campo o seguinte episódio.

“UND ICH SPRING, SPRING, SPRING IMMER WIEDER” (E vou pular, saltar, pular novamente e novamente)

As crianças estavam brincando nos cantos temáticos divididas no espaço da sala, no fundo tocavam músicas de diferentes gêneros. Foi quando começou a tocar uma música alemã “*So Ein Schöner Tag*”, conhecida por embalar os desfiles e micro eventos como *Oktoberfest* e *Summerfest*. Paulo e George largam a pista de carrinhos e correm para frente do aparelho de som, e começam a dançar, gesticulando todos os passos da música. Imitam um avião, gesticulam com os braços mostrando força, pulam, fingem nadar, seguindo o refrão da música.

Und ich flieg, flieg, flieg, wie ein flieger (E eu voar, voar, voar, como um avião)

Bin so stark, stark, stark (Ser tão forte, forte, forte)

Wie ein tieger (Como um tigre)

Und so groß, groß, groß, wie ein giraffe (E tão grande, grande, grande, como uma girafa)

So hoch uoh-oh-oh (Tão alto uoh-oh-oh)

Und ich spring, spring, spring immer wieder (E vou pular, saltar, pular novamente e novamente)

Und ich schwimm, schwimm, schwimm (E eu vou nadar, nadar, nadar)

Zu dir rüber und ich nehm, nehm, nehm dich bei der (Para você e eu vou assumir, participar, toma na mão)

hand weil ich dich mag (porque eu gosto de você)

Und ich sag (E eu digo)

Heut ist so ein schöner tag, la, la, la, la, la (Hoje é um dia tão bonito, la, la, la, la, la)

(Refrão da música: *So Ein Schöner Tag*, Um dia tão bonito, *Tim Toupet*)

Quando a música acaba, puxam um banquinho, para alcançar o aparelho de som e repetir a música. A música inicia novamente, e os dois repetem os mesmos movimentos. Eles suam, dançam, cantam, pulam, repetidamente, enquanto as demais crianças continuam as brincadeiras nos cantos temáticos. (Diário de campo, outubro de 2019)

O quê para as outras crianças talvez não tivesse um sentimento de pertença, a música tinha representatividade nas ações de Paulo e George. Ambos estavam reproduzindo os gestos e cantando em alemão,

As músicas alemãs na Unidade Educativa eram um reflexo do cenário vivido na cidade durante a *Oktoberfest*. Fica evidente na mídia, nos adereços expostos pela cidade, nas bandas típicas alemãs nos pontos centrais, a efervescência da cultura alemã. Embora a festa não fosse mencionada no planejamento, ela se fazia presente de uma maneira sutil, simbolicamente através da música.

Um ponto importante é a relação das professoras com micro eventos que se voltam para a cultura alemã. A professora Rita, descendente de alemães, frequenta os micro eventos tradicionais germânicos, principalmente, os que remetem a uma memória de infância, como os Clubes de Caça e Tiro (Festa de Rei e Rainha, Festa do Colono, Competições) e os festivais de cuca realizados pela Comunidade Luterana, retratam Blumenau como uma cidade com suas belezas, como os canteiros de flores, a limpeza, e traços coloniais ainda preservados. Todavia, a professora Carla, residente em Blumenau há dezoito anos, diz que não frequenta a *Oktoberfest*, porque acredita que a cultura apresentada não é coerente com a história. Também ressalta que a exclusão de uma parcela da sociedade já começa pela festa. Salienta que o conservadorismo extremo que ainda existe muito em quem é natural de Blumenau, seria um dos fatores que a levariam a se afastar da cidade.

Entre as professoras, encontramos dois modos distintos de se relacionar com a cidade: uma trazia os elementos identitários germânicos, um vínculo de pertencimento aos espaços da

cidade. Outra apontava os mecanismos de exclusão. Aqui, é oportuno ressaltar que as duas professoras realizavam os planejamentos, de maneira compartilhada.

Brincadeiras nos cantos temáticos da sala eram frequentes, esses variavam conforme interesse das crianças: pizzaria, mercado, cozinha, pista de carros, caverna, enfermaria, navio pirata. Nas suas interações com os pares, compartilhavam as suas experiências de mundo, vivenciadas em suas redes familiares. A cena transcrita abaixo, remete ao manejo do porco até ele tornar-se comida.

SCHWEINEFLEISCH (carne de porco)

Paulo pegou um pedaço de madeirinha e começou a bater:

- Hoje vou matar um porco. (Paulo)

Fingia que estava cortando a madeirinha.

- Vamos preparar uma carne de porco! Pro almoço, com macarrão. (Paulo)

George entrou na brincadeira e disse:

- Temos que temperar com sal. E colocar no forno. A minha mãe sempre faz assim. (George)

(Diário de campo, novembro de 2019)

Tal cena envolve as referências simbólicas do trabalho com o porco, para chegar à mesa. Por que a carne de porco? Assim como o marreco recheado, a carne de porco está em muitos pratos gastronômicos alemães. Esse fator nos leva a refletir sobre as práticas alimentares das crianças, alicerçadas à tradição da culinária alemã, envolvendo ritos e significados, que vão além das técnicas de preparo, a finalização do prato e a definição de quando comer (almoço).

A perpetuação dos hábitos alimentares no cotidiano ou em festividades pode se constituir em tradições culinárias, fazendo com que o indivíduo se sinta inserido dentro de um determinado contexto familiar ou sócio-cultural, reafirmando sua identidade também por meio da memória despertada pela comida. São chamadas as tradições culinárias por serem práticas alimentares cercadas de ritos e significados. (REINHARDT, 2007, p.105)

Todavia, embora a Unidade Educativa não contemplasse os elementos culturais alemães, George e Paulo traziam consigo o *habitus* relativo às dimensões de um ideário típico alemão blumenauense. Um dos vínculos mais duradouros, importante demarcador da comunidade étnica alemã é o trabalho, alicerçado ao *ethos* da organização. Relacionado a ele está também o cuidado com os jardins, canteiros e hortas. Tanto George, como Paulo traziam em suas interações as experiências do labor com a terra. Tal qual, pode-se observar na nota de campo transcrita abaixo.

COLETANDO O ESTERCO

As professoras junto com as crianças cultivavam uma horta na Unidade. Verificando que suas verduras não estavam crescendo conforme o esperado, as crianças realizaram uma pesquisa junto à comunidade, buscando levantar hipóteses do que poderia ter

ocorrido com sua horta. Um dos indícios da pesquisa apontou que precisavam adubar a terra, e as fezes da vaca serviriam como um bom adubo.

Diante disto, as professoras e crianças foram até um pasto da vizinhança coletar as fezes da vaca. Colocaram as luvas, e com as orientações da professora percorreram o pasto para realizar a coleta.

Paulo e George logo se manifestaram e começaram a coletar as fezes da vaca. George falou:

- Eu sempre faço isso com a oma. Para colocar no jardim! (George)

Algumas crianças demonstraram nojo, e logo se dispersaram correndo pelo pasto. Ricardo fez algumas tentativas, pegou nas fezes, remexeu, olhou, e optou por explorar o espaço, abandonando o que estava fazendo.

(Diário de Campo, agosto de 2019)

Figura 17: George coletando o adubo



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Algo que também emergiu durante a observação foi o manejo que eles apresentavam durante a coleta. Embora, para outras crianças como Ricardo, a proposta tenha causado estranhamento, George e Paulo tinham suas referências familiares. De acordo com Elias (1994, p. 106) “A família, enquanto referencial da identidade - nós, sem dúvida continua a ser um grupo humano que, para o bem ou para o mal, dita a seus membros uma carga afetiva bastante elevada”. Conquanto, as redes de interações familiares se constituem como os primeiros elos de afirmação do indivíduo dentro do grupo social, onde regras, valores, opiniões, passam a ser compartilhados, reproduzidos ou reinterpretados.

Paulo trouxe referências ao trabalho, tomando o *opa* como exemplo. Nessa brincadeira, o instrumento utilizado para aparar a grama aparece como um elemento. No momento do trabalho, não há uma pausa para o descanso, enquanto ele não estiver concluído.

O TRABALHO AINDA NÃO TERMINOU

As professoras levam as crianças para o parque da escola próxima à Instituição. Com um grande espaço de área verde e uma quadra, as crianças exploram esses espaços livremente. Paulo e George entram em um jogo simbólico, estão roçando o espaço.

- Zum... Zum... vamos roçar tudo igual ao opa! diz Paulo.

George em um certo momento diz:

- Agora deu, precisamos descansar, e beber alguma coisa. (George)

Paulo responde:

- Não! Temos que terminar de roçar! Você ainda não terminou. Zum... Zum... Zum... Continua roçando.

(Diário de Campo, agosto de 2019)

Nesse sentido, o trabalho apresenta-se com uma carga valorativa estruturada por uma regulação temporal, que demarca o início e o término, aonde o descanso é somente a recompensa final. Essa cena especificamente remeteu-me à “grande colmeia de trabalho⁵⁹”, um povo enquadrado na operosidade do trabalho, como a cidade foi descrita pelo jornal *Der Urwaldsbote*, após a repercussão da visita de Getúlio Vargas. No ideário blumenauense, a origem da força do trabalho e o pioneirismo dos seus antepassados, constituíam-se como elementos de representatividade da cidade.

As cargas valorativas são modelares a um determinado grupo social, formas e padrões de comportamentos arraigados na formação da *consciência moral e dos ideais por intermédio de uma tradição*. (ELIAS, p.124) Nessa perspectiva, a forma como nos relacionamos conosco e com os outros não é inata, é interpelada pelas regularidades sociais das redes de interdependência.

Cabe ressaltar que na cena descrita, Paulo trazia como referência o opa, dispondo de uma imagem das normas e condutas intrínsecas ao trabalho. “A imagem do nós e o ideal do nós de uma pessoa fazem parte de sua auto - imagem e o ideal do eu da pessoa singular a quem ela se refere como ‘eu’”. (ELIAS, 2000, p.42)

Notadamente, as crianças cuja descendência é alemã, traduziam nas suas produções e reproduções culturais, elementos significativos quanto ao *habitus* germânico. Para além de categorizar, o que apontamos são modos literais ou não literais, dadas as especificidades infantis em traduzir seus modos de pensar, agir, falar, seu *modus vivendi* em redes de interações modelares ao ideário típico alemão blumenauense. As dimensões constitutivas do ideário típico alemão blumenauense, geralmente traziam como referência vivências nas rotinas culturais

⁵⁹ A visita do Chefe da Nação em Blumenau. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 15/03/1940. Como a cidade foi retrata pelo jornal *Der Urwaldsbote*, após a visita de Getúlio Vargas.

familiares. Embora George e Paulo residissem em locais próximos, as suas redes de interações ocorrem no espaço educativo, nos micro eventos do Clube de Caça e Tiro e na Igreja Luterana. Observa-se que parte da rede que os integra a um grupo, está relacionada à cultura alemã.

Os valores étnicos que marcam esse caráter de grupo são associados à 'origem alemã'. Além disso, são preservadas algumas características culturais e sociais importantes que constituem elementos de diferenciação inclusivos, como a língua alemã, o estilo de vida ou, a ainda, a recente proliferação de festas pretensamente étnicas que exibem para o exterior uma representação de cultura teuto-brasileira. (SEYFERTH, 2002, p.23)

Os elos de reciprocidade entre George e Paulo apontam como parte construtora da sua realidade, permeada por uma rede de sociabilidades afetivas e culturais. Nessa perspectiva, os marcadores culturais comuns são partilhados entre as culturas de pares, associados às suas referências ao *habitus* germânico. No plano empírico, significações atreladas ao trabalho, à disciplina quanto à conclusão das atividades laborais e o descanso como mérito. Além disso, encontra-se no contexto investigado, dinâmicas estreitamente ligadas aos ofícios que representam situações vinculadas aos modos e cuidados com o quintal, canteiros e hortas bem cuidadas, cujo ideário laboral e estético permanece na cidade estreitamente vinculado às afirmações identitárias grupais germânicas.

Por meio das observações, constatou-se que as propostas pedagógicas da Unidade Educativa não apresentavam dimensões atreladas ao *habitus* alemão, ou quaisquer abordagens circunscritas à germanidade. Por outrora, o *habitus* alemão como fora demonstrado, se fazia presente nas reproduções e produções culturais das crianças que descendiam de alemães. Às crianças advindas de outras regiões do país não apontaram elementos constitutivos do *habitus* alemão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez essas sejam as linhas mais difíceis para escrever, embora a pesquisa chegue à sua etapa final, os pontos nunca se fecham, estão entreabertos, inscritos e reescritos nas redes de interdependência. A pesquisa propôs compreender como o ideário típico alemão blumenauense atua na contemporaneidade sobre os modos de ser, pensar, agir, sentir e falar de crianças de três a quatro anos de idade. Para chegar a tal compreensão, as redes de relações interdependentes entre os indivíduos na cidade, na Unidade Educativa e nas famílias foram centrais neste estudo. Ao reconhecer o complexo funcional entre os indivíduos, notadamente reconhece-se que as ações não se estruturam no isolamento social. Para tanto, a produção teórica de Norbert Elias foi ancoradouro para este estudo. As contribuições elisianas sustentaram o *corpus* investigativo, teórico e metodológico, na tomada de escolhas e decisões quanto aos agentes e fontes a investigar, no posicionamento epistemológico, bem como na inspiração analítica assumida durante a observação, nas suas idas e vindas, tendo sua perspectiva de estudo configuracional como pano de fundo.

Utilizando do viés analítico configuracional, propunha debruçar-me sobre o modo de vida global entre as redes interativas, produzidas e reproduzidas no cotidiano pelas mentalidades dos indivíduos, nos seus modos de agir, pensar, falar, sentir. Nesse sentido, a retomada do olhar para cidade de Blumenau, no recorte temporal de 2000 a 2019, em seus aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e educativos permitiu adentrar essas redes de interações que engendram o sistema de signos e significados, cargas valorativas, entre *eu-eles*, *nós* e os *outros* que se conservam ou por ora se rompem na estrutura chamada sociedade. Destarte, as redes de relações familiares, permitiram uma aproximação com as rotinas culturais das crianças participantes desta pesquisa, buscando interpretar sociologicamente as ações dos indivíduos entre os elos emaranhados pelo ideário típico alemão blumenauense.

Quando me refiro ao ideário típico alemão blumenauense, compreendo que esse se constitui em redes interativas, expressas por modulações de comportamentos, códigos de condutas e emoções, engendradas por relações de poder, que tecem culturalmente a própria cidade. Ser alemão blumenauense implica em escolhas, que marcam a dimensão da vida social, na representatividade da sua identidade cultural: *ordeiro, trabalhador, disciplinado, próspero, com os jardins floridos* (SEYFERTH, 1981). Notadamente, conforme as contribuições teóricas escolhidas para este estudo, concluí que as manifestações culturais são valorativas,

distinguindo-se entre os grupos, mobilizadas por interesses comuns, em jogos de coalizões de forças, movidos por forças centrífugas e centrípetas (ELIAS, 1994).

A exaltação da cultura germânica em Blumenau, não está demarcada somente em seus cenários, nos seus casarios enxaimel, seus jardins floridos, seus lugares de memória, mas, sobretudo, nos papéis desempenhados pelos indivíduos, nas mentalidades e coesão interna de um grupo. O tipo ideal de cidadão blumenauense vem amalgamado com estruturas de comportamentos e recursos emocionais, mantidos desde a instalação e desenvolvimento da Colônia, supervisionados por Dr. Blumenau, fortalecidos por comunidades de sentido, na credibilidade da sua superioridade racial (DIAS, 2009). A distinção entre os grupos, demarcada em Blumenau pela sua distinção étnica, bem como manifestas pelo seu *habitus* germânico, consubstanciam o que Elias (2000) nos aponta como grupos *estabelecidos* e *outsiders*.

Nessa perspectiva, a Colônia Blumenau foi se consolidando desde a sua fundação como uma “pátria estreita” (FROTSCHER), se fechando internamente como um modelo de colônia de alemães, acentuando a consciência das suas diferenças nacionais, entre *nós* e os *outros*. Nesse viés, o grupo de *estabelecidos*, como Dr. Blumenau, empresários da época, veículos de imprensa veiculados pelo *Der Urwaldsbote*, *Blumenaur Zeitung* e *Kalendars* (Almanaques), foram centrais na manutenção do ideário típico alemão blumenauense.

Embora Blumenau tenha sofrido as consequências do processo nacionalizador (1930 - 1945), esse representou rupturas, principalmente alicerçadas ao uso cotidiano do idioma, mas sobrepôs outras categorias como o trabalho e a prosperidade. Esse foi um jogo de disputas, marcado por sentimentos e ressentimentos, na conservação do ser alemão blumenauense.

Entretanto, é no passado que Blumenau buscou consolidar o seu presente. No transcurso da pesquisa documental, referente à cidade, observou-se o quanto as estratégias políticas retomavam o discurso do pioneirismo, do trabalho como herança cultural de seus colonizadores. No período de 2000 a 2019, além do grande investimento em lugares de memórias, que guardavam nos espaços da cidade o pioneirismo de seus colonizadores, os slogans que representavam a cidade como uma *Alemanha sem passaporte*, trabalhavam no sentido de prospectar a cidade como diferente, como aquela habitada pelo *povo de alma alemã*. De modo geral, conforme Dias (2009) havia nuances da conservação da comunidade de sentido pioneira, embora entrelaçadas a outras formas culturais.

Diante desse quadro, o estudo permite afirmar que o ideário simbólico da cidade como tipicamente germânica, mantém-se nas rotinas culturais vivenciadas por crianças descendentes de alemães. O *modus operandi* da cidade que apresento na dissertação, o qual durante décadas projeta o *tipo ideal* de indivíduo blumenauense, modelar à autoimagem da tipicamente alemã,

aproxima-se ao modo de viver das famílias descendentes de alemães. Processos que permitem identificar sentimentos e comportamentos, que constituem o *habitus* germânico, na conservação das suas tradições culturais.

O estudo apresentado, que inspira-se também nos aportes da Sociologia da Infância, nomeadamente nas contribuições de Corsaro (2009), mostra os sentidos imbricados nos modos de agir, pensar, falar, sentir das crianças em suas redes interativas na Unidade Educativa. Embora, a Unidade Educativa apresentasse outras comunidades de sentidos das expressas e enaltecidas pelos grupos estabelecidos na cidade, as crianças cuja descendência é alemã traziam suas referências culturais germânicas vivenciadas no contexto familiar. O seu *modus vivendi* estava amalgamado na constituição do *eu e* na sua relação com os *outros*.

Por ora, os dados gerados junto às famílias descendentes de alemães, apontam para os processos demarcados pela hierarquização dos diferentes grupos, demonstrando o incômodo causado pela chegada de pessoas de outras regiões. A distinção entre *nós* e os *outros*, é construída no imaginário social blumenauense, em torno do *status* social, destacado no ideário da cidade como “Pedacinho da Alemanha no Sul do Brasil”.

Por outro lado, as crianças advindas de outras regiões do Brasil, em suas redes familiares, consolidavam em suas rotinas culturais redes interativas onde o *eu- nós* e *eles - outros* entrelaçavam-se em vínculos constituídos pela solidariedade, pela cooperação, pela partilha. Relativamente, o cotidiano vivido, significado, produzido e reproduzido pelas crianças e suas famílias, distanciava-se do conservadorismo e do sentimento de superioridade do ser alemão blumenauense.

Povo trabalhador, ordeiro, disciplinado, pioneiro, com jardins floridos. Esses são os discursos e conceitos que cerceiam o jeito “diferente” de ser blumenauense na cidade que mesmo diversa em sua população, ainda investe em *slogans* como “O Brasil de Alma alemã”. Talvez possa afirmar que a cidade de Blumenau em tempos atuais ainda invista no estigma da “pátria estreita”. O ideário alemão blumenauense, na contemporaneidade conserva-se nas mentalidades dos indivíduos, no modo de viver a cidade, e tentam se reafirmar na teia social.

Por meio deste estudo, pude perceber que o ideário típico alemão blumenauense, não está estampado apenas nos *slogans* e discursos que operaram na cidade, ele se consolida no cotidiano do blumenauense. Notoriamente, a valoração dos sentidos e significados compartilhados pelos indivíduos, se reafirma na germanidade, produzindo representações sociais, nas formas de ser, agir, pensar, sentir e se relacionar com os outros. O ideário típico alemão blumenauense vem engendrado em suas “pseudo - verdades”, impulsionadas pelos grupos *estabelecidos*, ganham suas ressonâncias nos modos de vida daqueles que as assimilam.

De muita importância foi a realização desta pesquisa, que me permitiu olhar para os indivíduos, e inserir-me nos contextos singulares de cada família e da instituição educacional. Isso, aliado à busca que fiz em fontes, arquivos históricos, documentos municipais, permitiu que eu conhecesse e reconhecesse a cidade em redes interdependentes. Nesse conjunto de dados, compreendi também que a cidade é uma teia relacional, movida por forças centrífugas e centrípetas, onde o poder circula por todo lugar. Uma cidade onde essas forças ora ficam latentes, ora manifestas. Uma cidade que tanto aproxima, quanto distancia os que “vêm de fora” e os que descendem de seus imigrantes alemães.

Nestas últimas linhas, deixo os pedacinhos de Blumenau entreabertos, aqueles elos da teia relacional talvez ainda não tão firmes, não tão emaranhados. Numa cidade que é tecida por todos e todas, mas onde apenas uma parcela da população se estabelece e é enaltecida em sua distinção e valor social.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

BLUMENAU. **PEDEM**: Plano Estratégico de desenvolvimento econômico de Blumenau. Prefeitura Municipal de Blumenau: SEBRAE, 2015.

BLUMENAU. **Plano Municipal de Turismo**: Uma construção coletiva. Prefeitura Municipal de Blumenau: SENAC, 2015.

BLUMENAU. **Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Básica**. Prefeitura Municipal de Blumenau: Secretaria Municipal de Educação (SEMED), vol.1, 2012.

BLUMENAU. **Cadernos da Educação Infantil**: “Retratos da Rede: organização, tempos, espaços, fazeres”. Prefeitura Municipal de Blumenau: Secretaria Municipal de Educação (SEMED), nº 1, 2002.

BLUMENAU. **Lei nº 8279, de 06 de maio de 2016**. Institui o Plano municipal de turismo de Blumenau para o decênio de 2016 – 2026. Blumenau: Prefeitura Municipal de Blumenau, 2016. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/2016/828/8279/lei-ordinaria-n-8279-2016-aprova-o-plano-municipal-de-turismo-de-blumenau>. Acesso em: 09/07/2019.

BLUMENAU. **Lei nº 5843, em 22 de março de 2002**. Cria o museu das sociedades de caça e tiro do município de Blumenau. Blumenau: Prefeitura Municipal de Blumenau, 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/2002/585/5843/lei-ordinaria-n-5843-2002-cria-o-museu-das-sociedades-e-clubes-de-caca-e-tiro-do-municipio-de-blumenau?q=5843>. Acesso em: 09/07/2019.

BLUMENAU. **Lei complementar nº 961, de 15 de dezembro de 2014**. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Escolares na rede municipal de ensino de Blumenau e dá outras providências, 2014. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-complementar/2014/96/961/lei-complementar-n-961-2014-dispoe-sobre-a-criacao-dos-conselhos-escolares-na-rede-municipal-de-ensino-de-blumenau-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 09/07/2019.

BLUMENAU. **Decreto 10.920, de 30 de março de 2016**. Dispõe sobre o programa de bandas e fanfarras escolares da rede municipal de ensino de Blumenau, 2016. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/decreto/2016/1092/10920/decreto-n-10920-2016-dispoe-sobre-o-programa-de-bandas-e-fanfarras-escolares-da-rede-municipal-de-ensino-de-blumenau>. Acesso em: 20/07/2019.

BENTO, Liliane. Renascida das águas. In: **Revista Destino Blumenau**. Blumenau: Mundi editora, Verão, 2009.

BENTO, Liliane. A Vila Itoupava. In: **Revista Destino Blumenau**. Blumenau: Mundi editora, Verão, 2010.

BOGO, Lais Renata; HEIDTMANN Jr., Deicke Emerson Douglas; TOLEDO, Julieta de. **Ressonâncias da modernidade:** Uma análise do legado de Wolfgang Ludwig Rau como pesquisador e projetista em Santa Catarina. 13º Seminário do co mo, mo Brasil, Salvador: Bahia, 07 a 10 de outubro de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Ano CXXXIV, nº 248, 23/12/1996, p. 27833-27841.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009.

CAMPOS, Cynthia Machado. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na era Vargas. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina:** estudos contemporâneos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A Política da Língua na Era Vargas:** proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL FIDEL. **Projeto Político Pedagógico.** 2004, 2007, 2011, 2016, 2019.

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL FIDEL. **Memorial.**2007

CORSARO, William. **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças:** diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

DESCHAMP, Marley Vanice; DELGADO, Paulo Roberto. Santa Catarina no contexto migratório nacional: um estudo dos fluxos e das características de quem migra. **Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais:** ABEP. São Paulo, de 24 a 28 de novembro de 2014.

DAUFENBACH, Karine. **A modernidade em Hans Broos.** (Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo), São Paulo, 2018.

DIAS, Julice. **(Pré) – escola, cidade e família:** produção de comunidades de sentido em cadeias ritualísticas de interação (1980 – 1999). São Paulo. (Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade de São Paulo- PUC- Centro de História, Política e Sociedade), 2009.

EDWARDS, Carolyn Pope; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do estado e civilização. Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2v.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1v.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

LAUTH, Ana Paula, et. al. Um passeio pela marca Blumenau. In: **Revista Blumenau**. Blumenau: Mundi editora, Verão, 2010.

NEVES, Anne Caroline Peixer Abreu. **Memórias Ressentidas**: Escola Pública de Itoupava Norte substituída pelo grupo escolar professor João Widemann (Blumenau, 1930 – 1950). Florianópolis. (Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina, no Programa de Pós-Graduação em História), 2019.

FLORES, Maria Bernadete R. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Colaboradores Cristina Sheibe Woff (et. al.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 267-296, junho, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102] Acesso em: 13/04/2019.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC; Itajaí: Ed. Univali, 2004.

FROTSCHER, Méri. **Identidades Móveis**: práticas e discursos das elites de Blumenau (1920-1950). Blumenau: Edifurb, 2007.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano. (Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, no Programa de Pós-Graduação em História), Florianópolis, 1998.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929- 1950)**. (Tese de doutoramento apresentada à Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, no Programa de Pós-Graduação em História Cultural), Florianópolis, 2003.

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IBGE. **Censos demográficos e contagem populacional**. 2010. Disponível em: [<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/panorama>] Acesso em: 04/04/2019

JAMUNDÁ, Theobaldo da Costa. **Um alemão brasileiroíssimo, o Dr. Blumenau**. Dep. de Cultura de Santa Catarina, 1966.

KHULMANN, M. JR. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2015.

KONDER, Gustavo. A presença espiritual do Dr. Hermann Blumenau. In: **Blumenau em Cadernos**: Eles Acreditam no Brasil, setembro de 1974, nº 9, p. 144-145.

KRAMMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**: Departamento de Educação da PUC-Rio, n. 116, julho/ 2002. Disponível em [<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf>] Acesso em: 06/06/2019

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel Livraria, 1981.

MACHADO, Ricardo. A invenção da cidade etnizada: História e Memória na Blumenau contemporânea. (1974 – 2002). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH: São Paulo, julho, 2011.

MACHADO, Ricardo; SCHVARTZ, Daiana; Elke Hering e Blumenau: Implicações entre a cidade e a artista. **IN: BLUMENAU CADERNOS**. Blumenau. T.54, n.5, set/out.2013.

MOSER, Magali. O drama dos haitianos que chegam ao vale do Itajaí. **Expressão Universitária** (SINSEPS / FURB). Blumenau, julho de 2014. Disponível em: [https://bu.furb.br/CMU/jornais/ExpressaoUniversitaria/2014_07.pdf] Acesso em: 13/07/2019

MOSER, Magali; IJUIM, Jorge Kanehide. A prática da invisibilidade social sobre as áreas de concentração de pobreza na imprensa de Blumenau (SC). **Rebela**, v.5, n.1. jan./mar. 2015. 132-145.

OLIVEIRA, Jr. Joeci de. **A exposição do material nazista no Estado Novo (1937- 1945)**. (Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina, no Programa de Pós- Graduação em História), Florianópolis, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil mais que a atividade a criança em foco. In: Ostetto, Luciana Esmeralda. **Encontro e Encantamento da Educação Infantil: Partilhando Experiências de Estágios**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002, p.175 – 198.

OTTO. Tradução KILIAN, Frederico. Como se festeja em Blumenau a festa de natal: carta de um dos primeiros colonizadores a seus parentes na Alemanha. In: **Blumenau em Cadernos: Eles Acreditam no Brasil**, setembro de 1974, nº 9, p. 154 -156.

PETRY, Suely Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro em Blumenau**. (Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, no Programa de Pós-Graduação em História), Florianópolis, 1979.

REINHARDT, Cristina Juliana. **Dize-me o que comes e te direi que és: alemães, comida e identidade**. (Tese de doutoramento apresentada à Universidade Federal do Paraná, no Programa de Pós-Graduação em História), Curitiba, 2007.

RODARI, Gianni. O homem da orelha verde. In: TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SASSE, Fernanda. O instituto Blumenau 150 anos: comemorando e monumentalizando a memória dos blumenauenses. **I Simpósio de “Patrimônio Cultural de Santa Catarina - Patrimônio Cultural: Saberes e Fazeres Partilhados”**, Florianópolis, SC, 21 e 22 de novembro de 2013.

SCVARTZ, Daiana. MACHADO, Ricardo. Elke Hering e Blumenau: Implicações entre a cidade e a artista. **In: Blumenau em Cadernos**, nº5. Set/out, 2013.

SEYFERTH, Giralda. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, jul./dez. 2004.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 26, 1994.

SEYFERTH, Giralda **Nacionalismo e identidade étnica: A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil. In: **Métis História & Cultura**, v.11, nº22, jul-dez, 2012.

SILVA, José Ferreira da. A primeira professora de Brusque: Augusta Von Knorring. **Blumenau em Cadernos**. Jun. 1961, nº 6, p. 105-109

SILVA, José Ferreira da. **Blumenau**. Edição Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

SINGER, Paul. Blumenau. In: **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968.

SIMÃO, Vilma Margarete. Da hegemonia passiva à hegemonia ativa. In: THEIS, Ivo M., MATTEDI, Marcos A., TOMIO, Fabrício R. de Limas (Org.) **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Ed. FURB: Cultura em Movimento, 2000.p.15-65.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis**. São Carlos, 2009.

THEISS, Ivo M. Processo de Acumulação em Blumenau: uma Interpretação Crítica. In: THEIS, Ivo M., MATTEDI, Marcos A., TOMIO, Fabrício R. de Limas (Org.) **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Ed. FURB: Cultura em Movimento, 2000.p.165-179.

TOMIO, Fabrício R. de Limas. Breve história da burguesia industrial têxtil blumenauense. In: THEIS, Ivo M., MATTEDI, Marcos A., TOMIO, Fabrício R. de Limas (Org.) **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau**. Blumenau: Ed. FURB: Cultura em Movimento, 2000. p. 67-100.

ZANCANELLA, Maria dos Anjos de Souza. MORCHE, Ricardo Almeida. O marco na vida dos blumenauenses e o processo migratório escolar após a catástrofe de novembro de 2008. IN: SANTA CATARINA. **2008. Depois das chuvas...** O olhar de cuidado sobre o Vale do Itajaí. Florianópolis: Gerência de Coordenação de Atenção Básica, 2012.

VEIGA, Biscaia Maurício. **Arquitetura Neo-Enxaimel em Santa Catarina: A invenção de uma tradição estética**. São Paulo, 2013. (Dissertação: Mestrado Programas de Pós-Graduação Interunidades em Estética da Artes, Universidade de São Paulo)

VOIGT, Lucas. **O espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: Um Estudo de Sociologia da Cultura e das Elites**. Florianópolis. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política), 2018.

WILLIAMS, R. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na Era Vargas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

Fontes

Ata da Assembleia Providencial de 1886.

ACIB:100 anos construindo Blumenau: Ed. Expressão, 2001

Blumenau, H. B. O. 1858. Relatório da Colônia Blumenau para o Presidente da Província.

BLUMENAU, Hermann Otto Bruno. Relatório da Colônia Blumenau para o Presidente da Província. 1858. Datilografado. Arquivo José Ferreira da Silva, p.44.

Hering Têxtil S.A. Blumenau, Pasta Curt Hering.

Decreto nº 1318, de 30 de janeiro de 1854, que estabelece a responsabilidade dos colonos sobre o cultivo e produção desenvolvidos nas pequenas propriedades.

Hering Têxtil S.A. Blumenau, Pasta Curt Hering.

Jornal *Blumenauer zeitung*, nº 49, 27/06/1921.

Jornal *Blumenauer zeitung*, nº12, 1868.

Jornal Der Urwaldsbote, Blumenau, 15/03/1940.

Lei nº 26 de maio de 1906 – Código de Posturas da Municipalidade de Blumenau.

Mapa Urbano de Blumenau. Arquivo Histórico de Blumenau.

Mapa de Santa Catarina. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Blumenau#/media/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_Blumenau.svg. Acesso em: 10/11/1029.

Plano de Governo, Félix Theiss, 1973 – 1976.

Revista Governo Vianna. Quatro anos que fizeram de Blumenau uma cidade ainda mais humana e desenvolvida. Ed. Gráfica 43. 1997.

Relatório da gestão municipal prefeito Dalto dos Reis, 1986.

SANTA CATARINA. Diretoria da Instrução Pública. **Ofício expedido**. Florianópolis, SC: Diretor Geral da Instrução Pública do Estado, 3 jan. 1916. Assunto: Denúncia contra Paulo Zimmermann, superintendente de Blumenau. APESC.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO PARA AS FAMÍLIAS⁶⁰

1. Idade

2. Sexo

Feminino	
Masculino	

3. Onde Nasceu:

4. Principal Provedor da sua família:

Eu	
Minha esposa, meu esposo	
Outros Especifique:	

5. Estado Civil:

Solteira (o):	
Casada (o):	
Reside com o companheiro (a):	
Divorciada (o):	
Separada (o):	
Viúva (o):	
Outros Especifique:	

6. Número de Filhos:

7. Renda Mensal da sua Família:

⁶⁰ Elaborado tendo como referência a tese de doutoramento de Dias, Julice (2009).

Mais de 1 até 2 salários mínimos	
Mais de 2 até 3 salários mínimos	
Mais de 3 até 4 salários mínimos	
Mais de 5 até 10 salários mínimos	
Mais de 10 até 20 salários mínimos	

8. Regime de trabalho assalariado

Sim. Período Integral	
Sim. Meio Período	

9. Quanto à sua moradia

Casa	
Apartamento	
Própria	
Alugada	
De Alvenaria	
Em condomínio Fechado	

10. Quantidade dos itens abaixo disponíveis em sua casa

Televisão	
Computador de mesa	
Tablet	
Notebook	
Acesso à Internet	
Telefone Fixo	
Telefone celular	
Automóvel	

11. Sistemas de Ensino em que estudou a maior parte do tempo de sua escolarização

Em sistema particular de Ensino	
Em sistema público de Ensino	

12. Até que nível de escolaridade você estudou? E seu marido/esposa?

Ensino Fundamental Incompleto		
Ensino Fundamental Completo		
Ensino Médio Completo		
Ensino Médio Incompleto		
Ensino Superior Completo		
Ensino Superior Incompleto		
Pós-Graduação Latu sensu (Especialização)		
Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado ou Doutorado)		

13. Indique com que frequência você trocou os bens materiais de sua residência no período de 5 anos?

	1	2	3
Mobiliários			
Eletrodomésticos			
Automóvel			
Telefone Celular			

Legenda: 1- Nunca 2- Algumas Vezes 3- Frequentemente

14. Indique com que frequência você dispense de gastos mensais para as atividades abaixo:

	1	2	3
--	---	---	---

Pagamento de Jardinagem			
Aquisição de roupas			
Aquisição de Calçados			
Pagamentos de Costureira e alfaiate			
Transporte coletivo			
Abastecimento de veículo próprio			
Viagem de fim de semana			
Aquisição de perfumes e cosméticos			
Pagamento de cabeleireiro, manicure, pedicure			
Cursos de aperfeiçoamento profissional			
Aquisição de livros, revistas, jornais			
Mesada para os filhos e filhas			
Aquisição de brinquedos para as crianças			
Diversões e esportes			
Jogos e apostas			
Cerimônias e festas			
Aluguel de casa de praia ou campo			

Legenda: 1- Nunca 2- Algumas Vezes 3- Frequentemente

15. Como você descreveria a cidade de Blumenau? Apresente 5 características que considera principais.
16. Dessas, quais você considera tipicamente germânicas? Por quê?
17. Indique os fatores que te levam a morar nesta cidade.
18. Dentre as características que você apresentou, quais delas você acredita ter relação com seu modo de viver, sentir, pensar e agir? Comente por favor.
19. Tem algum fator que te distanciaria da cidade de Blumenau? Comente por favor.
20. Você costuma participar das festividades típicas de Blumenau? Comente sobre essas festividades e o envolvimento que sua família tem com elas.

21. Você conhece a proposta pedagógica da unidade em que matriculou seu (ua) filho (a)? Como passou a conhece-la? Se fosse para avaliar a proposta que conceito daria? Por quê?
22. Como você mantém contato com as profissionais que trabalham na unidade educativa em que seu (ua) filho (a) está matriculado (a)?
23. Em seu ponto de vista qual a finalidade da Educação Infantil?

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PARA AS PROFISSIONAIS DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA⁶¹

1. Idade

2. Sexo

Feminino	
Masculino	

3. Onde Nasceu:

4. Principal Provedor da sua família:

Eu	
Minha esposa, meu esposo	
Outros Especifique:	

5. Estado Civil:

Solteira (o):	
Casada (o):	
Reside com o companheiro (a):	
Divorciada (o):	

⁶¹ Elaborado tendo como referência a tese de doutoramento de Dias, Julice (2009).

Separada (o):	
Viúva (o):	
Outros Especifique:	

6. Número de Filhos:

7. Renda Mensal da sua Família:

Mais de 1 até 2 salários mínimos	
Mais de 2 até 3 salários mínimos	
Mais de 3 até 4 salários mínimos	
Mais de 5 até 10 salários mínimos	
Mais de 10 até 20 salários mínimos	

8. Regime de trabalho assalariado

Sim. Período Integral	
Sim. Meio Período	

9. Quanto à sua moradia

Casa	
Apartamento	
Própria	
Alugada	
De Alvenaria	
Em condomínio Fechado	

10. Quantidade dos itens abaixo disponíveis em sua casa:

Televisão	
Computador de mesa	

Tablet	
Notebook	
Acesso à Internet	
Telefone Fixo	
Telefone celular	
Automóvel	

11. Sistemas de Ensino em que estudou a maior parte do tempo de sua escolarização

Em sistema particular de Ensino	
Em sistema público de Ensino	

12. Até que nível de escolaridade você estudou? E seu marido/esposa?

Ensino Fundamental Incompleto		
Ensino Fundamental Completo		
Ensino Médio Completo		
Ensino Médio Incompleto		
Ensino Superior Completo		
Ensino Superior Incompleto		
Pós-Graduação Latu sensu (Especialização)		
Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado ou Doutorado)		

13. Indique com que frequência você trocou os bens materiais de sua residência no período de 5 anos?

	1	2	3
Mobiliários			

Eletrodomésticos			
Automóvel			
Telefone Celular			

Legenda: 1- Nunca 2- Algumas Vezes 3- Frequentemente

14. Indique com que frequência você dispõe de gastos mensais para as atividades abaixo:

	1	2	3
Pagamento de Jardinagem			
Aquisição de roupas			
Aquisição de Calçados			
Pagamentos de Costureira e alfaiates			
Transporte coletivo			
Abastecimento de veículo próprio			
Viagem de fim de semana			
Aquisição de perfumes e cosméticos			
Pagamento de cabelereiro, manicure, pedicure			
Cursos de aperfeiçoamento profissional			
Aquisição de livros, revistas, jornais			
Mesada para os filhos			
Aquisição de brinquedos para os filhos			
Diversões e esportes			
Jogos e apostas			
Cerimônias e festas			
Aluguel de casa de praia ou campo			

Legenda: 1- Nunca 2- Algumas Vezes 3- Frequentemente

15. Como você descreveria a cidade de Blumenau? Apresente 5 características que considera principais
16. Dessas, quais você considera tipicamente germânicas? Por quê?
17. Indique os fatores que te levam a morar nesta cidade.
18. Dentre as características que você apresentou, quais delas você acredita ter relação com seu modo de viver, sentir, pensar e agir? Comente por favor.
19. Tem algum fator que te distanciaria da cidade de Blumenau? Comente por favor
20. Você costuma participar das festividades típicas de Blumenau? Comente sobre essas festividades e o envolvimento que sua família tem com elas.
21. Na Proposta Pedagógica da Unidade educativa em que você atua, existe alguma prática que viabilize as tradições germânicas no contexto pedagógico? Comente por favor
22. Em seu ponto de vista, qual a finalidade da Educação Infantil?

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO DE MENORES
CAE: 08975519.1.0000.0118



UDESC
 UNIVERSIDADE
 DO ESTADO DE
 SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
 Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Rotinas Culturais vivenciadas pelas crianças a partir do ideário típico alemão blumenauense”, que fará observações diretas e aplicação de questionário, tendo como objetivo compreender como crianças que residem em Blumenau, na faixa etária entre 3 a 4 anos, em um bairro considerado com grande concentração de moradores alemães, vivenciam nas suas mentalidades a produção e reprodução do ideário alemão tanto no espaço coletivo da educação infantil, como nas reproduções interpretativas e rotinas culturais no âmbito familiar. E tem como objetivos específicos: conhecer como as crianças se relacionam com a cidade; analisar como o *modus operandi* típico blumenauense opera na cidade; Identificar as rotinas culturais vivenciadas pelas crianças no âmbito familiar e educacional.

Serão previamente marcadas as datas e horários para as observações e aplicação do questionário. Estes procedimentos serão realizados no ambiente Institucional e no ambiente doméstico. Não é obrigatório a submeter-se a todas as observações.

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão médios por envolver observações diretas da pesquisadora na instituição de Educação Infantil e no ambiente doméstico, durante as brincadeiras, conversas estabelecidas com colegas, professores e familiares, momentos de alimentação no âmbito doméstico e outras interações que envolvem as rotinas culturais. Caso observe quaisquer tipos de constrangimento ou estresse, a pesquisadora sairá do local, respeitará a vontade e a privacidade do participante.

A identidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão contribuir com dados dos quais possam ampliar ao final desta pesquisa o campo teórico acerca da sociologia da Infância, da cultura infantil e para a compreensão dos processos de produção e reprodução de um típico alemão blumenauense.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão as pesquisadoras, a estudante de mestrado [Maite Daiana Bassani Waltrick], a professora orientadora responsável [Julice Dias].



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

O(a) senhor(a) poderá retirar o(a) seu(ua) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados do(a) seu(ua) filho(a)/dependente para a produção de artigos técnicos e científicos. A privacidade do(a) seu(ua) filho(a)/dependente será mantida por meio da não-identificação do nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO:

NÚMERO DO TELEFONE:

ENDEREÇO:

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC - 88035-901

Fone: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – Lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040 Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a respeito do meu(minha) filho(a)/dependente serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em meu(minha) filho(a)/dependente, e que fui informado que posso retirar meu(minha) filho(a)/dependente do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____

Local: _____

Data: ____/____/____

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES CAE: 08975519.1.0000.0118



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de meu(minha) filho(a)/dependente para fins da pesquisa científica intitulada “Rotinas Culturais vivenciadas pelas crianças a partir do ideário típico alemão blumenauense”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu(minha) filho(a)/dependente possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, o meu filho/dependente não deve ser identificado por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso, e que as fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade e guarda do grupo de pesquisadores do estudo.

O rosto do seu(ua) filho(a)/dependente será encoberto pelo efeito borrão, como forma de não identificação nas imagens de dados coletados através de vídeos e fotografias.

_____, _____ de _____ de _____

Local e Data

APÊNDICE D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO FAMILIARES

CAE: 08975519.1.0000.0118



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Rotinas Culturais vivenciadas pelas crianças a partir do ideário típico alemão blumenauense”, que fará observações diretas e aplicação de questionário, tendo como objetivo compreender como crianças que residem em Blumenau, na faixa etária entre 3 a 4 anos, em um bairro considerado com grande concentração de moradores alemães, vivenciam nas suas mentalidades a produção e reprodução do ideário alemão tanto no espaço coletivo da educação infantil, como nas reproduções interpretativas e rotinas culturais no âmbito familiar. E tem como objetivos específicos: conhecer como as crianças se relacionam com a cidade; analisar como o *modus operandi* típico blumenauense opera na cidade; Identificar as rotinas culturais vivenciadas pelas crianças no âmbito familiar e educacional.

Serão previamente marcadas as datas e horários para observações, onde serão feitos registros em diário de campo, registros audiovisuais, e entregues os questionários. Estes procedimentos serão realizados no ambiente doméstico. Não é obrigatório responder a todas as perguntas, bem como submeter-se a todas as observações.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida a indenização.

O(a) Senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver constrangimento pela presença do pesquisador na instituição e estresse ao responder o questionário.

A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão dados dos quais possam ampliar ao final desta pesquisa, o campo teórico acerca da sociologia da Infância, da cultura infantil e para a compreensão dos processos de produção e reprodução de um típico alemão blumenauense.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: o estudante de mestrado [Maite Daiana Bassani Waltrick], o professor responsável [Julice Dias].

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO:
NÚMERO DO TELEFONE:

ENDEREÇO:

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepesh.reitoria@udesc.br / cepesh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____ .

**APÊNDICE E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PROFESSORAS
DA UNIDADE EDUCATIVA (CAE: 08975519.1.0000.0118)**



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

O (a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Rotinas Culturais vivenciadas pelas crianças a partir do ideário típico alemão blumenauense”, que fará observações diretas e aplicação de questionário, tendo como objetivo compreender como crianças que residem em Blumenau, na faixa etária entre 3 a 4 anos, em um bairro considerado com grande concentração de moradores alemães, vivenciam nas suas mentalidades a produção e reprodução do ideário alemão tanto no espaço coletivo da educação infantil, como nas reproduções interpretativas e rotinas culturais no âmbito familiar. E tem como objetivos específicos: conhecer como as crianças se relacionam com a cidade; analisar como o *modus operandi* típico blumenauense opera na cidade; Identificar as rotinas culturais vivenciadas pelas crianças no âmbito familiar e educacional.

Serão previamente marcadas as datas e horários para observações, onde serão feitos registros em diário de campo, registros audiovisuais, e entregues os questionários. Estes procedimentos serão realizados no ambiente doméstico. Não é obrigatório responder a todas as perguntas, bem como submeter-se a todas as observações.

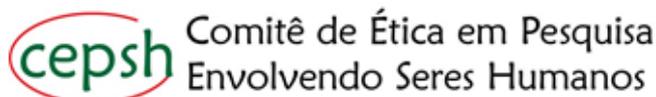
O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Em caso de danos, decorrentes da pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão médios por envolver constrangimento e estresse tratando-se que o pesquisador adentrará o ambiente doméstico para observar as brincadeiras das crianças, seu envolvimento com os adultos, suas interações nas rotinas culturais. Caso observe quaisquer tipos de constrangimento ou estresse o pesquisador sairá do local, respeitará a vontade e a privacidade do participante.

A sua identidade será preservada, pois, cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão dados dos quais possam ampliar ao final desta pesquisa, o campo teórico acerca da sociologia da Infância, da cultura infantil e para a compreensão dos processos de produção e reprodução de um típico alemão blumenauense.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores: a estudante de mestrado [Maite Daiana Bassani Waltrick], a professora orientadora responsável [Julice Dias].



GABINETE DO REITOR

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida por meio da não identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO:

NÚMERO DO TELEFONE:

ENDEREÇO:

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos –

CEPSH/UDESC Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi –

Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsch.reitoria@udesc.br / cepsch.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SRTV 701, Via W 5 Norte – lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte - Brasília-DF - 70719-040

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONCENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____.